

REVISTA DA SEMANA

Ano XLV -- N.º 15 -- Cr \$ 1,50 em todo o Brasil -- 25 de Março de 1944



NO TEXTO:

DULCINA

em

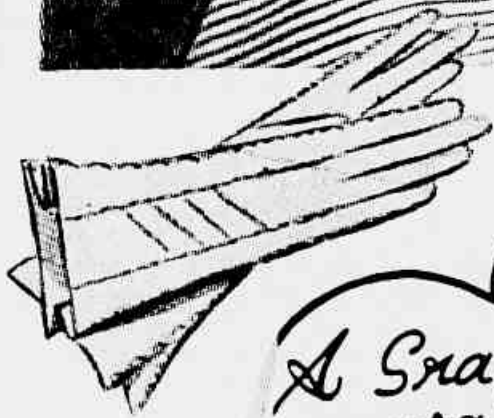
CLEOPATRA

“A ACADEMIA
CRIOU-SE PARA
LITERATOS
AUTENTICOS”

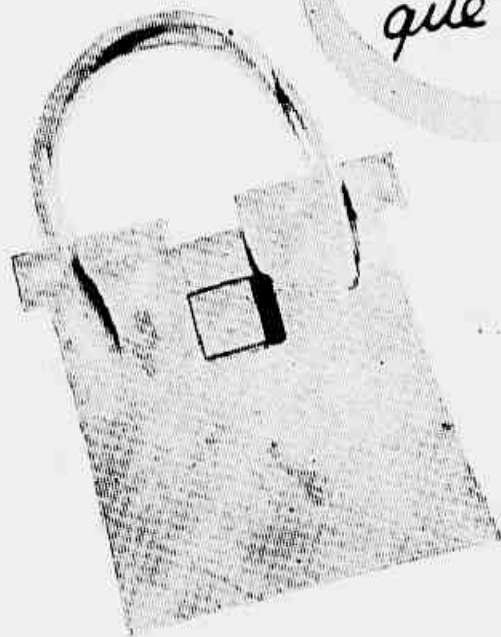
Declara

SYLVIO
JUNIOR

*20-11-44
210*



*A Sra. já conhece
a nova Seccção de
Modas no Sub-
Solo da Casa Lú?
Visite-a e veja o
lindo sortimento
que oferecemos.*



VESTIDOS — CHAPÉOS
COSTUMES — LINGERIE
"SPORT" E PRAIA
BOLSAS — LUVAS
MEIAS — BIJOUTERIE

Casa Lú
Modas

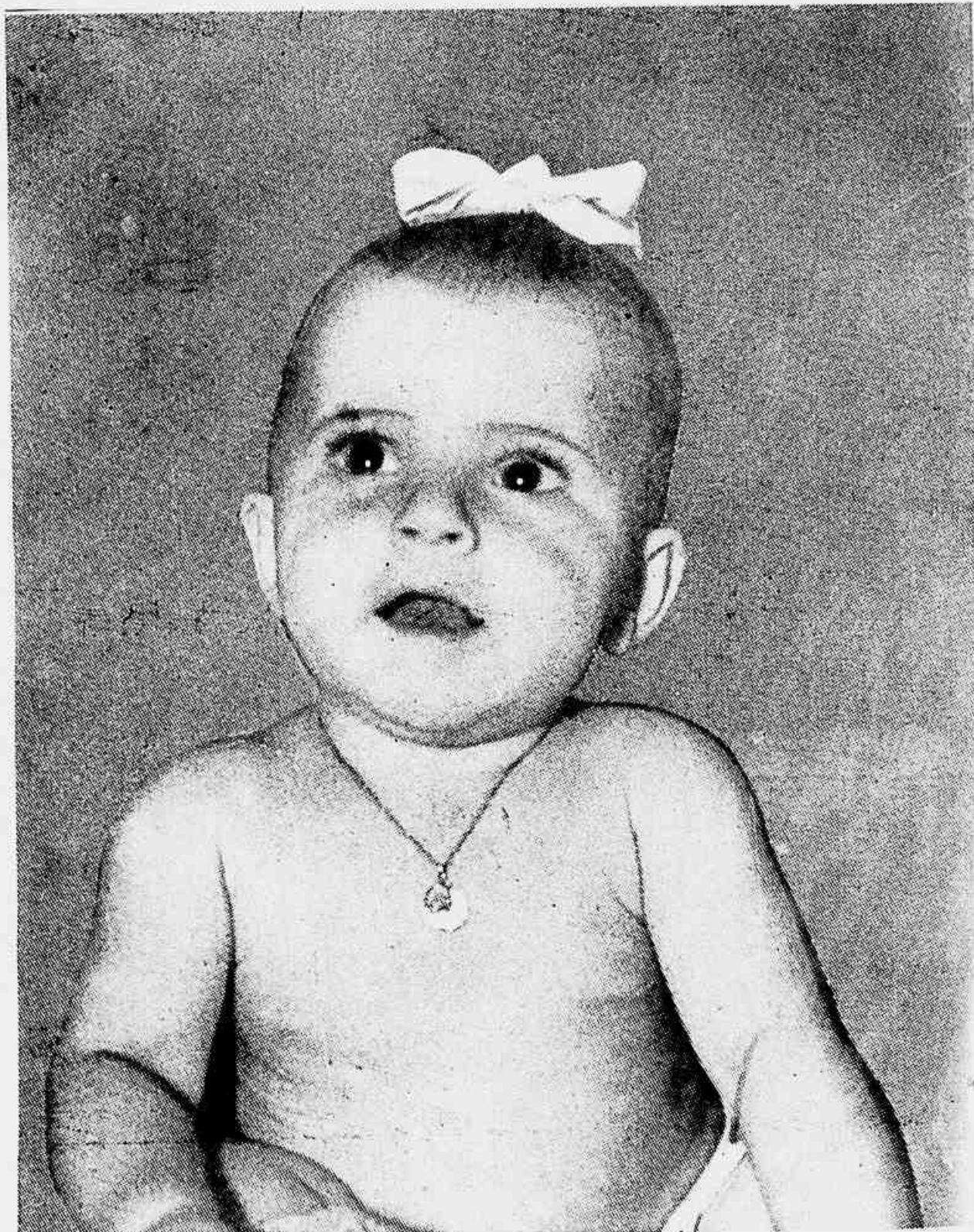
Assembleia esq. Gonçalves Dias



GENTE NOVA

Leda Aires de Melo, filha do sr. J. Alves de Melo. Natal — R. G. do Norte.

Maria Lucia, de 4 meses de idade filha do sr. Djalma Scharth e d. Durvalina Chaves Scharth.





BERILO NEVES

As cidades são conglomerados de vícios e ambições. Fomentam os instintos cruéis da espécie humana. Apagam, gradativamente, os vestígios da inocência primitiva. Transformam o anjo bíblico no demônio humano. E desfazem, a golpes de crimes e de erros, o paraíso que Deus deixou no âmago de cada floresta, á sombra de cada árvore...



As próprias guerras são frutos monstruosos da multiplicação das cidades. Quanto maiores as metrópoles, mais famintas as multidões e mais inquietas as almas. Onde se concertam as campanhas senão no coração das capitais — cidades gigantescas, em cujo recesso se fundem os males dos povos e das épocas?... A gente rural é pacífica como os animais humildes que a cercam. A paisagem silvestre é, por excelência, democrática e fraternal. A luta biológica que se processa no seio da Natureza raro transparece na harmonia das folhas, na opulência dos frutos, na simplicidade inata dos regatos. A cachoeira, tumulto de águas, é uma exceção — como a serpe e o chacal... O bucolismo das coisas e dos seres é uma lição — que os homens esquecem logo que o trem ou automóvel os reconduz aos embates titânicos da metrópole...



A Cidade é uma excrescência no traçado universal da Criação. Deus não deixou semente de edifícios, nem pólen de arranha-céus... O cimento é a terra, modificada pelo homem e tornada dura como o coração d'ele... Ela nada produz — senão vícios, doenças e maldades de toda ordem. Há pestes que só vicejam na Cidade: a tuberculose por exemplo. O sol dos campos, o ar das praias, o cheiro das resinas silvestres matam-lhe o germe, tiram-lhe o poder mortal... E o egoísmo, onde floresce melhor que á sombra malfazeja dos arranha-céus?... A angústia do espaço impede o cultivo das árvores, a convivência das flores, a presença fecunda dos frutos, a graça ornamental das folhas. As crianças precisam de vir para o tumulto das ruas afim de gozarem um pouco de movimento e espaço. Almas engaioladas, sentem-se fechar-se-lhes em derredor o círculo de fogo das proibições e das impossibilidades. Não riem senão o riso nervoso dos inquietos e dos insatisfeitos. Fazem-se homens em espaços restritos, que fariam morrer de tédio um passaro sem aspirações, uma ave sem ninho...

Desde o princípio do Mundo, as cidades atraíram a cólera do Senhor pela multiplicidade dos erros e frequência dos vícios. Sodoma e Gomorra abrasaram-se em chamas. Jerusalém, cidade deificada, arrasou-a Tito e matou-a o tempo. Roma pagou caro a prosápia e a desumanidade. Cartago, sua rival, desfez-se em cinza como uma antevisão de Pompéia africana ou Herculano adusta... Esta tem sido a sorte das cidades gigantescas, cuja descrição ainda hoje pompeia nas páginas da História. E Tiro, e Persépolis, e Tebas, e Sagunto, e Bizâncio — quantas outras perderam o esplendor antigo, senão o nome e a fama?... De Babilônia ainda agora se conserva a tradição, por sinônimo de grandeza desmesurada e opulência fantástica. As guerras, os incêndios, as pestes devastaram-nas e fizeram-nas simples montões de templos arruinados. Atenas vive da sua glória — e o Partenão é, apenas, a sombra de uma obra prima que encheu a alma dos séculos e inebriou o espírito dos homens...



Enquanto isso, velhos cedros do Líbano e baobás da América atravessam os séculos serenos como uma consciência tranquila e verdadeiros como um versículo da Bíblia. As criaturas vegetais cumprem o dever de existir com a quietação de santos e a pureza

de apóstolos. Nunca se viu uma flor a negar a existência de Deus, nem uma folha a provar a supremacia da "Enciclopédia" sobre o Velho ou o Novo Testamento! Não há rosas hipocondríacas, nem dalias atacadas de histerismo... O cenário vegetal é, sempre, uma lição de sabedoria, de paz e de fraternidade. Os próprios bichos, aparentemente inúteis que nele cruzam, têm a sua razão de ser no admirável plano da Criação: o sapo é um inseticida perfeito, a cigarra quebra a monotonia dos crepúsculos e as formigas ensinam com o seu labor contínuo, a eterna lição do trabalho — a primeira e a última que Deus deixou na face da Terra...



A invenção do cimento armado deu uma estrutura de granito às concepções ciclópicas da ambição humana. Multiplicaram-se os edifícios, não em beleza ou arte, mas em utilidade e renda. Condensaram-se milhares de vidas em espaços que mal servem para a vida regular de uma árvore desprezível e simples... A Cidade adquiriu a bruta catadura de uma fortaleza, alicerçada em pedra e rudeza... Tudo é de cimento: o lar e o escritório, o jardim e a fábrica, o berço e o túmulo... Dentro dessas pedras frias, como há de florir um sonho ou pompear uma ilusão? As gavetas de cimento armado restringem os ideais e cortam as asas á inspiração. A Cidade cresce, enquanto o homem míngua e se atrofia... Daqui a um milhar de anos, quem voltasse a vêr o gênero humano, detêr-se-ia num espasmo de horror e mudez; as cidades ciclópicas, verdadeiras florestas de pedra, teriam tornado irreconhecível o *homo sapiens*, de Línco, vítima do cimento, do egoísmo e da ambição desvairada e estúpida...



O problema da felicidade humana está em multiplicar as árvores, os jardins, as hortas e os pomares — toda a criação vegetal, sob as formas mais humildes ou mais belas, mais úteis ou mais cenográficas... Façamos a Cidade-Jardim, antes que os fenômenos da economia política nos imponham a Cidade Cemitério... Combatamos a casa de apartamentos, como se combate um câncer e se erradica uma infecção... O arranha-céu é a mais odiosa forma de capitalismo que já se inventou no mundo. Antes o ar livre, do que o cimento armado. Só as árvores têm o direito de crescer no sentido vertical, isto é, no sentido da Perfeição e da Eternidade...



A Cidade tende a destruir-se por si mesma, quando cresce demais... Berlim é uma prova de que não se foge às leis da justiça de Deus... O fogo que a arrasa é um castigo á iniquidade de que ela se tornou centro e cabeça... Como Sodoma e Gomorra, são os crimes que a incendeiam, é o pecado que a arruina...



No Brasil, não temos necessidade de cidades gigantescas, porque a terra é grande e o ar, benigno... Precisamos de voltar á Natureza, que nos é tão propícia e dadivosa como jamais foi a qualquer povo do Mundo. Semecemos florestas, multipliquemos jardins, enchamos de hortas e pomares qualquer nega de solo que nos caiba de sorte. Somos um povo simples, como a nossa própria flora — despida de árvores gigantescas, mas rica de espécimes umbrosos... E façamos da cidade-jardim o mixto ideal, em que a Civilização e a Natureza se unam para dar ao homem o máximo de felicidade a que tem direito, neste cenário de maravilhas que é a terra do Brasil.

PATOLOGIA DAS CIDADES



ASPECTO DA AVENIDA AINDA EM CONSTRUÇÃO. VÊ-SE NO PRIMEIRO PLANO, À ESQ., A CONSTRUÇÃO DO PRÉDIO DO "JORNAL DO BRASIL" E REVISTA DA SEMANA, ENTÃO DE SUA PROPRIEDADE. À DIREITA, DEFRONTANDO-SE COM A CASA COLOMBO, AS OBRAS DE CONSTRUÇÃO DO "JORNAL DO COMÉRCIO."

Os quarenta anos da Avenida Central

FLAGRANTE PUBLICADO NA PRIMEIRA PÁGINA DA REVISTA DA SEMANA DE 13 DE MARÇO DE 1904. CINCO DIAS ANTES, O ENTÃO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES, E O PREFEITO PEREIRA PASSOS, INAUGURAVAM A PEDRA FUNDAMENTAL DAS OBRAS DA AVENIDA, BENZIDA POR S. EX. REVMA. O SR. ARCEBISPO.



COMEMOROU-SE este mês, no dia 8, o 40.º aniversário do lançamento da pedra fundamental da Avenida Rio Branco, no governo do Dr. Rodrigues Alves. Esta obra grandiosa que marcou o início do saneamento e do aformoseamento da metrópole, foi executada por Paulo de Frontin.

Damos aos nossos leitores, certos de que o assunto interessa a todos, agora que novas e arrojadas obras estão sendo levadas a cabo, através de todas as dificuldades do momento, algumas informações sobre o histórico da grande artéria.

Passemos a palavra ao Juiz Alfredo de Castro Silveira, contemporâneo da abertura da Avenida Rio Branco, que nos fala sobre os acontecimentos e as circunstâncias dramáticas em que Paulo de Frontin levou avante o seu plano.

— A opinião geral na época, e a do próprio prefeito Pereira Passos era a da impossibilidade de realização do plano, que consideravam demasiadamente ousado. Derubar mais de 700 prédios para abrir uma avenida de mais de 2.000 metros no coração da cidade, parecia-lhes uma empresa por demais arrojada. Entretanto, o programa de Rodrigues Alves previa a abertura de uma avenida nessas condições, e Oswaldo Cruz declarara peremptoriamente que "sem a abertura de nova artéria que viesse extinguir os focos de miasmas e os velhos pardieiros no fundo dos quais se encontravam verdadeiros pavês no centro da cidade — bem como as vielas — a sua obra quedaria inútil, de vez que o centro da disseminação não havia sido saneado."

O próprio Pereira Passos desaconselhava a realiza-

ção da obra, sob a alegação de que sua execução demandaria mais de dez anos — uma verdadeira utopia. Entretanto, Frontin, o idealizador da obra garantiu que a faria em menos de seis meses. O pavor foi geral. Lauro Muller, então ministro da Viação, resolveu estornar do crédito de oito milhões de esterlinos, a quanto montavam as obras do Porto do Rio de Janeiro, quarenta e um mil contos para a construção da Avenida Central. A primeira iniciativa, pois, partiu de Lauro Muller, cuja ideia vinha de há quarenta anos atrás. A grita da Imprensa foi enorme. Tres grandes diários iniciaram uma campanha violentíssima. Os estorvos cresciam. Oito dias antes da inauguração definitiva, apareceram, aproximadamente, dez mil paralelepípedos na Avenida, defronte do atual Monroe, para retardar a inauguração. Duas vezes Frontin oficiou à Prefeitura, pedindo a retirada dos paralelepípedos, sem obter resposta. Por fim, num último ofício, deu o prazo de 24 horas para que fosse removido o entulho, vendo-se obrigado a jogar tudo ao mar, caso não fosse atendido. Não sendo atendido, cumpriu a promessa. Mas a imprensa oficial da Prefeitura continuava a campanha: "o Eixo estava torto", "a Avenida era o maior erro do governo de Rodrigues Alves", "todo o mundo devia estar bêbado, naquele caso", "a largura da Avenida de 33 metros, era absurda", etc.

— Teria a nova artéria mil e oitocentos metros de extensão, que, mais tarde, com os aterros, chegaria a 2.000, tendo 33 metros de largura, sendo sete em cada passeio lateral. E iria de mar a mar, da Prainha à Ajuda. Cortaria boa parte do Morro do Castelo, na atual Cinelandia, e, também, boa extensão da rocha denominada São Bento, na Praça Mauá.

O primeiro pardieiro a vir abaixo foi o de número 28, na rua da Prainha. E, logo a seguir, uma dezena de prédios vinha abaixo, desmentindo a rotina e o pessimismo. "No Brasil, dizia o grande engenheiro, — as obras têm de ser feitas rapidamente, numa administração, pois, se se deixar para a imediata, haverá sempre solução de continuidade."

Nos dias seguintes, ruíram os grandes prédios como a Casa Colombo, Hasenclever e outras, para, finalmente, cento e setenta dias depois "antes dos seis meses" e

COMEMORANDO O EMPREENDIMENTO ARROJADO DO GOVERNO RODRIGUES ALVES

Falar da Avenida Rio Branco, outrora Avenida Central, é aludir ao período de remodelação da cidade a que se entregaram Paulo de Frontin e Pereira Passos, no governo Rodrigues Alves. Quarenta anos transcorridos, o carioca assiste, entusiasmado, a outro grande e notável empreendimento de seus atuais governantes, em prol do aformoseamento e de um progresso maior da metrópole. São, por isso, oportuníssimas estas evocações, prêsas a vários capítulos da vida do Rio de Janeiro, aos quais sempre se associou a REVISTA DA SEMANA, publicação fundada ao alvorecer do século que tantos e tão gigantes progressos devia trazer para a terra da Guanabara.

— como Frontin havia prometido — inaugurar-se, sobre montes de entulhos, em bondes esportivos que partiram de uma a outra praia, o tradicional "Eixo da Avenida". Realizara-se para espanto dos que não acreditavam no que chamavam pejorativamente o "terremoto". E não se levou aos tribunais uma única questão! Os proprietários eram pagos sempre na base da média entre o mínimo e o máximo das avaliações. E ainda se pagava (a todos indistintamente) as perdas e danos decorrentes da mudança em 24 horas como era exigido em todos os casos.

Mas não ficou aí a grandiosa obra do autor da Avenida Rio Branco ele abriu mais, e com a mesma verba, duas avenidas paralelas: as do México e Luiz de Vasconcelos — além de projetar e iniciar outras transversais, que foram as ruas Acre, S. Bento, Municipal, Mosteiro, Beneditinos, Santo Antonio, etc.

Aí fica um breve resumo histórico, da Avenida Rio Branco, artéria que poderia figurar em qualquer das grandes metrópoles do mundo, e que, por certo, não envergonhará suas irmãs mais novas que agora surgem.



O MAIS RECENTE ASPECTO DA AVENIDA CENTRAL — HOJE AVENIDA RIO BRANCO — FEITO NO DIA EM QUE SE COMEMORAVAM OS QUARENTA ANOS DE SUA FUNDAÇÃO.

O LARGO DA AJUDA, ANTES DAS DEMOLIÇÕES PARA ABERTURA DA AVENIDA. EM 1904, EXATAMENTE ONDE HOJE ESTA SITUADO O CRUZAMENTO DE SENADOR DANTAS E EVARISTO DA VEIGA.

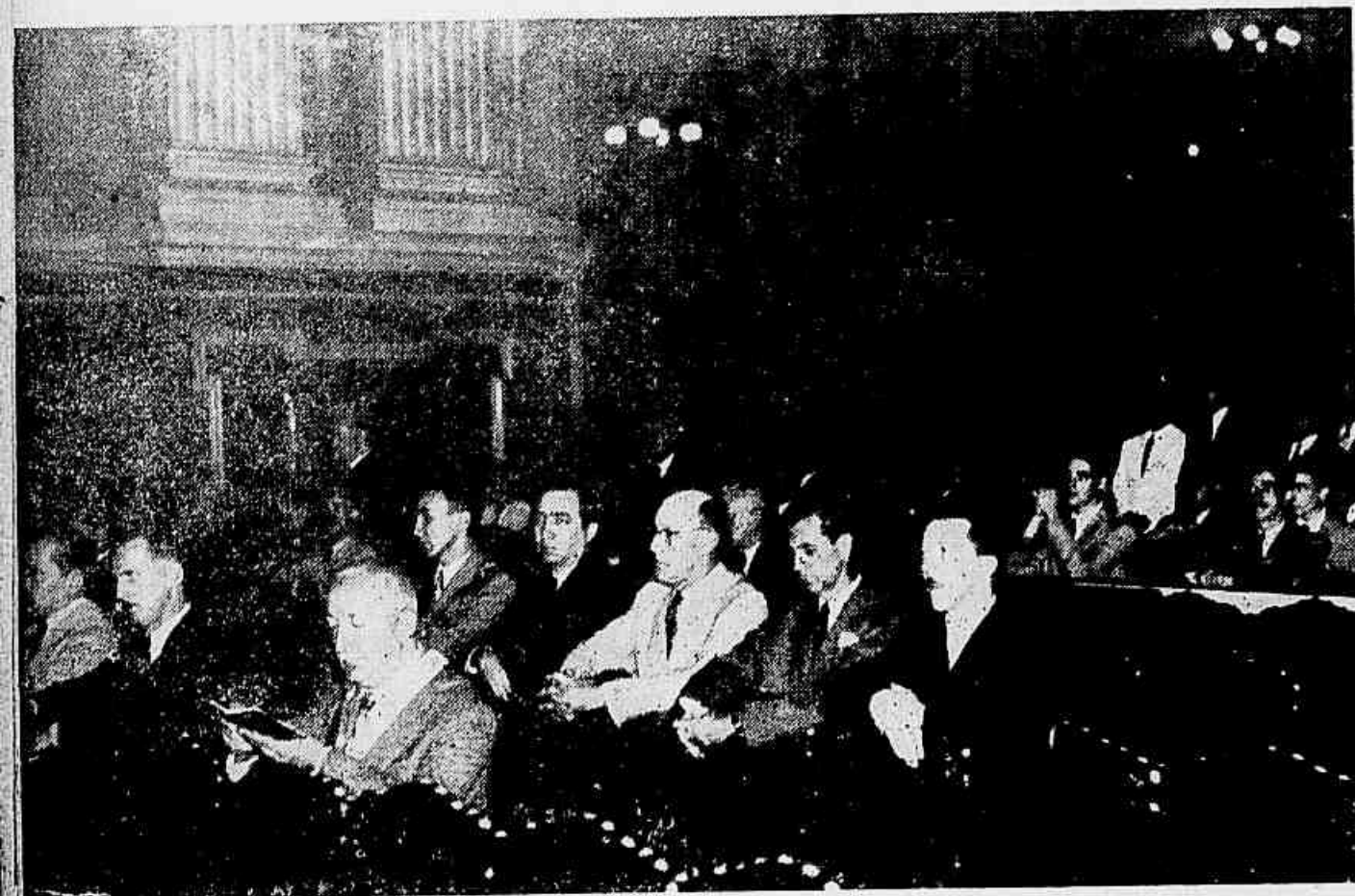


de inauguração dos trabalhos de construção da Avenida Central

Hoje, dia de mais de Março de ameno tempo, o Nosso Senhor Jesus Christo de mil novecentos e quatro presentes no templo de Jesus Christe Birremano Portuguez, no Largo da PRAIA, S. E. do Sr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, Presidente da Republica, os Ministros de Estado, o Prefeito do Districto Federal, o Alcaide do Rio de Janeiro, as autoridades federais e municipais, os directores da Comissao Fiscal e Administrativa das Obras do Porto do Rio de Janeiro, o Dr. Paulo de Frontin, engenheiro chefe da Comissao Construtora da Avenida Central e grande numero de convidados, o Ex. Sr. Dr. Lino Moura, Ministro da Industria, Viacao e Obras Publicas convida o Sr. Presidente da Republica para inaugurar os trabalhos de construção da Avenida Central, consistindo no corte de pedra no Morro de S. Bento e na collocacao da primeira pedra de primeira edificação se construir na mesma Avenida o qual e de responsabilidade do Sr. Engenheiro Frontin. Em seguida e lavada em duplicata o presente auto que vai assignado pelas pessoas presentes a esta solemnidade

AUTO DE INAUGURAÇÃO DOS TRABALHOS DE CONSTRUÇÃO, FEITO EM 8 DE MARÇO DE 1904, REGISTRANDO O INÍCIO DO CORTE DE PEDRA DO MORRO DE SÃO BENTO.

UMA AUSPICIOSA DATA PARA O BANCO DO DISTRITO FEDERAL S/A



Um aspecto do interior da Candelaria, quando era rezada a missa em ação de graças.

Foram brilhantes as comemorações com que o Banco do Distrito Federal S. A. assinalou, em 15 do corrente, a passagem do vigésimo quinto aniversário de sua fundação.

Tiveram início as solenidades comemorativas da auspiciosa efemeride com a missa em ação de graças mandada celebrar pela Diretoria do tradicional estabelecimento de crédito, às nove horas, na Igreja da Candelaria. A este ato religioso, compareceram, além de todos os diretores e auxiliares do Banco, grande número de clientes e elementos da alta sociedade.

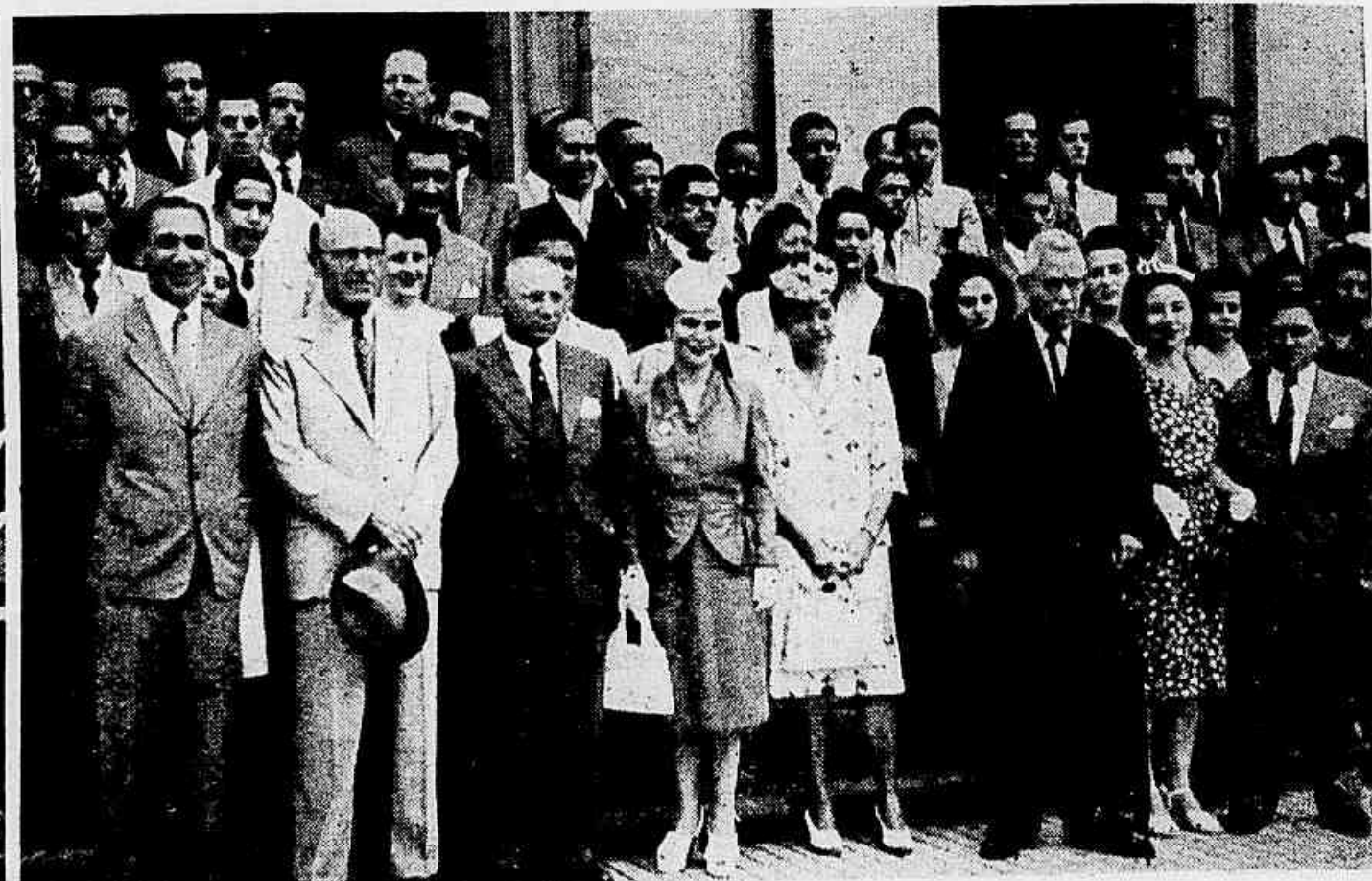
Teve lugar após, na própria sede do Banco, o almoço de confraternização oferecido pela Diretoria aos funcionários da grande instituição de crédito.

Durante o *ágape* usou da palavra o Dr. Djalma Pinheiro Chagas que, em brilhante oração, ofereceu o almoço aos funcionários, exaltando em belas palavras a sua colaboração incansável nos trabalhos da Diretoria, um dos fatores preponderantes do sucesso alcançado pelas suas transações. O orador, em rápidos traços, historiou ainda a vitoriosa evolução do Banco do Dis-



Um aspecto do almoço de confraternização.

Grupo formado na escadaria da Candelaria, vendo-se os diretores do Banco cercados pelos funcionários do grande estabelecimento de crédito.



Diretores, altos funcionários do Banco do Distrito Federal e pessoas de suas famílias, fotografados após a missa.

trito Federal, terminando o seu discurso sob vibrante salva de palmas.

Agradecendo em nome do funcionalismo, falou o Sr. José Borges, auxiliar da Gerência, que ressaltou a ação da diretoria no desenvolvimento e progresso do Banco, salientando a sua preocupação sincera de prestigiar e amparar os seus funcionários por meio de medidas de assistência e outras provas de apreço e simpatia.

Falou ainda o Dr. Draut Ernany, dirigindo uma saudação aos diretores e funcionários que labutam nas Sucursais e agências da importante instituição de crédito, testemunhando-lhes os agradecimentos dos Diretores pela sua cooperação dedicada; S. S. teve palavras elogiosas para os funcionários do Banco que servem atualmente nas nossas forças armadas, recebendo então entusiásticos aplausos.

Assim terminou o almoço de confraternização, uma expressiva festa, transcorrida num ambiente de ampla cordialidade que, por si só, bem afirmou o espírito liberal, e progressista dos dirigentes do Banco do Distrito Federal.



REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 e qualquer parte do país o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endergo telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

ANO XLV --- 25-3-1944 --- N. 13

sumário:

LITERATURA

Psicologia das Cidades (Berilo Neves)	3
Livros Novos	10
A Águia de Haya e seus vãos literários	8
O Brasil na Exposição Universal de 1867 (Escagnolle Doria)	14
Homicídio (Novela de Arnold Bennett)	15
A Viagem de Regresso (Copelius Gomez)	17
A Paixão Curou o Invalído (Michel Davet)	43

REPORTAGENS

Os Quarenta Anos da Avenida Central	4
Por que se candidatou à Academia? — Entrevista com Silvio Júlio	12
Dulcina e a Cleopatra de Bernard Shaw	25
Notícia Elegante	24

FOTOGRAFICAS

Gente Nova	2
Aconteceu no Rio	33
Jockey Club	43

CINEMA

As Estrelas Visitam-se — e outros assuntos a começar da página	39
--	----

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos — a começar da página	35
--	----

AVULSAS

De Teatro — De Rádio	18
A Guerra em Marcha	19
As Maiores Vítimas	20
As Mascotes dos Soldados	22
Dois Modelos Exclusivos de Alina	29

CARICATURAS

De Bom Humor	38
"Cherrie" de Raul	51

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

E' esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use *Regulador Gesteira* sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo

a usar *Regulador Gesteira*

A NOSSA CAPA

Uma inconfundível figura do nosso teatro de declamação ilustra hoje a capa da REVISTA DA SEMANA. Ela é duplamente oportuna: porque, de fato, trata-se de uma artista brasileira em pleno auge e porque vai dar-nos, ainda e te mais, uma série de espetáculos de reêvo artístico excepcional, sob o patrocínio da Prefeitura, a realizarem-se no primeiro teatro da metrópole, o Municipal. Em outras páginas desta edição vão os leitores encontrar uma ampla reportagem fotográfica, dos tipos principais da peça de estreia, *Cesar e Cleopatra*, de Bernard Shaw. Mas

o que desejamos evidenciar, neste registro à parte, é a personalidade de Dulcina, atriz que honra a cena brasileira, filha de um casal de artistas — Conchita e Atila de Moraes — e esposa de um ator de relêvo, Odilon. Desde menina ela pisou o palco, e parece que sua estreia deu-se quando tinha apenas alguns meses de vida, num teatrinho do Interior de cujo elenco participavam os pais.

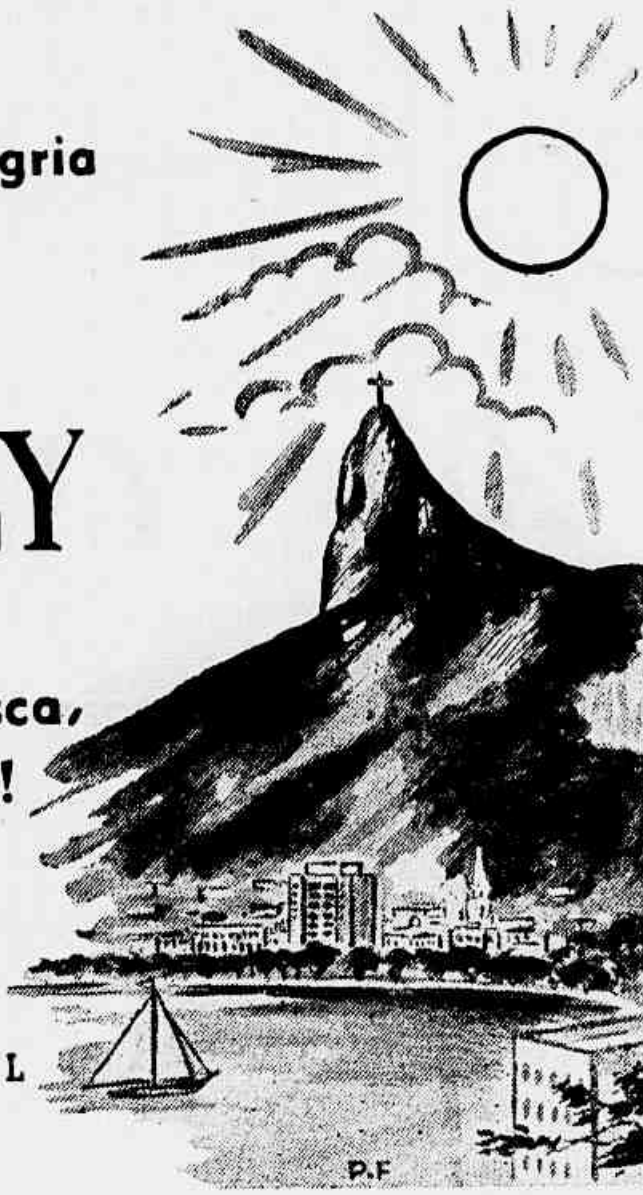
Por engano, lê-se na capa uma referência ao escritor "Silvio Júlio" quando na realidade trata-se de Silvio Júlio, de quem damos, em outras páginas, polpitante entrevista.

As chuvas refrescam e trazem alegria à natureza!

LAVANDE GALLY

— nos dias de intenso calor, refresca, perfuma o corpo e alegria a vida!

A VENDA EM TODO O BRASIL



A Águia de Haya e seus

Em 5 de Novembro de 1849, há noventa e quatro anos passados, numa casa pobre da Rua dos Capilães, na velha capital baiana, um recém-nascido começou a berrar. E então ninguém de certo adivinhou que aquela mesma voz faria vibrar, mais tarde, o Brasil inteiro!

O pai do garoto, João Barbosa, modesto professor e humilde funcionário do governo, escolheu para o filho um nome bem pequenino. Três letrinhas somente, apenas uma sílaba... E esse nome, tão minúsculo, encheu todo o país com o seu prestígio, com a sua glória. Ainda hoje, tanto no Rio como nos mais distantes vilarejos do sertão, falamos de Rui, o grande Rui, o maravilhoso Rui Barbosa.

Aos 17 anos de idade, o extraordinário brasileiro já brilhava, pronunciando o seu primeiro discurso. E era um discurso de profundo espírito político e de alto sentimento humano, pois se inspirava na causa da Abolição. Dai por diante, a sua voz sempre se ergueu pela liberdade, pela harmonia internacional, pela grandesa da pátria, pela civilização moderna. Cabeça prodigiosa onde todas as ideias podiam viver; capacidade de estudo verdadeiramente sobrenatural, honradez e bravura acima de qualquer hesitação, esse grande culto da nossa terra, esse estupendo exemplar da nossa raça, constituiu o expoente da nossa cultura, da nossa força intelectual, do nosso valor diante do mundo.

Cada página de Rui é sempre uma obra prima. A perfeição do estilo se harmoniza com a clareza solar do pensamento. Eis, por exemplo, a definição que ele nos dá sobre esta palavra inspiradora — PÁTRIA...

A Pátria é a família amplificada.

E a família, divinamente constituída, tem por elementos orgânicos a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerença, o sacrifício.

E' uma harmonia instintiva de vontades, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas entrelaçadas.

Multiplicai a célula, e tendes o organismo.

Multiplicai a família, e tendes a pátria. Sempre o mesmo plasma, a mesma circulação sanguínea. Os

EXATAMENTE QUANDO O NOME DE RUI BARBOSA MAIS SE EVIDENCIA, EM TRIBUTOS E PREITOS DE HOMENAGEM QUE SE FAZEM SENTIR CADA QUAL MAIS JUSTO E EXPRESSIVO, A REVISTA OFERECE AOS SEUS LEITORES, MAIS UMA BRILHANTE CRONICA DA SERIE "BIBLIOTECA DO AR", PROGRAMA LITERARIO QUE A RADIO MAYRINK VEIGA TRANSMITE SEMANALMENTE, SOB A RESPONSABILIDADE DO ESCRITOR GENOLINO AMADO, REPRODUÇÃO DEVIDAMENTE AUTORIZADA.

homens não inventaram, antes adulteraram a fraternidade, de que o Cristo lhes dera a fórmula sublime, ensinando-os a se amarem uns aos outros.

Dilatai a fraternidade cristã, e chegareis das afeições individuais às solidariedades coletivas, da família à nação, da nação à humanidade.

Objetar-me-eis com a guerra? Eu vos respondo com o arbitramento.

O porvir é assás vasto, para comportar esta grande esperança. Ainda entre as nações independentes, soberanas, o dever dos deveres está em respeitar nas outras os direitos da nossa. Aplicai-o agora, dentro das raízes desta; é o mesmo resultado: benqueiramo-nos uns aos outros, como nos queremos a nós mesmos.

Se o casal do nosso vizinho cresce, enrica e pompeia, não nos amofine a ventura de que não compartilhamos. Bendigamos, antes, na rapidez de sua medrança, no lustre da sua opulência, o avultar da riqueza nacional que se não pode compor da miséria de todos.

BIBLIOTECA DE RUI BARBOSA, HOJE PARTE INTEGRANTE DA CASA DE RUI BARBOSA, ADQUIRIDA PELO GOVERNO PARA MUSEU, COM TODOS OS LIVROS E MOBILIARIO QUE HAVIAM PERTENCIDO AO GRANDE BRASILEIRO.

Por mais que os sucessos nos elevem, nos comícios, no foro, no parlamento, na administração, aprendamos a considerar no poder um instrumento de defeza comum, a agradecer nas oposições as válvulas essenciais da segurança da ordem, a sentir no conflito dos antagonismos descobertos, a melhor garantia da nossa moralidade.

Não chamemos jamais de inimigos da pátria aos nossos contendores. Não verberemos jamais de traidores à pátria aos nossos adversários mais irredutíveis. A pátria não é ninguém: são todos; e cada qual tem no seio dela o mesmo direito à ideia, à palavra, à associação.

A pátria não é um sistema, nem uma seita, nem um monopólio, nem uma forma de governo; é um céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos, o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade.

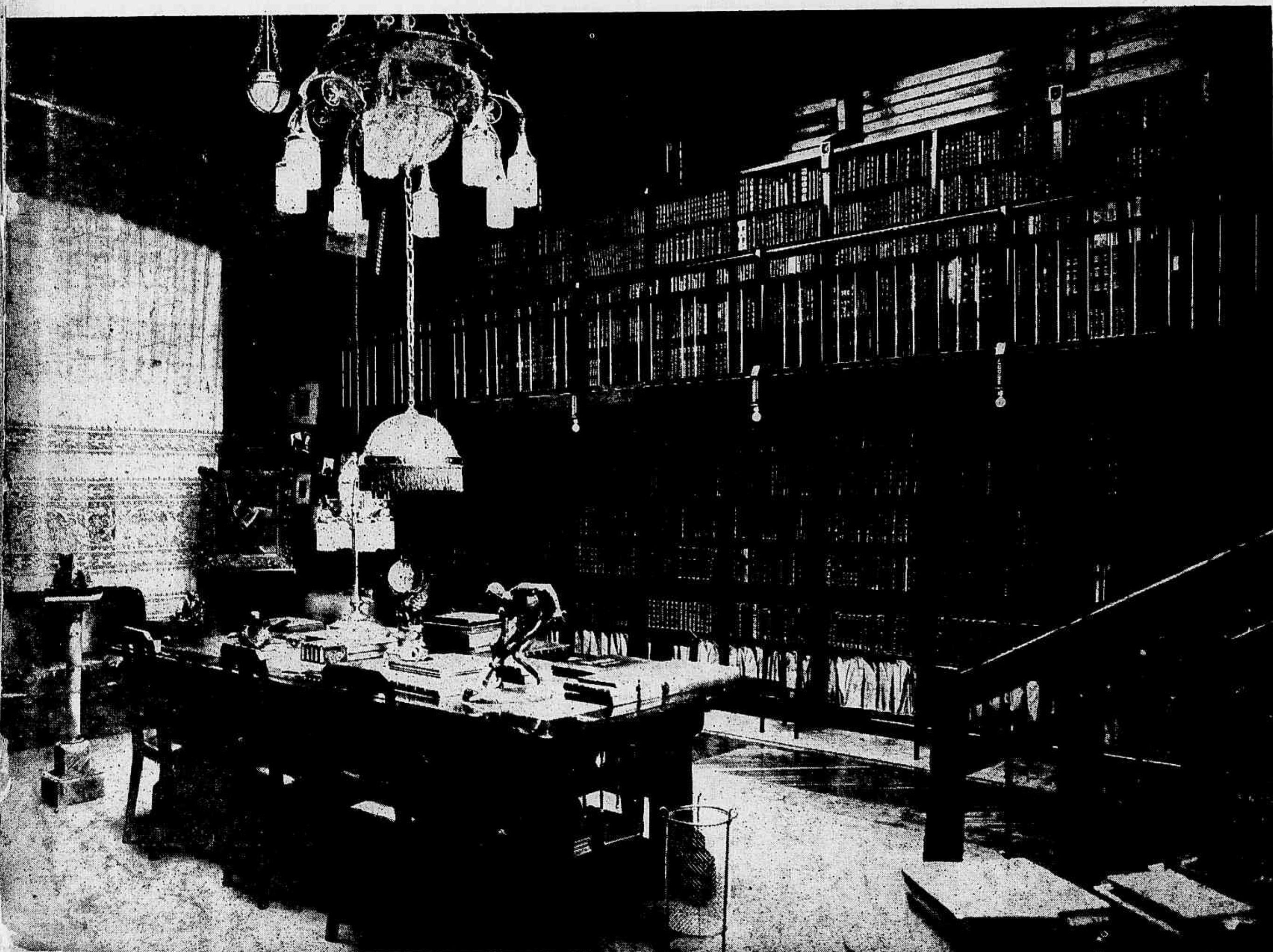
Os que a servem são os que não invejam, os que não infamam, os que não conspiram, os que não sublevam, os que não desalentam, os que não emudecem, os que não se acobardam, mas resistem, mas ensinam, mas esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo. Porque todos os sentimentos grandes são benignos e residem originariamente no amor.

No próprio patriotismo armado, o mais difícil da vocação, e a sua dignidade, não está no matar mas no morrer.

A guerra legitimamente, não pode ser o extermínio, nem a ambição: é simplesmente a defesa. Além desses limites, seria um flagelo bárbaro, que o patriotismo repudia.

Não existe seleta nem antologia de literatura brasileira em que esta página não seja transcrita. E assim tem de ser pela admirável pureza do estilo e pela sabedoria, cheia de sentimento brasileiro, que transparece nessa definição inesquecível.

Mas Rui Barbosa não precisava de assuntos assim tão grandes, como Pátria, para dar a marca da sua perfeição literária. Mesmo em pequeninos temas da vida, o grande artista da palavra soube demonstrar a sua pro-



Vôos literarios



UM FLAGRANTE HISTÓRICO: RUI BARBOSA SAINDO DA RIDERZAAL, APÓS UMA REUNIÃO DA CONFERENCIA DE HAYA.

digiosa capacidade de expressão. A prova está neste delicioso trecho de discurso, em que o gênio baiano fala das famosas andorinhas de Campinas:

♦ ♦ ♦

Pelo límpido azul já sem sol, antes que se ine esvaia de todo o ouro de seus átomos de luz, mas quando o crepúsculo entra a desmaiar do seu brilho a safira celeste, um ponto retinto, perdido nos longes mais remotos, se acentua em negro na cúpula do firmamento, lá bem alto, bem de cima, como se a ponta de uma seta, desfechada perpendicularmente de além, varasse ali a redondeza anilada.

Era um; e, logo após, já são muitos, já vêm surdindo inumeráveis, já parecem infinitos; já se cruzam e recruzam, já se encontram e circulam; já se condensam e escurecem.

Eram um grupo e já formam um bando, já vêm crescendo em longas revoadas, já refervem em enxames e enxames, já se estendem numa vasta nuvem agitada. Toldaram o céu, encheram o ar, vêm-nos ondeando sobre as cabeças. Agora, afinal, como os movimentos de uma grande vaga sombria, pontuada de branco, a librar-se entre a terra e a imensidade, baixa a massa inquieta rumorejando, oscilando, flutuando, rasga-se na corôa das palmeiras, açoita os fios telegráficos, resvala pelos tetos do casario, e, ao cabo, arfando e remoinhando, turbilhando e restrugindo com o estrépito de uma cascata argentina, de uma cachoeira de cristais que se espedaçam, chilreada imensa de vozes e grasnadas, dezenas de milhares, pendem, mergulham e desaparecem, numa imensa curva borbulhante, por sobre o largo telheiro abandonado que essa aérea multidão erradia elegera entre nós para abrigo do seu descanso nas cálidas noites de verão.

♦ ♦ ♦

Orador, político de culminante relevo, empenhado quase sempre em ardentes campanhas cívicas, nem por isso Rui Barbosa deixou, de ser um homem de letras no mais amplo sentido do termo. Basta ver as suas magníficas páginas de crítica sobre Swift e Carlyle. E é preciso também não esquecer a sua tão célebre polémica, travada com Ernesto Carneiro Ribeiro, sobre as mais difíceis questões de linguagem. E se isso ainda não fosse suficiente, poderia ser lembrada ainda a sua estupenda saudação a Anatole France, quando o expoente da literatura francesa andou pelo Brasil.

Rui Barbosa foi escolhido, á ultima hora, para saudar o autor d'O LIRIO VERMELHO na Academia Brasileira. Nem teve tempo de escrever o discurso. Falou de improviso. E num francês perfeitíssimo, um francês que impressionou ao próprio Anatole pela correção absoluta do estilo clássico. Nesse esmero de forma, Rui Barbosa fez um apanhado seguríssimo de toda a arte anatoliana, fazendo a sua análise como um grande crítico. O proprio homena-

geado reconheceu que ainda não encontrara em Paris quem lhe houvesse falado num francês melhor e com uma compreensão tão exata da sua obra.

Coube também a Rui Barbosa discursar junto á sepultura de Machado de Assis, em nome da Academia. Ora, uma profunda amizade unia os dois grandes espiritos. Era como se fossem dois irmãos...

Imagine-se, pois, a dor com que Rui Barbosa falou nessa despedida... Eis as suas palavras comoventes:

Designou-me a Academia Brasileira de Letras para vir trazer ao amigo que de nós aqui se despede, para lhe vir trazer, nas suas próprias palavras, num gemido da sua lira, para lhe vir trazer o nosso "coração de companheiros."

Eu quasi não sei dizer mais, nem sei que mais se possa dizer, quando as mãos que se apertavam no derradeiro encontro, se separam desta para outra parte da eternidade.

Nunca ergui a voz sobre um túmulo, parecendo-me sempre que o silêncio era a linguagem de nos entendermos com o mistério dos mortos. Só o irresistível de uma vocação como a dos que me chamaram para órgão destes adeuses me abriu a bôca ao pé deste jazigo, em torno do qual, ao movimento das emoções reprimidas se sobrepõe o murimúrio do indizível, a sensação de uma existência cuja corrente se ouvisse cair de uma em outra bacia, no insondável do tempo, onde se formam do veio das águas sem manchas, as rochas de cristal exploradas pela posteridade.

Do que a ela se reserva em surpresas, em maravilhas de transparência e sonoridade e beleza na obra de Machado de Assis, di-lo-ão outros, não de o dizer os seus confrades, já o está dizendo a imprensa, e de esperar é que o diga, dias sem conta, derredor do seu nome, da lápide que vai tombar sobre o seu corpo, mas abrir a porta ao ingresso da sua imagem na sagração dos incontestados, a admiração, a reminiscência, a máguia sem cura dos que lhe sobrevivem. Eu de mim, porém, não quizera falar senão do seu coração e de sua alma.

Daqui, deste abismar-se de ilusões e esperanças que sossobram ao cerrar de cada sepulcro, deixemos passar a gloria na sua resplandecência, na sua fascinação, na impetuosidade do seu vôo. Muito ressambrava sempre da nossa debilidade, na altivez do seu surto e na confiança das suas asas. As arrancadas mais altas do genio mal se libram nos longes da nossa atmosfera, de todas as partes envolvida e distanciada pelo infinito. Para se não perder no incomensurável deste, para se avizinhar a terra do firmamento, para desassombrar a impenetrabilidade da morte, não ha nada como a bondade. Quando ela como aqui, se debruça fóra de uma campá ainda aberta, já se não cuida que lhe esteja á beira de guarda, o mais malquisto dos nomes, no sentimento grego, e os braços de si mesmo se levantam, se estendem, se abrem, para tomar entre si a visão querida que se aparta.

Não é o classico da língua; não é o mestre da frase; não é o árbitro das letras; não é o filosofo do romance; não é o magico do conto; não é o joalheiro do verso, o exemplar, sem rival entre os contemporâneos, da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer: é o que soube viver intensamente da arte, sem deixar de ser bom. Nascido com uma destas predestinações sem remédio ao sofrimento, a amargura do seu quinhão nas expiações da nossa herança o não mergulhou no pessimismo dos sombrios, dos mordazes, dos invejosos, dos revoltados. A dor lhe aflorava ligeiramente aos lábios, lhe recava ao de leve a pena, lhe requemava sem azedume das obras, num ceticismo entre-meio de timidez e desconfiança, de indulgência e receio, com os seus toques de malícia a sorrirem, de quando em quando, sem maldade, por entre as dúvidas e as tristezas do artista. A ironia mesma se despoenta, se embebe de suavidade no íntimo desse temperamento, cuja compleição, sem desigualdades, sem espinhos, sem asperezas, refrataria aos antagonismos e aos conflitos, dizer-se-ia emersa das mãos da propria Harmonia, tal qual essas criações da Hélade, que se lavraram para a imortalidade num mármore cujas linhas parecem relêvos do ambiente e projeções do céu no meio do cenário que as circunda.

Modelo foi de pureza, correção, temperança e doçura: na família, que a unidade e devoção do seu amor converteram em santuario; na carreira publica, onde se extremou pela fidelidade e pela honra; no sentimento da língua pátria, em que prosava como Luiz de Souza, e cantava como Luiz de Camões; na convivência dos seus colegas, dos seus amigos, em que nunca deslisou da modestia, do recato, da tolerância, da gentileza. Era tua alma um vaso de amenidade e melancolia. Mas a missão da sua existência, repartida entre o ideal e a rotina, não se lhe cumpriu sem rudeza e sem fel. Contudo, o mesmo cálice da morte, carregado de amargura, lhe não alterou a brandura da tẽmpera e a serenidade da atitude.

Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade, o sacrário da memória dos bons, isto bastava para a reputarmos um beneficio celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade que nã-la doou. Quando ela nos prodigaliza dádivas como a do teu espirito e a da tua poesia, não é que lhe devêramos duvidar da grandeza, a que te acercaste primeiro do que nós, mestre e companheiro.



Ao chegar da nossa hora, em vindo a de te seguirmos um a um no caminho de todos, levando-te a segurança da justiça da posteridade, teremos o consolo de haver cultivado nas verdadeiras belezas da tua obra, na obra

(Continúa na pagina 24)



Deixa na boca ...O FRESCOR DA BRISA DO MAR!



HÁ algo de tão refrescante e estimulante no Creme Dental Squibb que o simples fato de escovar os dentes com ele constitui um verdadeiro prazer. Não só tem um sabor delicioso, como também lhe inunda a boca com uma sensação admirável de frescor! Depois, deixa uma sensação de fragrante limpeza de que toda



mulher gosta! Há ainda maiores vantagens que o Creme Dental Squibb oferece. É absolutamente seguro para ser usado na boca mais delicada. Não contém nenhuma substância raspante ou adstringente que possa prejudicar gengivas rosadas ou o esmalte de dentes bonitos. Experimente um tubo hoje mesmo.

CREME DENTAL SQUIBB

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA PUREZA E EFICÁCIA

423

O 10.º aniversário da agencia controladora de publicidade "A FAMA"



Transcorreu, no dia 15 do corrente, o 10.º aniversário de fundação da Agência Controladora de Publicidade "A FAMA", de São Paulo. No período

compreendido dentro deste seu primeiro decênio de existência, graças a suas diretrizes dentro de um sistema todo original para atingir o alvo, "A FAMA" vem se destacando como sadio exemplo de operosidade e competência, pela maneira com que consegue satisfazer a exigência dos anunciantes, com o máximo de aproveitamento da verba, equitativa distribuição entre os jornais e revistas, integral consecução dos fins a que se propoz. Por estes motivos e por outros cuja consideração só pode vir em abono do prestígio que desfruta, não só nos meios jornalísticos, como igualmente entre os interessados em publicidade, "A FAMA", em dez anos de atividade, lider no *metier* da propaganda, em geral, impõe-se no papel de entidade especializada que corresponde perfeitamente a todas as necessidades da clientela.

O decimo aniversário de "A FAMA" que ainda obedece à direção do seu fundador, Sr. Carlos Mazzei, tem a importância de um acontecimento que interessa a todos os jornais e a todas as estações de radio-difusão do país. Desejamos a essa organização mais uma etapa de sucessos, que sejam a reafirmação de sua capacidade técnica no delicado mistério da propaganda inteligente. Ilustra este registro o retrato do Sr. Carlos Mazzei, dinâmico diretor daquela instituição publicitária da Paulicéia.

LIVROS

ARTISTAS PINTORES NO BRASIL — Teodoro Braga — São Paulo — 1944.

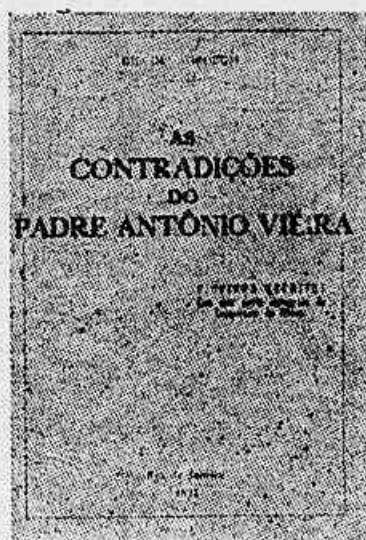


Sem pretensões a constituir uma obra inédita no gênero, deu-nos o autor um trabalho de paciência e meticolosidade, contendo a relação de todos os que foram e são artistas pintores no Brasil. E', p'is, um volume de real utilidade, muito mais para os vindouros que para os da época presente, mesmo porque livros desse estilo, em nossa terra, têm sido escassos. Além dos nomes de cada artista, Teodoro Braga inclui algumas referências em relação à vida e à obra do pintor, através do tempo decorrido; facilitando assim, em qualquer emergência, a tarefa de seus críticos ou biógrafos. Foi preciso pesquisar cuidadosamente todos os apontamentos que se resumem nas duzentas e cinquenta páginas dessa interessante brochura, e sem dúvida o autor moveu-se mais por uma finalidade intelectual que, propriamente, pela compensação que trabalho de tal jaez lhe possa ocasionar, embora sejam numerosos os livros que anteriormente fez editar, na maioria focalizando motivos históricos e artísticos.

• • •

AS CONTRADIÇÕES DO PADRE ANTONIO VIEIRA — Gil de Agrobom — Rio — 1943.

O snr. Gil de Agrobom, pseudônimo de José Moreira, enfiou num pequeno volume de cento e poucas páginas alguns excertos de sua autoria, focalizando não, apenas, contradições literárias do Padre Antonio Vieira, mas outros não menos interessantes e bem explorados, embora de um modo muito superficial. Ha, por exemplo, um capítulo sobre *Os Detraiores de Camilo* que poderia merecer desenvolvimento maior, já pelo material colhido, já pela maneira fluente como o autor trata o assunto. Ha também uma carta autografa do professor Capistrano de Abreu, disse-cando um assunto literário de real interesse. Mas o capítulo que justifica o título do trabalho editado é realmente o de maior curiosidade para o leitor. O perfil relevante de Padre Antonio Vieira é delineado com justeza de expressões e fidelidade de espírito, e curiosas divagações que se contrariam e entrecrocavam, no terreno das idéas, são frequentemente apontadas. E', assim, obra modesta mas bem elaborada, concluindo-se que Agripino Grieco não errou ao aconselhar ao autor que a editasse.



• • •

PRAIA VIVA — Lígia Fagundes — São Paulo — 1943

Quando mais e mais se acentua a escassez de bons contistas — o conto que já viveu a sua fase aurea no Brasil e que hoje foi relegado para um esquecimento tão imperdoável — eis que nos surge na pessoa dessa jovem bandeirante um ensaísta do gênero. Depois do desaparecimento quasi absoluto dos nossos poetas — dos bons poetas, bem entendido — foram os autores dos bons contos que deram para rarea. Os romances tiraram-lhe a vez, mas os romancistas também não sobressaem, ainda mais quando, como agora, a influência da literatura cinematográfica norte-americana, quasi sempre calcada nos romances *best seller*, fazem mais ingrata a função do intelectual patricio. Por isso mesmo é que o conto devia ser preferido pelos nossos autores. Nos EE. UU., de pequenos contos tem sido realizados grandes e memoráveis filmes. Não é o número de páginas de um volume que o faz mais ou menos credor da nossa admiração. Esses conceitos vêm a propósito do volume de contos que Lígia Fagundes nos enviou. Não iremos dizer que se trata de uma surpreendente revelação no gênero, mas o simples fato dessa predileção, modesta mas esforçada, nos predispõe para lhe analisar com simpatia o trabalho. *Praia Viva* é o título de um dos contos. Um conto delicado, muito feminino na idéa, mas traçado com vigor. Outros se recomendam. O da abertura do livro *Tai, cavalheiro?* tem movimento, continuidade e certa originalidade no tratamento. Gostamos de *Comico*, *Alem da estrada larga* e *Ponto número seis*. Lígia Fagundes tem concepção. Quando se familiarisar mais com a modalidade literária que abraçou, poderá ajudar a preencher os claros imensos que existem em nossas letras provocados pela ausência de *conteurs*.



familiarisar mais com a modalidade literária que abraçou, poderá ajudar a preencher os claros imensos que existem em nossas letras provocados pela ausência de *conteurs*.

• • •

PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM — Clarice Lispector. — Rio.

A condição primordial para que um livro, um quadro, qualquer obra de arte, enfim, possam agradar é a sinceridade do seu autor. Realmente só há verdadeira obra de arte quando há espontaneidade. E' preciso que o artista sinta necessidade de exteriorizar seu pensamento e sua sensibilidade. Evidentemente outros fatores suplementares hão de contribuir para que uma coisa se torne verdadeiramente obra de arte. Correntes literárias, sempre as houve em todos os tempos. São apenas formas de expressar o sentimento, de acordo com as tendências do autor ou da época. Em todas essas escolas, em torno dos verdadeiros mestres, forma-se uma farandula de escritores que nada mais fazem senão copiar seu modo de pensar e de escrever. E' que talvez ainda não estejam suficientemente amadurecidos. Não queríamos que a Sra. Clarice Lispector produzisse uma obra de arte. Isto é uma coisa que compete aos gênios e que acontece poucas vezes num século. Queríamos, apenas, e cremos que não é muito, que a escritora fosse sincera e espontânea.

Si ela pretende fazer um estudo da psicologia infantil, do seu modo de pensar e das suas reações diante da vida, aconselhamos-lhe a que leia esse admirável Proust, onde muito poderá aprender. Seu estilo extravagante, seu pensamento aos saltos carecem de natu-



Novos

ralidade. A autora está evidentemente influenciada pelo estilo de Huxley, ou pretende adotar no seu romance a técnica cinematográfica. Si assim é, somos obrigados a dizer que não o conseguiu.



As Irmãs Soong — Emily Hanh — Tradução de Asdrúbal Mendes Gonçalves. — São Paulo — 1944.

Sob o pretexto de uma biografia das irmãs Soong, a autora focaliza a China hedionda, a China heróica que durante nove anos sustenta uma luta de vida ou morte com o imperialismo japonês. E' sem dúvida para o ocidental, um novo aspecto do país dos mandarins e dos dragões como se habituara a conhecê-lo. De um momento para outro essa terra milenar, cheia de poesia, de delicadezas, de exotismo, que excitava a imaginação do materializado ocidente, ávido por descobrir novos aspectos num mundo terrivelmente monótono, foi bruscamente chamada à realidade. De um momento para outro, este povo, entregue às coações superiores de ordem espiritual, foi obrigado a viver a dura realidade de um mundo cheio de ambições. Esta humanidade de 350 milhões de homens da mesma raça, que nunca haviam sentido de modo premente a necessidade de uma união total, levantou-se diante do perigo exterior. A invasão do seu território, provocou milhares de heroísmo na defesa do patrimônio comum. Aos poucos um sangue novo está tirando esses homens de um torpor milenar, e dentro em breve eles estarão com letamente integrados no ritmo de vida do século XX. A sua luta não é mais local, mas confunde-se com o ideal comum de todos os povos primidos que lutam pela sua liberdade. Esta é a verdadeira China moderna de que nos fala a autora. Entretanto a biografia das três irmãs Soong, com quem a autora privou, embora constituindo um fundo para um estudo do país, não perde por isso o interesse.



Reporta-se Emily Hanh, ao tempo em que as irmãs eram apenas conhecidas como Eling, Cningling e Meiling. Acompanha-as a autora até que passam a ocupar lugares de projeção, como a esposa de Chiang-ai-Chek, a senhora Cing e a viúva do grande revolucionário e fundador da República chinesa, Sun-Iat-Sen. Desse modo, além das três biografias expressivas, dá-nos um quadro da China gloriosa dos nossos dias.



ESTUDOS DE FILOSOFIA DO CONCIENTE — Syrio L. Drumond — 1943 — Rio.

Muito se tem escrito e comentado sobre Freud e sua obra. Estudos, observações e experiências têm sido feitos em grande quantidade, mas nem sempre com bastante clareza. A questão, já por sua natureza bastante obscura, torna-se ainda mais intrincada e quasi inatingível quando complicada pela terminologia. Propositadamente rebuscada, em que os termos técnicos são empregados com exagerada frequência e nem sempre com suficiente propriedade. Freud tornou-se de uns tempos para cá uma verdadeira mania, uma obsessão. Uma enxurrada de livros, opusculos, folhetos e até conferências em série procuram interpretar e elucidar as teorias da sexualidade, os problemas do ego, do super-ego e do sub-ego, não chegando na maioria das vezes a outro resultado senão deturpar o pensamento do criador da psicanálise e obscurecer o assunto. Evidentemente, para o estudo das sensações e do conhecimento, pela complexidade que apresenta o assunto, faz-se necessária uma esquematização, capaz de facilitar a compreensão mas que absolutamente não pode corresponder à realidade.



Neste livro de Syrio L. Drumond o problema do conhecimento e das sensações é abordado com clareza e simplicidade, de modo a se tornar acessível. O autor procurou exemplificar todos os casos estudados, com fatos corriqueiros da vida quotidiana, que na maioria das vezes nos passam despercebidos, de modo que a sua leitura não é cansativa, tornando-se bastante interessante, mesmo para os leigos.

O autor estuda o conciente e o sub-conciente. No primeiro capítulo faz um estudo sobre a identidade dos estados concientes, mostrando que a identidade destes não implica numa identidade das emoções, que diferem entre si e de indivíduo para indivíduo. Ainda neste capítulo, L. Drumond lança mão dos exemplos. Faz mais adiante um ligeiro estudo sobre as diferentes sensações, tácteis, gustativas olfativas, cinéticas, etc. E', como dissemos, um livro curioso, que se lê com prazer.



O ETERNO MARIDO — Dostoiévski. — Tradução de Violeta Alcantara Carreira. — São Paulo — 1944.

A literatura russa, principalmente as obras dos seus expoentes máximos: Tolstói e Dostoiévski, vêm se divulgando entre nós, em escala crescente nestes últimos tempos. Diversas traduções têm aparecido, nem todas boas. Há pouco tivemos o monumental *Guerra e Paz*, uma obra que é um mundo, em que se agita toda uma humanidade. Entretanto, se o autor de Ana Karenina tem a grandiosidade e a capacidade de descrever os conjuntos sem perder a visão do detalhe, não há na literatura russa, e talvez não haja em todo o mundo, quem seja capaz de analisar com tanta penetração a psicologia humana, e perquirir com tanta subtileza as almas. Ninguém como Dostoiévski soube interpretar com tanta precisão os conflitos íntimos, a luta do eu mais profundo, que todos sentimos mas que, por isso mesmo que está dentro de nós, não podemos descrever e interpretar. E' um grande interprete das tragédias íntimas, não tendo sido superado neste particular. Possui o autor de *Lembrança da casa dos mortos* um cunho pessoal que lhe caracteriza toda a obra.



Assim é que, mesmo nos primeiros romances, encontramos a marca da sua genialidade, capaz de tornar qualquer obra sua digna de leitura e meditação.

O *Eterno Marido* foi um dos livros escritos no começo da sua carreira de romancista. Entretanto, aí estão os traços característicos da sua capacidade criadora.

O caso desse pobre Pavel Pavlovich Trusotski, é um estudo magistral do drama de um homem bom e simples, enganado pela esposa. E' a tragédia do homem que foi bruscamente chamado a ver a maldade do mundo, perdendo a sua candura e se degradando.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCIPE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA

Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Círculo Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367.

MESBLA

SECÇÃO BRINQUEDOS

Aeromodelos

GRANDE VARIEDADE

em TIPOS de CAÇA e BOMBARDEIO

PEÇAS AVULSAS como BALÇA AMERICANA, RODAS, ELICES, ELASTICOS, etc.

RUA DO PASSEIO, 48-54 — RIO
R. VISC. RIO BRANCO, 521 — NITERÓI



Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

Prof. ARNALDO DE MORAES

3.ª EDIÇÃO

PREÇO: Cr\$ 15,00

Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

MODELO 1944!

Colchão
VENTILADO DE MOLAS
DESMONTAVEL



ESTOFAMENTO
DESMONTAVEL

DURMA
MELHOR...

HOLLYWOOD

SÃO PAULO
CON: CRISPINIANO, 12
TEL: 4-8009



RIO DE JANEIRO
OUVIDOR Nº 59
TEL: 43-7134



POR QUE SE CANDIDATOU A' ACADEMIA?

"SI HÁ JUSTIÇA E SENSO DO DIREITO NO BRASIL..." — RESPONDE SILVIO JULIO — MAS ACRESCENTA: "NINGUEM ESTÁ CERTO DA VITÓRIA"... — O CANDIDATO QUE SE JULGAR, DESDE JÁ, TRIUNFANTE E SEGURO, ENLOUQUECEU — REVOLUCIONÁRIO DE 22, 24 E 30 — CADEIA E PERSEGUIÇÃO — UMA VIDA LITERÁRIA FEITA ENTRE POLÊMICAS, AGITAÇÕES E CONTRASTES — MAS SEMPRE, E ACIMA DE TUDO, INTELLECTUAL — ONDE ENTRAM EÇA DE QUEIROZ E MACHADO DE ASSIS — "CREIO QUE TENHO DIREITO DE BATER À PORTA DA ACADEMIA" — REVELAÇÕES SINCERAS E INÉDITAS

SILVIO JULIO DE ALBUQUERQUE LIMA é um desses espíritos de lutador, de intelectual e literato que põe sua pena, sua inteligência e cultura a serviço de ideais e não de interesses pessoais. Seu caráter íntegro foi temperado em lutas e em batalhas desde a sua juventude. Filho de um general de divisão e escritor militar, iniciou seus estudos de humanidades no Colégio Militar do Rio de Janeiro. É um autêntico D. Quixote neste utilitarista século XX. Seu espírito de ação, ele o demonstrou em diversas lutas em que tomou parte. Silvio Julio fez as revoluções de 1922, 1924 e finalmente 1930.

— "Só nesta, venci" — declara-nos o escritor. Antes, cadeia e perseguição. Em 1932 defendi o governo Getúlio Vargas na linha Parati-Cunha, sob o comando de João Alberto, Nelson de Melo e Amaral Peixoto, irmão do interventor do Estado do Rio.

Entretanto, as lides militares não impediram que sua pena continuasse em outro terreno e de modo diferente na defesa dos ideais pelos quais combatia. De 1916 a 1919 residiu em vários lugares do Rio Grande do Sul, onde foi jornalista, professor e advogado. É ele quem nos diz:

— De 1919 a 1921, fui catedrático de língua portuguesa no Colégio Militar do Ceará. Fiz muitas conferências em Fortaleza. Também em Itaquí, na fronteira argentino-brasileira, fui diretor de um colégio. Quasi deixo lá o pêlo, pois a política era feroz e eu me afundei nela. Andava de botas, bombachas, completo gaúcho, a proclamar liberdades e direitos para o povo.

E continua:

— Regressei ao Rio em 1922 e meti-me na revolução. Fui preso e obrigado a es-

A REVISTA DA SEMANA promoveu esta oportuna "enquête" junto a alguns dos candidatos às vagas existentes na Academia Brasileira de Letras — de Pereira da Silva, Fernando de Magalhães e Rodrigo Octavio. Em números anteriores demos a palavra a Bastos Tigre, Jorge de Lima e Luiz Edmundo. Hoje fala Silvio Julio, e em edições vindouras outras figuras de relevo continuarão desfilar pelas nossas páginas. Servem, assim, as vagas da Academia, de excelente pretexto para focalizar uma plêiade de escritores representantes da mais alta expressão das nossas letras.

No próximo número: J. G. DE ARAUJO JORGE.

conder-me numa fazenda em Juiz de Fora. Fiz campanha contra Bernardes no interior de S. Paulo, em Mogi-Mirim, onde quasi me liquidaram num "meeting". O jornaleco de Mogi-Mirim chamava-me "arruaceiro". Otimol!

Esses breves traços da vida de Silvio Julio, vida acidentada, cheia de dificuldades, lutas, prisões políticas, mostram bem o homem de ação, o espírito de lutador. Não podíamos deixar de entrevista-lo, sabendo de sua candidatura à Academia Brasileira de Letras, na vaga de Fernando de Magalhães.

As declarações que nos fez demonstram a fibra de um verdadeiro batalhador aliada ao espírito esclarecido e reto de homem de letras nato.

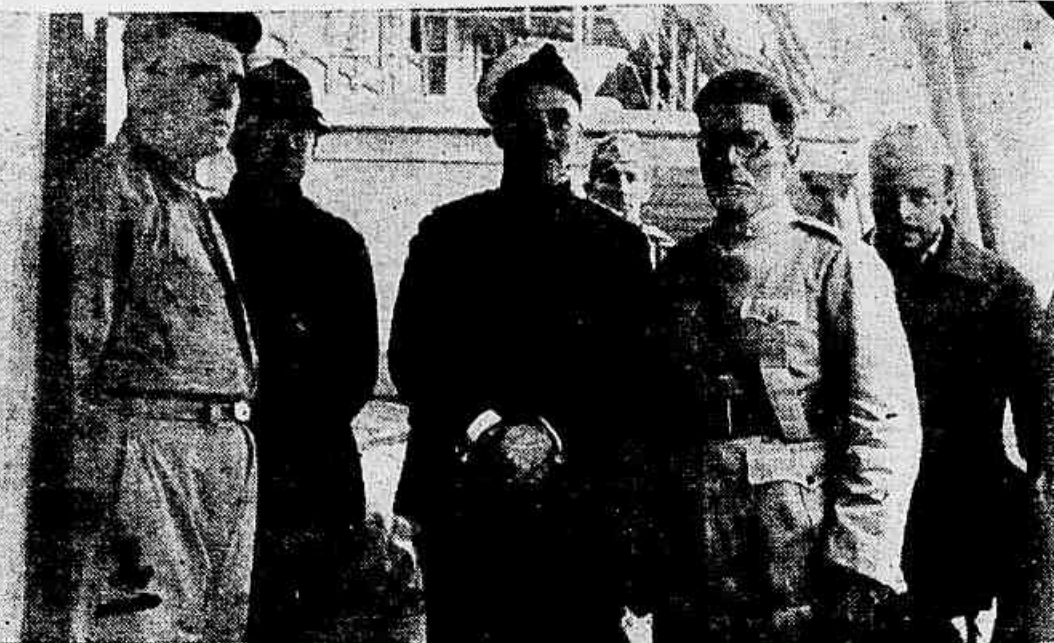
— Toda a minha vida literária foi feita entre polêmicas, agitações, contrastes jornalísticos e políticos, mas não quiz nunca pertencer a grupelhos e igrejas de mutuo-elógio; nem jamais cometi atos de covardia e indignidade. Comecei muito cedo a escrever, por volta de 1911, quando ainda era aluno do

Colégio Militar. Tratei sempre de filosofia, história e sociologia, sózinho, sem perguntar a ninguém o que agradava ou o que a moda impunha. Apesar de tantas lutas, subi honradamente, e triunfei, graças a Deus.

— Entre as suas obras literárias, quais as que reputa mais importantes?

— Centenas de artigos literários e políticos, ensaios eruditos e críticos, conferências e discursos claros, sinceros e honestos, milhares de aulas a milhares de alunos, opusculos e livros, eis o que demonstra a minha atividade de trinta anos na tribuna, na catedra, na imprensa. Em 1914 publiquei "A Covardia", estudo concernente às causas e consequências do suicídio. Sucessivamente surgiram "Corrente Calamo", "Es-

A bordo do navio que levava tropas do governo para Parati, de onde marcharam em direção a Cunha, com o fim de combater a revolução paulista de 32: 1.º Coronel Nelson de Melo, atual chefe de Polícia do Distrito Federal; 2.º Silvio Julio.



Silvio Julio apanhado em flagrante, numa livraria da cidade, examina alguns volumes. Nossa entrevista começou nessa livraria e terminou no dia seguinte, após vários capítulos vividos em casa, no ônibus, no café...

pelho", "Pampa", "Fatores Históricos", "Estudos Hispano-Americanos", "Apostolicamente", "Idéias e Combates", "História e Localismo", "Bolivar", "Penhascos", "Fundamentos da Poesia Brasileira", "Reações na Literatura Brasileira", "Escritores da Colombia e Venezuela", "Projeção Universal de Eça de Queiroz", "Terra e povo do Ceará", etc., que revelam a tenacidade de um homem desejoso de ser útil à pátria e à humanidade, por meio das letras."

— Mas as letras ocuparam sempre lugar de destaque em sua vida e no seu pensamento?

— Nunca pretendi afastar-me e jamais me afastei dos meus trabalhos intelectuais. Professor, jornalista e escritor, nasci para isto e só neste terreno quiz agir. Decerto poderia prosperar financeiramente na advocacia, no comércio, na indústria, na administração pública, porém a única vaidade que tenho é a de pertencer à cultura e a ela consagrar-me por inteiro.

— Entra esperançoso no pleito que decidirá a eleição dos próximos imortais?

— Si ha justiça e senso do direito no Brasil, si a Casa de Machado de Assis conserva as tradições do seu genial fundador e de Joaquim Nabuco, Sílvio Romero, José Veríssimo, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Aluísio de Azevedo e Raul Pompéia, penso que a minha longa e ativa, constante e patriótica existência de escritor, que não se curvou a bandos escandalosos nem conveniências anti-literárias, pôde aspirar a um prêmio que ainda continua sendo o máximo em nosso país. Não lanço mão de influxos astrais de poderes inconstantes, de importunações extra-culturais na consecução do meu ideal. Apelo para a razão dos acadêmicos e aguardo, sereno, o resultado de tudo.

— De modo que tem bastante fé na vitória?

Sílvio Julio reflete e responde:

— Ninguém está certo da vitória. As eleições na Casa de Machado de Assis complicam-se, variam, tomam rumos surpreendentes. Um dia são favoráveis a X, mas antes do fim se inclinam por Y ou Z. O voto é secreto, as simpatias se multiplicam, nascem antipatias, fatos inesperados, criam-se situações inéditas, de sorte que o candidato que se julgar, desde já, triunfante e seguro... enlouqueceu!

— E apesar dos adjetivos que lhe atribuíram, na sua conferencia sobre Eça de Queiroz: Aspero, polêmico, arrepiado, selvático, conta com muitas simpatias?

— É claro que encontrei e encontro na Casa de Machado de Assis muitos acadêmicos que me honraram com a sua amizade e me distinguem com seu apoio moral. Não fosse isto, de que maneira iria apresentar-me como candidato à vaga de Fernando de Magalhães? Além de tudo, é possível que alguns dos membros daquele ilustre grêmio reconheçam os meus esforços, os meus trabalhos e a minha correção como homem de letras e cidadão da América, para elevar-me e incentivar-me, concedendo-me mais sufrágios.

— Acredita na influencia de correntes literárias, para a eleição na Academia Brasileira de Letras?

— Não acho que a Academia de Letras tenha o dever de meter-se em divergências e brigas de escolas mais ou menos literárias. É um erro pretender que ela prefira passadistas, vanguardistas ou conservadores liberais. O papel da prestigiosa instituição é o de premiar os melhores escritores de qualquer orientação, aqueles que na realidade valem. Às vezes falha, é claro. Entretanto, quem nega que a única recompensa valiosa a que pode aspirar um intelectual é uma cadeira na Casa de Machado de Assis?

Mais uma pergunta nos assalta:

— Na sua opinião Sílvio Julio, quais as finalidades da Academia Brasileira de Letras?

A resposta é rápida e incisiva:

— A Academia Brasileira de Letras criou-se para literatos autênticos e capazes, não para comerciantes, industriais, políticos, etc. Fui, sou e serei — com a graça de Deus — escritor. Creio que tenho direito de bater à porta da Casa de Machado de Assis e sujeitar-me ao julgamento dos seus membros.

Estava atingido o nosso objetivo. Despedimo-nos do escritor. Suas frases, cheias de vibração, de vida, de espírito de luta, ecoavam ainda em nosso espírito.

Lembrávamos ainda suas palavras numa conferencia recente a que tivemos ocasião de assistir: "Homem de combate, que se arrojou, de arma em punho, a concorrer para o melhoramento do Brasil."

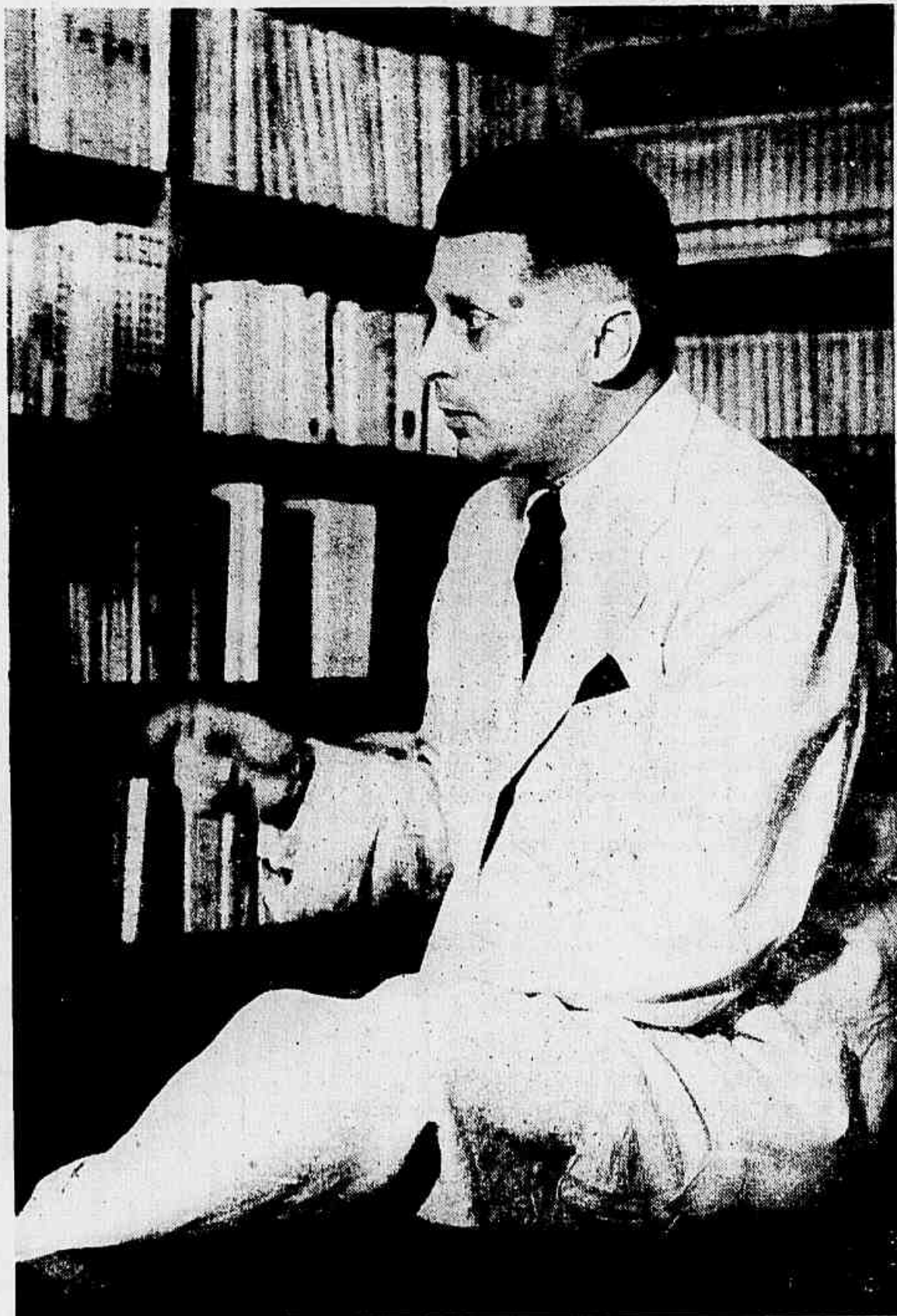
Há entretanto, nesse espírito "áspero, polêmico, arrepiado, selvático", muita ironia fina sem atingir o sarcasmo que fere.

Há nele muita compreensão. E como afirmou certa vez: "Idolatro a maneira estética do ironista de Notas Contemporâneas como a de Machado de Assis, como a de Dickens, como a de Cervantes. Sinto que os adoro e que me é proibido alcançá-los."

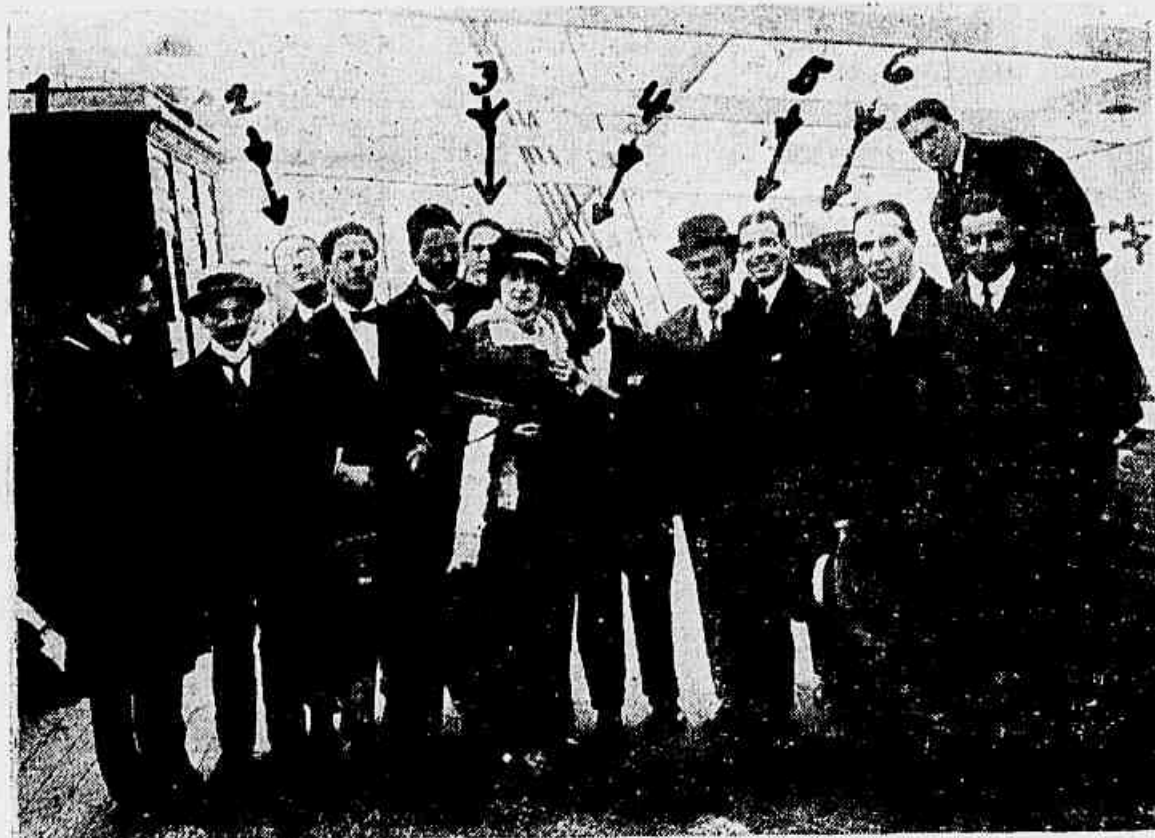
Aí está: Sílvio Julio descança a "barbaria do seu intelecto" — como classificou seu caráter íntegro e sua inflexível espinha dorsal — na suavidade de um Dickens e na filosofia de Machado de Assis.

Será ele o eleito para a vaga de Fernando de Magalhães?

As eleições estão próximas. Em Maio a resposta será dada a esta e a outras perguntas que nos assaltavam o espírito quando abandonávamos o gabinete de trabalho do autor de "Reações na Literatura Brasileira".



— Poderia prosperar financeiramente na advocacia, no comércio, na indústria, na administração pública; porém a única vaidade que tenho é a de pertencer à cultura e a ela consagrar-me por inteiro.



27 de Setembro de 1915. A bordo do "Sirio", chega a Montevideo uma comissão de estudantes brasileiros para tomar parte no Congresso Inter-Americano em homenagem à memória de Heitor Miranda. 1.º) Heraclides de Souza Araújo; 2.º) Machado Guimarães; 3.º) Osvaldo Aranha, hoje ministro do Exterior; 4.º) Haackel de Lemos; 5.º) Lima Coelho; 6.º) Sílvio Julio; 7.º) Benedito Lopes.

Apaz-nos registrar o êxito, além de nossas melhores expectativas, que esta série de reportagens vem marcando em todos os círculos intelectuais do país. Pela primeira vez, obedecendo a um plano previamente traçado e com ampla liberdade de comentários, os candidatos à imortalidade da Casa de Machado de Assis têm ensejo de justificar os motivos reais que os levaram a pleitear as respectivas vagas. Quatro nomes de relêvo, cada qual em sua manifestação literária, desfilarão já pelas páginas da REVISTA DA SEMANA, apreciando a própria obra, a Academia Brasileira de Letras e o momento intelectual brasileiro. Sem dúvida, este é um empreendimento de alcance muito além do superficialmente observado, porque retrata, ao vivo, o próprio candidato e porque o põe em contacto mais direto com o grande público leitor e, automaticamente, com a corporação da Academia. Temos encontrado, de parte de cada um desses escritores, a maior boa vontade em satisfazer a curiosidade do reporter, traduzindo em si mesmo a curiosidade dos leitores, e todos, uma vez divulgada a reportagem que lhes diz respeito, apressam-se a dar-nos o testemunho de seu agradecimento, pelo fato de suas revelações serem fielmente reproduzidas para estas colunas, sem a menor deturpação. A REVISTA DA SEMANA preza-se, assim, de estar contribuindo para um serviço coletivo às nossas letras, na hora exata em que três vagas existentes no "Petit-Trianon" atraem a candidatura de tantos e tão apreciados intelectuais — poetas, romancistas, prosadores.

O século passado deu teatro a varias guerras. Que centuria não os tem? se no grosso dos homens o animal feróz subsiste.

A despeito de lutas armadas, ainda com mostras algumas de nebreza e cavaleirismo, o século XIX fruiu periodos nos quais foi possível a demonstração de progresso nos povos mais adiantados do globo; neste se não todos os povos unidos ao menos não de todos desconjuntados e a reeducarem na civilização.

Uma nação convidava as outras nações a se entremostrarem grandezas, adiantamentos e recursos, o papel das Exposições Internacionais de ensaio nas Nacionais.

Duas destas ultimas realizou o Brasil no Rio de Janeiro de 1861 e 1866, preparando-se assim para bem comparecer aos certamens internacionais. Ir longe é consequencia de não ter pressa, invejosa inimiga da perfeição.

Em 1851, no seu fumarento Londres, a Inglaterra abriu o exemplo das exposições internacionais, exemplo seguido pela França napoleonisada de 1855 e 1858. Na exposição de Paris de 1855 o Brasil exhibiu uns tantos quantos productos, estes já multiplicados na exposição francesa de 1858, tudo ensaios.

Em 1867 o Segundo Imperio de Napoleão III convidou o universo a uma Exposição de grandes proporções. Achava-se então o Brasil em longo e pleno combate contra um flagelo da América e tirano de seu povo. O Brasil empenhava-se na guerra do Paraguai tão meditada quanto provocada por Solano Lopez.

Justo neste momento a França convidou o Brasil a participar da Exposição de Paris na qual todos os bons ramos da atividade humana eram trazidos a publico por um exercito pacifico de quarenta e dous mil expositores, exercito ao qual nos incorporamos.

A Exposição de 1867 apresentou extraordinario brilho politico e social. Acudiram a ella numerosos soberanos acompanhados por seus naturais inimigos, os principes herdeiros presuntivos.

Napoleão III conseguiu em 1867 o que no século conseguira Napoleão I, uma plateia de reis para os espetaculos de gala da corte. Só lhes faltava Talma, embora na época a tragedia estivesse a sair de cena.

Os convidados de Napoleão III eram Alexandre II da Russia, Francisco José da Austria, Carlos XV da Suecia, Guilherme I da Prussia, Sofia da Holanda, Luís I e Luís II da Baviera, Francisco de Assis, rei titular da Espanha, Abdul-Azis da Turquia, Leopoldo II da Belgica, Carlos I de Wurttemberg, Luís I de Portugal. Nem todos os teatros podiam ter espectadores tais.

Nossos preparativos para a Exposição de 1867 pesaram sobre comissão diretora presidida pelo senador Souza Ramos e vice presidida pelo conselheiro Pedreira, um futuro visconde de Jaguaray, o outro vindouro visconde de Bom Retiro.

Compunha-se a comissão, verdadeiramente de trabalho, de nove pessoas de subida graduacão e pertencentes de preferencia à Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e ao Imperial Instituto Fluminense de Agricultura anexo ao Jardim Botânico.

Em Paris segunda comissão zelaria nossos interesses, presidida a mesma pelo barão de Penedo, nosso ministro em Londres onde tido pelo *right man in the right place*.

A comissão nossa em Paris tinha seis membros efetivos e cinco adjuntos, entre estes o escultor Chaves Pinheiro, professor da Academia Imperial das Belas Artes.

Cabia ao Brasil bem figurar na Exposição de 1867 como nação na qual reinavam um imperador e a liberdade de pensamento.

Compreendendo 1/15 da superficie do planeta, mais de 3/7 da America do Sul, com 1.200 leguas litoraneas, com quasi 12 milhões de habitantes, o Brasil compareceu à Exposição de 1867 deixando longe o seu comparecimento às anteriores Exposições de Paris.

A seção brasileira no certamen de 1867 tinha catalogo. Acompanhava-o um livro, a *Breve Noticia sobre o Imperio do Brasil*. Explicava os objetos enviados à Exposição e divididos em dez grupos, o primeiro de obras de arte, o ultimo de objetos especialmente destinados a melhorar a condição fisica e moral do povo brasileiro.

No grupo das obras de arte primavam *Moema*, tela de Victor Meirelles, e a estatua equestre de D. Pedro II entrando em Uruguiana recuperada de paraguaios. Chaves Pinheiro, em gesso, modelara a estatua.

Cada grupo de objetos nossos abrangia maior ou menor numero das classes nas quais figuravam expositores officiais ou particulares de todo o Brasil.



Napoleão III, imperador dos Franceses reinante na ocasião da Exposição Universal de Paris de 1867.

Nas montras da Exposição de 1867 figuravam productos de nossa industria montanhistica e metalurgica.

Era exposta a pedra pomes de tão frequente flutuar nas aguas do Solimões attribuindo-se à pedra origem andina.

Nas montras da Exposição tambem estava o ferro fundido na Imperial Fabrica de S. João de Ipanema nascida em 1810 do governo tão creador do Principe Regente a semear instituições, até hoje duradouras, mal chegado aquele principe ao Brasil, o que é impossivel negar a menos de má fé em raia de loucura e desmemoriamiento proposital.

Operarios suecos haviam trabalhado o ferro de S. João de Ipanema, outros alienigenas na exploração das minas de carvão do Visconde de Barbacena em Santa Catarina, provincia de geognosia e mineralogia digna de atenção.

O BRASIL NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1867

ESCRAGNOLLE DORIA

O rei dos nossos productos agricolas era o Café, apresentando-se em côco, despoldado brunido ou não, até de terreiro de pedra.

Cada provincia nossa expunha productos bem seus, o Amazonas mostrando as suas madeiras e a sua borracha, o Pará as suas castanhas, certos productos agricolas em grande escala se avantajando aos olhos dos visitantes da Exposição de 1867.

Um deles foi Bismarck, vindo para ronder de perto a França inconsciente do que a derrota austriaca de Sadowa lhe prometia. Teria o Couraceiro Branco passado pela seção brasileira ou os seus olhos perscrutariam apenas a Galeria dos Espejos em Versailles para proclamação do Imperio da Alemanha promovendo o rei da Prussia presente à Exposição?

Nesta apresentavamos o Fumo, logo em seguida ao Café: fumo em folha, em corda, em rolo, picado, frisado.

Vender charutos e cigarros era sobretudo com a Bahia, tambem os exportando o Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo. O Maranhão, Pernambuco, Alagoas e Minas apresentavam-se algodoeiros, culturas de algodão tentadas com felicidade em S. Paulo, Paraná, S. Catarina e Rio Grande do Sul.

Nosso algodão tinha muita procura de mercados e consequente elevação após a Guerra de Secessão produzindo a falta do produto nos Estados Unidos, voltando-se para o Brasil os mercados consumidores, à espera da sua anual safra algodoeira de Agosto a Dezembro. Nas estações quentes comtudo os algodoeiros tornavam a flôr e a capulhos.

Quanto a vestuario a importancia dos fios de algodão é grande. Em 1867 possuia o Brasil uma fabrica reputada no paiz e fora dele pelos seus tecidos de algodão. Funcionava em Pernambuco a Fabrica de Todos os Santos pertencente ao Comendador Antonio Pedrosa de Albuquerque, fornecedor incessante das provincias nortistas nas quais a indumentaria dos menos abastados foi sempre de maior simplicidade do que o vestuario nas provincias do Sul.

O algodão era muito para Pernambuco, ao Rio Grande do Norte sucedia o mesmo em relação ao sal de Macaó e Assú.

Na Exposição de 1867 brilhavam em Paris amostras das salinas norte-rio-grandenses. Tinham vindo do sal de Macaó e Assú primeiro depositado em monte, passando a belas cristalizações, cobertas com folhas de palmeira queimadas. Quando estas simples palha formavam crosta vidrada preservadora das chuvas, por fim o sal posto nos envolveros de palha chamados paneiros.

A Exposição de 1867 evidenciou quanto os brasileiros da época caprichavam no vestir bem, no bem calçar, no bem ornaí vivendas com moveis de luxo neles o jacarandá, o vinhatico, o mogno, o páo setim.

Movis licos havia-os nas cidades, até nas fazendas de donos dinheirosos. Sabel-o-iam bastante de pois os arrebanhadores de objetos antigos a preço vil, por conta propria ou a soldo de antiquarios.

Nossa flôra esteve na Exposição de Paris sobretudo representada pela cópia de madeiras. Começavamos a emparelhar com os expositores dos certamens precedentes nos quais tinham brilhado outros paizes, nossos irmãos mais velhos na familia da Civilização, assaz de contendas dando molde às do lar domestico.

Na Exposição de 1855 qualquer gastrônomo de paladar apurado tinha enchido a boca de agua ao passear pela seção das substancias alimenticias preparadas e uteis à guerra, à navegação, à economia das donas de casa.

Na seção triunfara a Inglaterra com os seus presuntos de York. De passagem seja dito que os ingleses, os maiores consumidores dos seus presuntos como bons *pork eaters* criam gado só para alimentação humana. Na pecuaria britanica o que vale, no esforço do criador e gosto do consumidor, é o peso e a qualidade da carne.

Comer atrai beber. Daí nas Exposições um arsenal de vinhos. No certamen de 1855 o principe Napoleão, rsuguento primo de Napoleão III, foi convidado a provar muitos vinhos, até um de ananaz da Martinica. E' de crêr que se houvesse com moderação, com tocar de labios, a' menos de comprometer na alta posição a lei do equilibrio.

Expositores amazonenses concorreram em 1855, tambem outros bahianos, fluminenses e gaúchos, os primeiros expondo peixe em conserva, os ultimos xarque em barris.

Quanto a modas femininas ninguem vencia a didatora da moda: Paris. Na seção de brinquedos os Estados Unidos, como novidade, apresentavam brinquedos de borracha mais resistentes à destruição pela infonsciencia de criança a preparar se para destruir em ponto cruel uma vez adulta.

Na seção das rendas de 1867 expunham rendadeiras do Pará e de outras provincias nortistas, as rendas do Rio Grande do Norte excitando admiração nas habituadas aos *points de Bruxelles* e às *valenciennes*, a industria das rendas em toda parte dando trabalho e possivel lucro até a idosas ou enfermiças.

Eis consignado, a bem do Brasil de outrora, um pouco do que Paris vio da nossa terra tão digna de boa sorte, ela hegemonica na America do Sul de 1867.

HOMICÍDIO

(Esta novela, de autoria de um clássico inglês, **ARNOLD BENNETT**, foi traduzida especialmente para a "REVISTA DA SEMANA").

NUMA tarde de outono, passeavam pela praça central do balneário e porto de Quangate, na Inglaterra, dois homens: Lomax Harder e John Franting. Ambos, muito bem vestidos, pareciam donos de sólidas fortunas. De comum tinham a idade: trinta e cinco anos. Quanto ao mais, diferiam em tudo. As feições de Lomax Harder eram delicadas, a testa alta e os cabelos lourps. John Franting, ao contrário, impunha respeito pela severidade da fisionomia, realçada por um queixo quasi quadrado, sobranceiras espessas e olhos brilhantes. Impressionava pela força e dureza do seu aspecto. Lomax correspondia, na aparência, à idéia que o povo faz de um poeta, com exceção da barba e da falta de higiene. Tomava banho todos os dias e tinha o rosto liso. Era, de fato, um poeta, muito conhecido, aliás, no fútil e pequeno círculo que dedica todas as horas do seu dia à leitura da poesia, à convivência com poetas e — o que é indesculpável — à confecção de ridículos poemas. John Franting era a personificação do tipo que a imaginação do povo confere a um jogador, a um amador de box, a um patife. A imaginação do povo, às vezes, acerta...

Lomax Harder, abotoando nervosamente o sobretudo, perguntou:

— Nada tem a dizer?

John Franting parou subitamente diante de uma loja que ostentava um cartaz com os dizeres seguintes: "Gontle, armas".

— Nada, absolutamente. Fico aqui. E, sem mais, entrou na loja.

Lomax hesitou um pouco, decidindo-se, por fim, a seguir o companheiro.

O proprietário era um senhor de meia idade. Trajava um paletó de veludo negro.

— Boa tardel

Saudou o freguês com uma expressão e em um tom que indicavam claramente amável condescendência ante a inteligência demonstrada por Franting vindo consultá-lo e o discernimento evidenciado pelo conhecimento da excelência de suas mercadorias. Não era para estranhar. O nome de Gontle era conhecido e respeitado em todos os lugares onde disparavam revólveres. Não somente na cidade em que morava e se estabelecera, mas em toda a Inglaterra. Caçadores vinham dos quatro cantos do país comprar as armas necessárias em Quangate, porque lá estava situado: "Gontle, Armas". Mencionar a palavra mágica Gontle, quer para indicar a procedência de uma arma, quer para informar tão somente a aprovação daquele armeiro, era o suficiente para fazer com que qualquer um, que conhecesse um pouco a intrincada ciência das armas de fogo, se descobrisse, respeitoso. Gontle tinha a última palavra em todas as discussões; era a última instância a que se recorria para solucionar qualquer dúvida sobre o assunto da sua especialidade. Os mais famosos peritos davam sempre razão a Gontle, porque Gontle era infalível.

Tudo isso contribuía, certamente, para torná-lo vaidoso, mas, na realidade, mesmo antes de tornar-se conhecido, já Gontle estava convencido da raridade dos próprios méritos e tinha confiança ilimitada na sua habilidade.

Quando Franting o abordou, não foi a Gontle pre-fama que se dirigiu, mas a um Gontle que, persuadido da superioridade de "Gontle, Armas" sobre todo e qualquer estabelecimento semelhante, mostrava, imperturbável e frio, a porta da rua ao miserável freguês que ousasse contradizê-lo. Às vezes bastava que o aspecto do comprador lhe desagradasse.

Franting retribuiu a saudação em tom de voz pouco cordial.

— Em que lhe posso ser útil? — Foram estas as palavras que o armeiro pronunciou, mas a fisionomia traía o seu pensamento. "Não fique nervoso. Eu sou assustador; essa loja é assustadora; mas, tranquilize-se, não lhe vamos fazer mal algum". Toda essa generosa advertência transparecia na atitude de Gontle.

— Quero um revólver.

— Ah! Um revólver!

E, mais uma vez e como sempre, não foi isto precisamente o que passou pela mente do armeiro: "Si fôsse uma espingarda ou um rifle", refletiu, "mas um revólver! Uma arma inteiramente destituída de personalidade!... Enfim, vou fazer-lhe a vontade".

— Conheço as diferentes marcas?

Franting confessou sua ignorância.

— Nunca ouviu falar na "Webley Mark III"?

— Não.

— E' a melhor.

Franting examinou a arma que o armeiro lhe entregou.

— Veja. Enquanto não fechar essa mola o revólver não funciona.

— Ah!

— Como se carrega?

Gontle tomou um pente de balas e passou a demonstrar como se carregava.

— O tambor está arranhado — observou Franting.

Gontle teria grande prazer em negar esse fato patente, mas infelizmente era impossível.

— Eis aqui um outro — disse, colocando o primeiro revólver sobre o balcão.

— Quero experimentá-lo.

— Pois não. — Gontle saiu com Franting. Atrás da loja havia um lugar reservado especialmente para os fregueses experimentarem as armas.

Lomax Harder ficou só. Uma idéia lhe ocorrera. Em vão tentou afastá-la; impossível! Com grande cautela, pegou o revólver que ficara abandonado sobre o balcão e colocou-o no bolso. Era a primeira vez que roubava alguma coisa. O coração batia com força. O sangue afluiu, quente, à cabeça.

Voltaram freguês e proprietário. Lomax mal continha o seu embaraço.

— Munição? — perguntou Gontle em estilo telegráfico.

— Só atirei uma vez. Cinco balas são suficientes para o que quero. Quanto pesa a arma?

— Uma libra e quantro onças.

Franting pagou e saiu. Desaparecera antes que Lomax pudesse dizer qualquer coisa.

— E o senhor?

Lomax assustou-se ao ouvir a voz de Gontle. Percebeu, afinal, que o armeiro, vendo-o entrar atrás de Franting, pensava tratar-se de outro freguês.

Sem saber o que dizer, olhou para Gontle. Por fim, pediu a primeira coisa que lhe ocorreu.

— Quero uma pedra para dourar.

— Pedra para dourar? Será concebível que um armeiro famoso como eu, Gontle, venda — e concentrando na última palavra o seu olimpico desprezo — pedra para dourar!

Lomax não disse mais nada. Deu meia volta e retirou-se.

Na rua, um pensamento o atormentava: ladrão! Era um ladrão!

— Amanhã eu volto lá e pago o revólver — decidiu, afinal, tranquilizando-se. Mas, pensando bem, disse com os seus botões: "Não. Não posso fazer isso. Mas vou mandar-lhe o dinheiro pelo correio".

Ao atravessar a praça avistou Franting, ao longe, na praia, apontando o revólver. Pensou ouvir o ruído de um tiro, mas o outro estava longe de mais para que ele pudesse ter a certeza.

"Vai voltar para o hotel" — pensou Lomax, ao ver o outro começar a andar. Seguiu-o. Quando chegou ao "Bellevue", onde Franting estava hospedado, viu-o sentado no hall. Franting não o percebera. Lomax se aproximou da porta. Franting levantou-se e enveredou por um corredor, ao fundo do hall. Ninguém à vista. Lomax entrou no hotel e passou ao corredor. O hall ainda estava vazio.

No fundo do corredor havia uma sala cheia de mesas de bilhar. Franting, ainda de sobretudo, com um cigarro apagado nos lábios, aquecia-se, perto do fogo. Ao avistar Lomax, indagou:

— Então continua a me seguir?

— Sim. Vim aqui especialmente para falar com você. Teria dito tudo o que tinha a dizer mais cedo si nossa primeira conversa não tivesse sido na rua. Além do mais, você se recusou a falar e há muito a dizer. — Lomax aparentava grande calma. Agora, que enfrentava o inimigo, sentia-se na realidade, tranquilo.

Franting contemplou-o, curioso.

— Escute, Harder. Eu sei de tudo. Minha mulher comprou uma passagem para Copenhague, no navio "Harwich", obteve passaporte e está fazendo as malas. Sei muito bem que você visita Copenhague muitas vezes por ano para tratar de negócios. Mas isso não me interessa. Nada tenho a ver com isso. Emily tem andado com você por toda parte e nessas últimas duas semanas vocês se encontraram muito frequentemente. Também isso não me interessa. E as objeções que ela possa formular à minha conduta me são completamente indiferentes. Ela pode tentar obter um divórcio. Duvido muito que consiga. Em todo o caso, ela é minha

Um tiro. Alguém morreu. Levantam-se todas as suspeitas... Mas crimes existem que detetive algum consegue descobrir. E o mistério continua até que...



mulher: deve-me obediência e sobretudo respeito. Ela sabe que eu estou aqui. Foi ela com certeza quem lhe deu o meu endereço.

— Foi.

— Hum! — Ele tirou a carta do bolso e leu alto alguns trechos.

— Em suma — concluiu — ela diz que eu a tenho maltratado e humilhado cruelmente e que vai deixar-me.

Rasgou a carta, ostensivamente.

— Eis aí a importância que dou a este pedaço de papel sujo. Você a está ajudando. Pois bem: não quero acusá-los de nada, mas aviso-lhe uma coisa. Ela não vai me abandonar. Não permitirei que ela me abandone. Há leis, nesse país, que asseguram uma certa autoridade ao marido. Utilizarei essa prerrogativa. E há outros meios. Ela é rica e eu não sou. Com certeza você acredita que é por isso que eu a quero. Pois não é. Ela tem razão quando diz que sabe que a amo. Essa é uma das razões porque não a deixarei partir. Mas a principal é que ela é minha esposa e que não me pode abandonar assim sem mais nem menos. Não consentirei. Você me viu comprar este revólver. Pois bem: si minha mulher me abandonar, sigo-a e, com este revólver que aqui vê, mato-a.

Colocou a arma no bolso e fumou, em silêncio, durante alguns minutos.

Lomax Harder olhou para o outro.

Sabia que Franting cumpriria a promessa. E, si cumprisse, Emily morreria. Uma nuvem toldou o olhar do poeta. Via a sua amada morta, numa poça de sangue. E, de pé, perto do cadáver, Franting, com um revólver fumegante na mão. A fúria, controlada até então, desencadeou-

se repentinamente e traduziu-se em alexandrinos e ação. Limitando-se a pensar os alexandrinos, o poeta não esqueceu a ação; aproximou-se de Franting como que para estrangulá-lo. Então lembrou-se do revólver roubado.

Do outro lado da mesa, Franting contemplava-o com curiosidade.

Não tinha o menor receio. Sabia que o poeta não era corajoso. Nunca ousaria agredí-lo. E sorria, superior, ante a cólera que transparecia no semblante transtornado de Lomax.

Foi um gesto somente. Um gesto simples e rápido. Um gesto que tirou a vida de um homem e tornou um outro assassino...

Franting rolou para o chão, e o corpo, ao bater no solo, virou-se. Nos lábios da vítima pairava ainda um sorriso de desprezo, quando a morte o surpreendeu, mas nos olhos arregalados havia uma expressão de surpresa e terror.

Lomax não se arrependeu. Depois de passado o impulso que o levava a matar o marido de Emily, começou a raciocinar friamente, e concluiu que fizera bem. Antes ver morto aquele miserável do que deixar Emily nas suas garras, para que ele a humilhasse e ofendesse, para que ele roubasse o que era dela. Ou então, no caso de Lomax fugir com ela, o outro a mataria. Não. Isso, não.

O arrependimento não veio. Mas veio o medo. O medo da morte. Ele seria julgado e condenado à morte. Ao instinto de conservação unia-se a certeza de que fizera aquilo que era justo e que não deveria ser castigado. Via-se martir. Executado. E imaginava Emily, de luto, assistindo à sua execução. Qual o proveito do crime, nesse caso? Matara para livrá-la de um miserável, mas, si ele morresse, ela perderia a última oportunidade que tinha para ser feliz; e isso, a todo o custo, precisava ser evitado. Raciocinando assim, achava uma justificativa para a sua própria covardia com motivos altruísticos.

Olhou para o cadáver. Matara. Estranho: não podia reparar o ato. Assustador: seu ato fora irrevogável. Horrroso: uma expressão de surpresa e ódio estampava-se no rosto do criminoso.

Fugir...

Que sorte andar de luvas! Calçou-as. Abriu a janela. Era no andar térreo... Pulou para o pátio. A cortina fechou-se atrás dele. Silêncio... Olhou em torno: ninguém. Nenhuma luz nas janelas! E o crepúsculo aproximava-se. Saiu para a rua.

Fugir? Para onde? Uma idéia ocorreu-lhe. Fez meia volta e começou a andar em direção ao hotel.

Na porta, um velho, evidentemente o porteiro, observava o movimento.

— Boa noite!

— Boa noite!

— Tem acomodações?

— Certamente. O gerente está em Londres mas a encarregada vem já. Sente-se, por favor.

Lomax pediu um cocktail. O porteiro foi buscar.

O grande hotel quasi vazio... Um silêncio estranho e assustador... Durante a estação estava cheio... Agora...

Teriam ouvido o tiro?

Um impulso quasi irrefreável impeli-o para a fuga. Não. Seria perigoso. Voltou o porteiro. Ele pagou.

Quando acabou de beber o cocktail disse que voltaria, que tinha umas compras a fazer. Antes de fecharem as lojas.

Lomax Harder debruçou-se na amurada e ficou olhando para o mar. Calma,

silêncio... Tudo vazio. O farol estava à direita. E Lomax concentrou sua atenção no piscar dos sinais vermelhos, verdes e amarelos, quando os navios passavam. O vento não era frio, mas refrescava-lhe a cabeça febril. Virou-se lentamente e viu o relógio da torre bater a hora.

Era um assassino. Por que não escaparia ao castigo? Outros, antes dele e com menos razão, tinham conseguido. Por que não?

Em nada tocara antes de calçar as luvas. O chão duro do pátio não traía pegadas.

Havia uma possibilidade: testemunhas! Alguém que conhecesse Franting e que os tivesse visto juntos. Alguém que o tivesse visto sair do pátio. Não vira ninguém, mas era possível.

O crime não compensa, ouvira dizer muitas vezes, e mais cedo ou mais tarde, o criminoso se trai. Por que? Ele nunca cometera uma tal loucura. Não sentia remorsos; deplorava a necessidade do seu crime mas julgava-o uma execução justa.

Alguém tinha que morrer. Antes aquele bruto do que sua Emily.

Novamente a imagem adorada de Emily veio interpôr-se nos remorsos que começavam a assaltá-lo, proporcionando uma série de desculpas para o seu ato.

Defendia os direitos de Emily, a felicidade de Emily.

O que não compreendia era como conseguira conter-se durante tanto tempo.

Mas precisava fugir. Não tinha forças para ficar no local do crime. E a estação, era perto. Comprou um bilhete no guichet. O vendedor nem o olhou. O trem chegou na estação. Lomax tentou andar devagar, mas as suas pernas não obedeciam. Corria, quasi. O coração batia. Sentou-se a um canto, num compartimento vazio. O trem apitou. O chefe da estação fez o sinal. Partiram. Lomax suspirou. Na estação, nem sombra de um policial.

O assassino recostou-se no pullman e fechou os olhos.

Quasi perdeu o trem para Liverpool. Em Londres, na estação, ficara a olhar em redor, temendo ver brilhar um capacete e sentir no ombro uma mão forte: "em nome da Lei, está preso!" Estremeceu de horror. Pelo seu cérebro passaram três palavras: Julgamento, Condenação, Morte!

O trem para Liverpool estava cheio. Muitos passageiros iam tomar o navio que esperava no porto, e partir para Copenhague.

Lomax ouviu pelos corredores umas conversas sobre uma conferência internacional que ia realizar-se em Copenhague. Não sabia disso. Outras coisas o preocupavam.

Inútil procurar Emily nos compartimentos repletos. Ver-se-iam a bordo. Ela nunca se atrasava. Estaria, por certo, no trem. A não ser que... talvez... uma telefonada da polícia: "minha senhora, seu marido foi assassinado, esta tarde, num hotel em Quangate". Emily teria que ficar. Sucederia isso? Estaria no trem?

A viagem foi um pesadelo. Além de preocupar-se com Emily, lembrou-se, de repente: O erro!

Aquêle engano fatal, aquela coisinha mínima que os criminosos esquecem e que os detectives nunca deixam de notar: na sua precipitação esquecera a carta. A carta que Emily, desesperada, escrevera ao marido, a carta que Franting rasgara. Os pedaços tinham ficado jogados pelo chão! Os detectives perceberiam, com certeza:

Quando o trem chegou em Liverpool, ele procurou Emily entre o povo que enchia o cais. Avistou-a, finalmente, junto da sua bagagem, com uma maleta na mão.

Abraçou-a. Nesse momento esqueceu tudo. O crime, as preocupações, tudo ele esqueceu na alegria do encontro. Ela olhou-o.

Ele notou que ela queria perguntar-lhe alguma coisa, mas não ousava. Ele sabia o que ela ia perguntar.

Por fim ela falou.

— Foi?

— Não. Achei melhor não ir. Não adiantaria nada. Você sabe disso. Conhece Franting bem.

Não fora sua intenção mentir. Entretanto — pensando bem — que poderia dizer? Mentiu, e, mentindo, salvou-a. Si fôsse descoberto, ela não estaria implicada. O futuro não o preocupava; a certeza de que a notícia da morte de Franting, que não tardaria a chegar, deixava-o indiferente. Ela estava ao seu lado.

Iam partir. Quando o navio largasse seria como si ele estivesse se afastando da vida passada, rumo à felicidade.

O superintendente de polícia em Quangate e um detective estavam na sala de bilhar do Hotel Bellevue em Quangate. As fortes lâmpadas iluminavam profundamente uma das mesas; perto, o cadáver.

Uma criada ia saindo quando um velhote gordo, que conseguira passar pelos dois policiais que guardavam a porta, apareceu.

O superintendente arregalou os olhos. A intrusão o surpreendia. Tinha dado ordens terminantes para que não o perturbassem.

— Mil desculpas, cavalheiro. Não podia deixar de vir. Sou muito curioso. Estava passando uns dias na casa do dr. Furnival. Quando chegou o seu recado, ele tinha saído; resolvi oferecer os meus préstimos. Posso ser-lhes útil?

— Dr. Austin Bond!

— Ele mesmo — respondeu o velhote.

Apertaram as mãos. O superintendente ainda não recobrava a serenidade.

Ali, defronte dele, em carne e osso, estava o prodígio que assombrava a todos, o grande detective que desvendara mistérios como o do "Chapéu Amarelo", o das "Três Cidades", o da "Colher de Ouro", etc., etc., etc.

Aquêle homem, cuja inteligência excepcional grangeara o respeito e a admiração dos maiores detectives, fazia qualquer policial comum parecer um imbecil, e o que constituía mistério inexplicável para os outros era para ele uma coisa simples.

Amigo dos chefes da Scoland Yard, ele era muito bem tratado pelos subalternos, pois estes sabiam bem qual era a sua influência. Tanto junto aos chefes como no Ministério.

— Hum! — comentou o dr. Bond, examinando o cadáver. — Morto há uns noventa minutos. Quem o encontrou?

— A criada que acaba de sair. Veio acender a lareira e encontrou o cadáver. Ficou assustadíssima.

— Também não era para menos. Há quanto tempo foi isso, mais ou menos?

— Há cerca de uma hora.

— Encontraram a bala? Ela não ficou dentro do corpo. Deve estar por aí.

O detective tirou a bala do bolso. Encontrara-a perto da mesa de bilhar. Bond segurou-a. Examinou, cuidadosamente, a bala. Em seguida recitou a marca e o calibre.

(Continua na pag. 18)

CREME DE MASSAGEM RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
ACIMENTA A PELE — CONTRA AS RUÇAS
A VENDA EM TODA A PARTE

Timborosa

O SABONETE DO SÉCULO XX

COM AS PROPRIEDADES GERMICIDAS
DO TIMBÓ E O PERFUME DAS ROSAS

ESPECIALMENTE INDICADO PARA LIMPAR
A CÚTIS E COMBATER A CASPA

CABELLOS
BRANCOS

CASPA

Queda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

A GITARAM-SE lenços brancos, algumas lágrimas correram pelas faces brancas da menina de trança que ia para o colégio em Petropolis. Os viajantes apressados arrumavam as bagagens na rede de aço, enquanto o pessoal da 2.ª classe disputava aos trancos uma colocação sofrível.

E o "R-1", num resfolegar sereno de horário respeitado, corria mansamente, deixando atrás de si a estação de Conselheiro Lafayette.

Gedeão deixou-se estar sobre a plataforma, lembrando-se do tempo em que viajava num grupo de escoteiros. Abandonavam, ele e alguns companheiros, o interior dos vagões, para virem viajar de cabeça ao vento, gozando a visão das paisagens fugitivas e saboreando o prazer proibido de um cigarro, longe das vistas do chefe "cout" que com o resto da turma, cantava valentemente nins guerreiros, ao compasso da marcha do trem.

Tudo isso vai longe entretanto. Hoje, uma sexta-feira clara de dezembro, Gedeão é um homem mudado. Nada há de comum entre este jovem barbado e de cabelos grandes e aquele adolecente magro que fumava às escondidas, na última plataforma de um trem menor. Invadido por uma nostalgia intensa dos tempos despreocupados de escoteiro, passa em revista os últimos anos de sua vida.

Antigamente tudo era fácil. O velho tio Amintas dirigia a casa de sedas que seu pai deixara à família e assim, com os negócios de verto em joia, ele, D. Mariquinhas e a mana Laura viviam uma deliciosa existência de aristocratas, com literatura cara de encadernações luxuosas, professores custosos, cuja cátedra era paga a peso de ouro, banhos de mar, automóvel à porta e namoros grandiosos em cinemas de luxo.

Envilido por esse diletantismo gostoso, Gedeão se fez homem.

Vivendo sempre como um amador, estudava matemáticas por esporte, como por esporte adquiria conhecimentos de literatura, de mecânica e de eletricidade. Aos 21 anos recebeu uma proposta do tio para tomar a si a direção da "Torre de Peki", o estabelecimento que lhe garantia, à sua família, aquela existência de milionários que os tornava felizes.

Gedeão, a quem o trabalho sempre parecera algo de desleigante e ridículo, repeliu com nojo a oferta. D. Mariquinhas escondia-se. Quando lhe falavam na "coisa", tinha nas mãos uma revista onde se publicava um poema em hespanhol, assinado pelo seu rapaz.

Levantou os olhos num assombro e respondeu:

"Ora! o Gedeão, um poeta que escreve em estíliho, trabalhar com o xei de bilcão?! Acho que o Amintas está ficando doido."

E estava. Foi perdendo a razão com os anos e, sucessivamente perdeu também a saúde, o dinheiro e a casa de sedas. Perdeu por fim a vida, num hospício de beneficência, de onde o sobrinho o acompanhava, ao lado do fantasma assustador de seu destino, até São João Batista.

A família de D. Mariquinhas estava então pobre. Mas aguentou firme o golpe. Perguntou o mais velho do cunhado e os ordenados do "chauffeur" e do resto do pessoal doméstico, verificou-se que nada mais restava, além da casa hipotecada e do automóvel, que lhes pudesse render grande coisa. Um refúgio do judeu ficou com o palacete e o corretor de imóveis que fez a transação, com o automóvel.

Quando Gedeão ocupou o quarto estreito de sua nova residência em Aldeia Campista, já estava pegando duro no "battente", trabalhando como datilógrafo em um escritório de representações, durante oito horas por dia, para sustentar, com a ajuda do ordenado de Laura, agora praticante de um Ministério, a nova família Silveira, surgida da falência da "Torre de Peki". Gedeão conheceu então a vida dura e sem máscara. Todos os seus sonhos ruíram deante daquela "Remington" impiedosa, onde se fabricavam os milhões de seu patrão e os seus magros honorários.

Nada, porém, o amolecia, nada quebrava o ritmo de seu trabalho. Nem a revolta, nem o desespero, nem a ambição. Era honesto, pontual, réto.

Via os homens enriquecerem por falta de escrúpulos e permanecia honesto.

Via colegas felizes que não se prendiam a honorários, mas não deixava de ser pontual.

Via a corrupção, o sabugismo e a venalidade premiados, mas continuava a ser réto e incorruptível como Catão.

Assim viveu mais alguns anos Gedeão, o honesto, até que, por um golpe do destino, o grande escritório onde trabalhava faliu, sem explicações satisfatórias.

Faliu-se em fraude, falou-se em prisão. Para Gedeão, porém, os efeitos podiam ser muitos, mas a causa era uma só e era apavorante a "chomage".

Desesperado pela segunda falência que o levava à miséria, o rapaz percorreu de alto a baixo as colunas dos jornais e as ruas do Rio, sem resultado que lhe pudesse trazer uma esperança.

Um amigo dos dias gloriosos salvou a situação, arranjando-lhe uma colocação modesta em Belo Horizonte, onde, segundo explicou, a vida era fácil, o clima salutar, as mulheres bonitas e a água saudável.

Gedeão, em um carro de segunda classe, empreendeu viagem para aquele eden que lhe indicavam, perdido entre as montanhas verdes. Pouco tempo depois, já se faziam sentir os resultados de sua permanência no paraiso terrestre. O clima gradavel lhe trouxera uma pneumonia, que, prendendo-o à cama por um mês, o indispoz com o chefe da repartição onde o amigo providencial o colocara. A vida barata o enchera de dívidas. A água saudável o ameaçara de bacilar. Isto o obrigou a faltar por mais uma semana ao trabalho. Veio a demissão.

Ofereceram-se então ao jovem, empregos suspeitos, como agente de cambio negro e corretor de jogo de bicho. Gedeão o honesto, sentiu-se ofendido, insultou o amigo que lhe propusera a primeira colocação e esbofetou o que o convidara a servir como "bicheiro".



Foi preso como incurso no artigo 303. Despronunciado por benevolência, novamente desempregado, com a conta da pensão vencida, perseguido pelos credores, procurado pelo brador de médicos que o levava a bacilar, o pobre moço, com um passe de favor, ali está agora, na plataforma do rápido mineiro, que se aproxima de Barbacena correndo sobre as montanhas verdes e os verdes vales, sob um sol magnífico de verão.

Batem a porta de vidro do vagão. São dois passageiros que entram no compartimento de toilette.

Gedeão ouve correr a água do lavabo. E os dois desconhecidos põem-se a falar:

— Então, "seu" Macedo, o homem se defendeu cin?

— E' como lhe digo. Nem eu sabia. Pensei que ele estivesse pobre realmente. Só agora é que vim a saber. Quando se deu a falência ele se mudou para uma casa modesta, os filhos abandonaram os estudos, tudo muito bem encenado. Agora porém, que já assou o barulho, ele apanha a "gaita" e "fira" para o norte. Ninguém se importará com mais um milionário em Recife, é o que digo. Se for necessário porém, ele muda de nome e está tudo resolvido.

— Mas será que ele tem ainda muita coisa?

— Muito mais do que você imagina. Digo porque sei. Ele teve confiança em mim e me encarregou de apanhar todo o dinheiro e as joias com o seu irmão Zoroastro em Congonhas do Campo. E ainda me recomendou por cima, que não fizesse o transpor da "hera" pelo banco, mas levasse tudo na mala. E está tudo ali, meu caro, mais de dois mil "pacotes", entre as péfegas de quinhentos e as pedrinhas. Agora, é só pular na cidade maravilhosa, apanhar o que me der, e ir veranejar. E ele vó para Recife e lá que se arranje. Aliás, com essa diabinagem, isso será fácil.

— Eu acho que ele teve razão. Dizem que o negócio ia mesmo fracassar. Não foi besta. Se o socio é que era um idiota e que fez o estabelecimento dar para traz, o socio que se aguenta. E' tratar de salvar o que se pôde.

— Pois é isso que eu digo, meu caro. Cada um que se defenda como pode e como sabe. Isto é que é justo.

— Muito bem! agora vou pegar as minhas malas, que Barba ena já está perto.

— E eu que tenho que levar a "gaita" até o Rio, trancado dentro desta carriola. Esta Central é de amargar.

(Continua na pag. 34)

A Viagem de Regresso

Conto de COPELIUS GOMES

DE TEATRO E DE RÁDIO

BIBI FERREIRA

QUANDO tanto se clama e reclama contra a escassez de bons elementos em nosso teatro de declamação, é realmente estranho que um dos mais novos e afirmativos desses valores esteja afastado do palco por tão demorado espaço de tempo: Bibi Ferreira. Recordamo-nos todos, com saudades, do que foi a revelação dessa pequena-grande artista, feita no Teatro Regina em uma das últimas temporadas de Procopio, e todos igualmente lamentamos que tão cedo a legítima herdeira artística desse ator patricio se visse arredada de suas lides teatrais. Certo, houve um motivo ponderável e justo para esse afastamento: o matrimônio de Bibi. Mas não nos parece que, só ele, viesse a ser uma causa intransponível, capaz de privar o anêmico teatro nacional da colaboração de tão prestimoso elemento, demais que de um modo ou de outro, a filha de Procopio não deu por encerrada a sua carreira. Fosse Bibi apenas uma artistasinha a mais, passando transitoriamente pelo palco, não estaríamos daqui redigindo estas linhas, na certeza de traduzirem a opinião do grande público frequentador de teatro. Mas Bibi Ferreira, hoje a sra. Carlos Lage, ficou incluída entre as revelações mais vitoriosas e indiscutíveis destes últimos anos, artista desde tenra idade, por vocação, por hereditariedade, pelos recursos incontestáveis do seu talento. Trata-se de uma moça cuja educação foi aprimorada tanto para o palco como para a vida social, onde é hoje destacado ornamento. Quando apareceu, conduzida pela mão paterna, impôs-se de tal sorte que todos acreditávamos tivesse enfim Procopio a seu lado, definitivamente, a "estrela" de comédia cuja lacuna ha muito tempo se vem fazendo sentir na companhia do grande criador de "Deus lhe pague". Era uma continuidade magnífica dos méritos de Procopio que ali estava, no palco do Regina, vivendo a protagonista de uma peça de Goldoni; mas bem depressa o seu nome desaparecia do "cast" e vinha a saber-se que havia contraído nupcias. Por vezes tem se falado na sua volta. Não fazem muitos dias, admitiu-se que participaria de uma das peças de Dulcina no Municipal, depois de se murmurar que estaria Bibi inclinada a organizar companhia própria, cuja direção ficaria confiada a Carlos Lage, homem de seguros conhecimentos teatrais. Nada disso, porém, veio a confirmar-se. Talvez não tenha passado, tudo, de simples constatação. Talvez Bibi Ferreira continue afastada do seu verdadeiro lugar, o Teatro, sem detrimento da sua condição de ilustre dama da nossa sociedade. Certo, de um modo ou de outro, é que a comédia brasileira sente falta da filha de Procopio. E os valores novos femininos andam tão racionados que ninguém sabe quais serão as verdadeiras comediantes patricias, quando duas ou três, hoje em grande forma, algum dia tiverem de aposentar-se...

Parece que a experiência de fazer operetas, no João Caetano, com a companhia de revistas Beatriz Costa-Oscarito, não foi muito acertada. Beatriz na protagonista de "Mouraria", com os cabelos quasi a Veronica Lake, cantando fados e procurando comover a platéia acostumada a rir desabaladamente com as suas "bólas", não convenceu. Por isso, o João Caetano voltará a representar revistas, com "Fôgo na Cangica", de Luiz Peixoto.

Anunciou-se que Palmeirim Silva deu por encerrada a sua atividade de ator-empresario, aceitando contrato para integrar o elenco de Procopio. Parabéns a Palmeirim, a Procopio — e ao público. E agora, quando essa companhia visitar Belo Horizonte, onde a platéia dispensa carinhos especiais a Palmeirim, vai fazer uma temporada ultra-proveitosa.



BIBI FERREIRA

A VOLTA DE ALMIRANTE

SI há uma figura de absoluto conceito no "broadcasting" nacional — é sem duvida Almirante. Sem diminuir o mérito de quantos, no mesmo setor, dobram o melhor de suas atividades, precisamos convir que o trabalho de Henrique Foreis de longa data se fez credor do nosso apreço. Quantos pontos baixos, fracos e anêmicos possam encontrar-se no rádio brasileiro, são em parte cumpridos pelo espírito empreendedor desse rapaz de voz grossa e simpática, tipo do homem que trabalha de sol a sol, no seu posto — diríamos melhor: na sua oficina — das oitavas da manhã à meia-noite, pesquisando, anotando, colhendo material para seus programas. Almirante habituou-se a fazer do rádio uma profissão. — "Rádio é uma atividade como outra qualquer" — costuma dizer. Não gosta de dar entrevistas sobre a sua pessoa, mas fala horas seguidas de seus projetos — e projetos que ele executa. Não ficam na série das promessas. Foi de extranhar que a Tupi perdesse tão precioso elemento, mas anteriormente também se havia surpreendido o "fan", quando a Nacional, com a mesma displicência, renunciara à colaboração do homem das "Curiosidades Musicais". Ouvindo o seu programa de "rentrée" ao microfone da E-8, sentimos que ele continua disposto a produzir. E começou dando-nos a história das danças, com uma novidade, tipo ôvo de Colombo, nestes tempos de rádio com auditorio: A apresentação de bailarinos, documentando os comentários biográficos de Almirante. Bueno Machado, por exemplo, vai mostrar como apresentou o Charleston no Brasil, ha tres lustros passados. "Apresentou" sem saber dançá-lo, por sinal. Esse será um detalhe pitoresco do programa arquitetado pela "maior patente do rádio". E outras novas atrações nos foram prometidas. Agora, é esperar por elas, sabendo-se que Almirante deve estar, a esta hora, percorrendo bibliotecas, dedilhando revistas antigas, consultando os amigos mais velhos, para desvendar as maiores minúcias do tempo da valsa, do "one-step", do "charleston" e de outras modalidades coreográficas.

A volta de Almirante, em grande estilo, na Nacional, foi a maior novidade do mês: Mesmo porque, francamente, a Tupi vinha desprezando talvez o seu mais eficiente e proveitoso colaborador. Veremos agora si a Nacional não envereda pelo mesmo erro.

APO's uma série de 38 filmes teatralizados para Cine-Rádio Teatro, a PRA-9 deixou de apresentar esse programa desde o primeiro domingo do corrente, em virtude de Celestino Silveira, chamado a suas obrigações de Imprensa, ficar impossibilitado de continuar dirigindo esse cartaz. A Rádio Farroupilha, de Porto Alegre, vai oferecer aos seus ouvintes todo esse repertório.

HOMICIDIO (Continuação da pag. 16)

— Achatada — comentou; depois: — deve ter batido nessa quina, que é de ferro.

O superintendente perguntou ao detective si podia mandar remover o corpo; o dr. Bond respondeu que sim. O outro deu, então, as ordens necessárias.

— A vítima ou o assassino — um deles — estava fumando — comentou o detective.

— Tem uma pista?

O superintendente mostrou-lhe impressões digitais e pegadas numa janela, e uns fiapos azues.

— O assassino — disse o superintendente — fugiu por aqui. Um de seus sa-

— Conhece a vítima?

— Conheço-o muito de nome. Aparecem sempre retratos dele nos jornais.

— E' curioso que um homem como John Franting permitisse que o assassino entrasse pela janela.

O dr. Bond, em seguida, percorreu toda a sala, examinando detidamente as outras mesas de bilhar. Havia no chão um pedacinho de papel. Ele apanhou-o e leu o que estava escrito nele. Em seguida guardou-o. Mandou chamar o porteiro.

— Como pode afirmar com segurança que somente Franting entrou no Hotel?

— Porque não saí do hall.

O porteiro mentia. O medo de uma repreensão por ter saído do seu posto durante as suas horas de serviço o assustara. O patrão ameaçara despedi-lo si ele tornasse a sair durante o trabalho.

— Do seu posto via quem entrava e saía?

— Claro.

— O assassino pode ter entrado antes de você chegar.

— Não. A sala de bilhar estava vazia antes de Franting chegar. A criada veio aqui várias vezes.

— Hum!

— Quero ver a criada — disse por fim o dr. Bond.

O superintendente hesitou. Por que o grande detective se metia com o que não era de sua conta? Ninguém o chamara. Mas o nome do dr. Bond e especialmente sua amizade com o chefe impunham respeito e deferência. Mandou chamar a criada.

— Você limpou a janela, hoje? — perguntou Bond.

— Sim, senhor.

— Mostre-me a sua mão direita. Como perdeu esses dois dedos?

— Os dois ficaram imprensados. O médico achou que seria melhor amputá-los.

— Chegue aqui, perto da janela. Muito bem. Agora deixe-me ver o seu sapato. Ótimo. Diga-me, não rasgou a sua saia recentemente? Perfeito. Pode retirar-se.

Quando a mulher saiu Bond virou-se para o superintendente:

— Sorte, meu amigo, somente sorte. Notei que ela só tinha três dedos numa das mãos ao passar por ela no corredor. Sinto muito ter de destruir a sua teoria, mas o assassino não entrou nem saiu pela janela.

— Como?!

— Ele ainda está aqui nesta sala.

O superintendente pegou no revólver que trazia no bolso.

— Onde?

— Ali. — O dr. Bond apontou para o cadáver.

— E como desfez-se da arma depois do suicídio?

— A arma está no bolso. Veja. Atirou. O braço caiu. E o revólver escorregou para dentro do bolso. Veja!

— Mas ele não poderia ter atirado com a mão esquerda...

— Franting era um dos amadores de box mais famosos da Inglaterra. Uma particularidade: era canhoto. Com a mão esquerda dava diretos tremendos. Por que não poderia disparar o revólver?

O dr. Bond apanhou o pedacinho de papel que encontrara no chão.

— Aqui um pedaço de carta. O resto deve ter voado. Com esse ventol! Leia!

O superintendente leu: "...repto que sei como me ama, mas tudo que eu sentia por você quando nos casamos desapareceu. O seu procedimento (faltava um pedaço do canto, e seguia...) partirei amanhã. Para sempre. Adeus. E."

Tendo demonstrado, com lógica e rapidez, que a polícia nada sabia da complicada ciência de desvendar um mistério, o dr. Bond desejou boa noite ao superintendente, fez uma reverência irônica e partiu, triunfante.

Dois anos depois casaram-se Emily e Lomax. O dr. Bond esteve presente. E, quando propôs um brinde aos noivos, um sorriso misterioso pairou nos lábios de Lomax. O mistério daquele sorriso foi um dos que o prodigioso detective nunca descobriu...

SABONETE HIGIENIC
HIGIENIZA
O CORPO E AS MÃOS
CP\$ 1,90

patos tinha um buraco no meio da sola e ele só tem três dedos na mão direita. Deve ter entrado e saído pela janela, pois o porteiro afirma que só a vítima entrou no hotel, pela porta.

Quando o superintendente acabou a sua dissertação, o dr. Bond disse:



CADETES BRASILEIROS NOS EE. UU. — Em seu aposento, após um dia de intensa atividade, o cadete brasileiro Ferraz gosa de um bem merecido repouso. Ele e muitos de seus colegas, nossos patrícios, completaram seu curso de aeronautica na Escola de Santo Antonio, na California, preparando-se para a luta.

MUITOS adjetivos tem sido atribuídos a esta guerra tentando defini-la segundo as características que de um ou de outro modo a diferenciam dos conflitos precedentes, em que se tem envolvido a humanidade, em defesa de ideais e de interesses. Infelizmente, em todas as guerras, os interesses tem sempre prevalecido sobre os ideais. Geralmente o que acontece é que são criados e inventados ideais ou mais propriamente ideologias, que mascaram as verdadeiras causas geradoras e alimentadoras das sangrias periódicas que o mundo sofre, como se a humanidade se houvesse dedicado ao tratamento de um esclerosado.

Entre os adjetivos a que nos referimos linhas acima, vemos: segunda guerra mundial, guerra-relampago, — como a chamaram os alemães no inicio, acreditando que a sorte das armas continuasse a lhes sorrir, decidindo em pouco tempo a conquista do mundo.

Nenhum é tão justo como "guerra-total".

Se alguma coisa distingue essa das outras conflagrações anteriores, é este carater de totalidade, nunca verificado em escala tão forte.

Desde o inicio, países-cobaias serviram de campo experimental para os criminosos do Eixo, como por exemplo a Abissinia ou a Espanha em que as populações civis foram horivelmente sacrificadas e, no caso

da Espanha, onde alguns dos mais valiosos tesouros artisticos da humanidade foram impiedosamente destruídos.

Séculos de civilização foram arrazados em alguns meses pela barbarie nazi-facista, que nunca respeitou tradições históricas ou sentimentos artisticos, procurando mesmo cortar qualquer contáto entre o mundo que pretendiam criar e o passado histórico dos países agredidos e escravizados.

Então, a Italia facista nem sequer pensava numa invasão do seu território, apoiada como estava pelo poderio pseudo-invincível dos nazistas. Os dois parceiros faziam suas correrias pela civilização, destruindo e matando impunemente.

Agora, entretanto, eles experimentam os efeitos da guerra total nas suas próprias cidades. Os bombardeios aliados sobre a Alemanha e territórios ocupados faz-lhes sentir os efeitos tremendos deste gênero de guerra, inventado por eles próprios.

Mas, logo nos primeiros embates, o moral dos seus cidadãos mostrou-se muito abaixo daqueles que sofreram calados, sem desfalecer, sem perder a fibra combativa e o animo que ampara os justos.

Londres foi quasi arrasada. Mulheres e crianças morriam diariamente às centenas, como insetos. Co-

ventry, cidade sem a menor expressão estratégica, foi literalmente imolada. Mas este povo, bombardeado dia e noite, sem lar, sem a menor segurança, não se curvou e continuou a combater.

Na Russia, centenas de cidades e aldeias foram incendiadas e suas populações cruelmente assassina-das. E a Russia continuou lutando até agora, em que o invasor está à beira do maior desastre militar de todos os tempos.

Roma também tem recebido o seu castigo. Mas a "Cidade Eterna" não é atualmente senão uma praça de guerra em que os nazistas se aquartelaram, escondidos em igrejas e conventos transformados em fortalezas, onde eles pretendem deter a marcha dos aliados.

Por muito doloroso que seja, e ninguém pensa em contesta-lo, é este um sacrificio que se impõe aos próprios chefes aliados, quando está em jogo toda a sorte da civilização. Está claro que a destruição de igrejas e de monumentos de arte vai agora coloca-los numa situação bastante delicada. E' mais um obstaculo a vencer na conquista da vitória, mas certamente será vencido como foram os que até aqui se apresentaram.

G.

A Guerra em Marcha

♦ ♦ ♦ ♦ ♦

AS MAIORES VITIMAS



OS LARES DESTES INOCENTES FORAM DESTRUÍDOS PELOS BOMBARDEIOS DA CAPITAL INGLESA. ELES FORAM TAMBÉM CONDUZIDOS PARA UM ABRIGO DE WEST LONDON ONDE ESTÃO VIVENDO UMA EXISTÊNCIA DIFERENTE, MAS, ENFIM, VIVENDO. O BOM HUMOR NÃO OS ABANDONA, MESMO NAS PIRES EMERGENCIAS.

CRIANÇAS ATÉ 5 ANOS DE IDADE, DESVIADAS DA COMPANHIA DOS PAIS, EM LONDRES, DESDE O INÍCIO DA "BLITZ" EM 40, PARA A MANSÃO DE GLOUCESTERSHIRE, ONDE FICAM AOS CUIDADOS DE LADY GUNSTON, QUE SE VÊ À ESQUERDA, NO SEU GIRO MATINAL, TAMBÉM ACOMPANHADAS DE UMA CARINHOSA "NURSE". OS PAIS SÓ AS VÊEM DE LONGE EM LONGE... ELAS ESPERAM QUE VENHA A PAZ PARA ENTÃO VOLTAREM AOS CUIDADOS MATERNOIS.



CAROTOS DE COVENTRY, A HEROICA CIDADESINHA QUE SOFREU UMA DAS PIRES "BLITZES" DE QUE SE TEM CONHECIMENTO, SABOREANDO UM SANDUICHE E UMA CHAVENA DE CHA' DOS SOCORROS ENVIADOS PELO GOVERNO BRITANICO. NÃO FAZ MUITO TEMPO, OS NAZISTAS BOMBARDEARAM NOVAMENTE COVENTRY.





INOCENTES CRIANÇAS DE UM ORFANATO DESTRUIDO PELAS BOMBAS TRAIÇOEIRAS DE HITLER NOS ARREDORES DE LONDRES, "BABIES" CUJA IDADE ORÇAVA ENTRE DEZ DIAS A TRES ANOS, RECEBEM A PRIMEIRA ALIMENTAÇÃO DO DIA, AO AR LIVRE. OS DORMITÓRIOS FORAM DESTRUIDOS E MUITAS DELAS MORRERAM.

QUANDO AS TROPAS NORTE-AMERICANAS VÃO PENETRANDO EM TERRITÓRIO ITALIANO, CONQUISTADO AO INVASOR NAZISTA, DEPARAM-SE QUADROS DESTE VULTO: MISERÁVEIS CRIANÇAS NATIVAS, ESFOMEADAS, DEVORAM OS ALIMENTOS QUE A TROPA LHEZ OFERECE. DEPOIS SÃO CUIDADAS PELOS MÉDICOS ALIADOS.



OS SOBERANOS DA GRÃ-BRETANHA VISITAM E PRESTAM SOCORRO A'S CRIANÇINHAS DE UM BAIRRO POBRE DE LONDRES, CUJOS PAIS DESAPARECERAM DURANTE UM BOMBARDEIO NOTURNO. AS MULHERES DO SERVIÇO VOLUNTÁRIO INGLÊS TRATAM DOS INOCENTES, MAS A RAINHA ELIZABETH É QUEM SUPERVISIONA OS TRABALHOS.

DUZENTAS MIL CRIANÇAS FORAM RETIRADAS DE LONDRES, EMBARCANDO PARA OS CAMPOS E REGIÕES LONGINQUAS. ELAS SORRIEM, NA IGNORÂNCIA DA TRAGÉDIA IMENSA DE QUE SÃO PROTAGONISTAS, E AS MAIORES VÍTIMAS DESTA GUERRA HEDIONDA EM QUE O MUNDO MERGULHOU QUASI HA CINCO ANOS!



AS MASCOTES DOS SOLDADOS

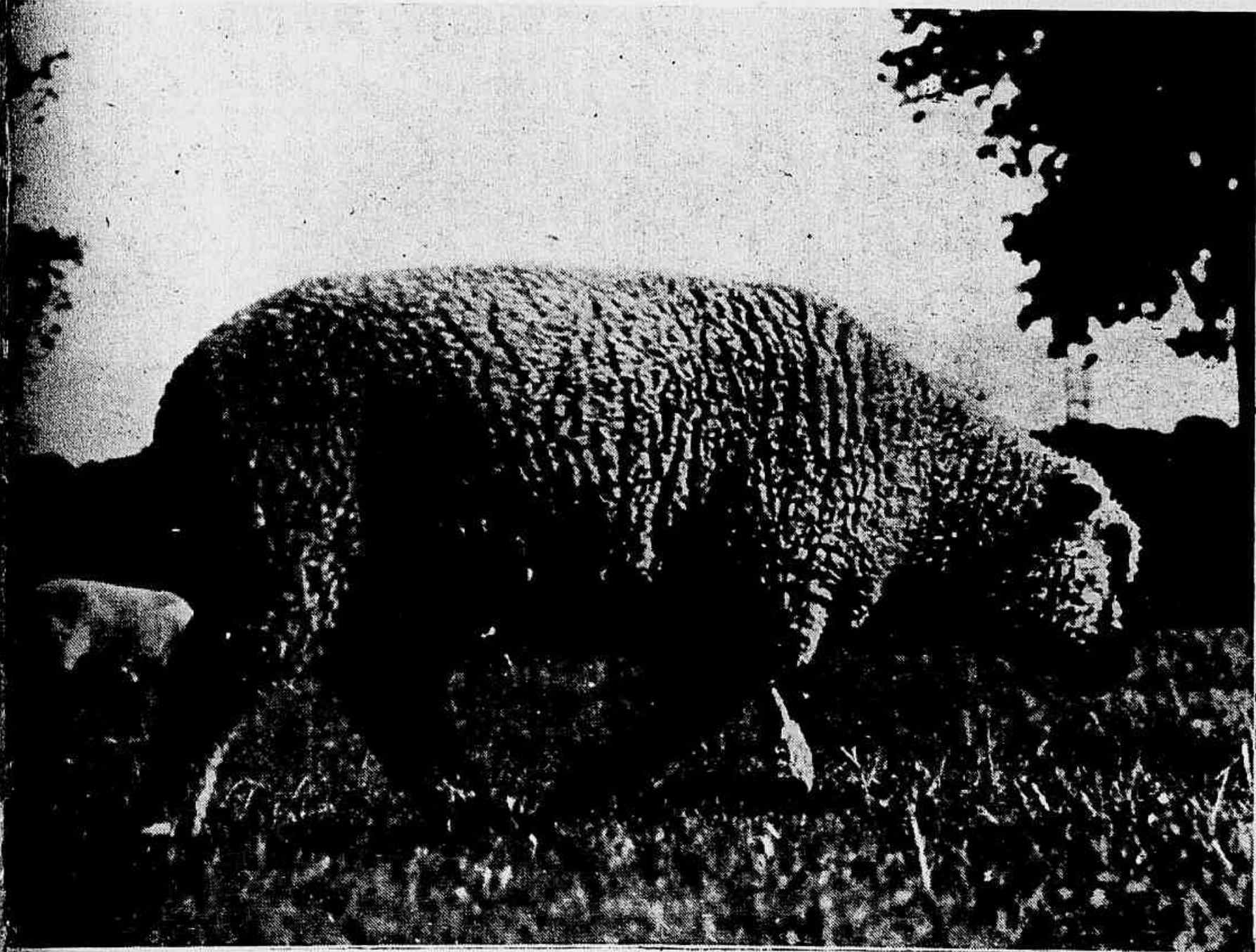
por Leonore Lucas

De alguma parte da Austrália (por via aérea)



“Durante o seu avanço pelo deserto, o Oitavo Exército encontrou este burro abandonado. Puseram-lhe, os soldados o nome de “Horacio”, aquele casulo de Walt Disney — e ainda hoje “Horacio” os acompanha pelo sul da Itália.

Carneiro de batalhão existe em todos os Exércitos do mundo. Mesmo onde não se encontram facilmente carneiros. Este, porém, é da Armada de Tio Sam e chama-se “Pop”. Anda navegando em mares perigosos de ambos os Atlânticos...



DEPOIS da correspondência familiar, o que mais corre para suavizar a nostalgia e manter alevantado o moral dos rapazes americanos que combatem no exterior são suas mascotes. Estes homens, desde que pisaram, em território italiano, arrebanham um numero sempre crescente de amigos de quatro pés, isso para não mencionar passaros, repteis e insetos.

Os acampamentos do exercito são uma verdadeira Meca para todos os tipos, tamanhos e raças de cães. Não importam os laços afetivos que liguem um cão de respeitavel e circunspecta aparência ao lar de seus amos; basta que um soldado assobie para ele tudo esquecer. Detem-se, abana orelhas, hesita. Já então está perdido, pois é imediatamente conduzido para um vagão militar e seu destino é um acampamento.

Ha poucos dias, em plena floresta australiana, do acampamento de uma unidade que servira na Nova Guiné, tive a oportunidade de ouvir a irradiação de uma mensagem da senhora Roosevelt dirigida aos soldados americanos. No coação da floresta verde, com os capacetes camuflados, aqueles homens ouviam atentamente as palavras que, da patria, lhes dirigia a primeira dama dos Estados Unidos.

Sem demonstrar o menor respeito pela solenidade do momento, um cãozinho preto, de longas orelhas caídas, corria e pulava de um lado para outro. Ele bem poderia brincar com um cordão de sapato ou coçar uma orelha, mas dez longos minutos sem ringuem afagá-lo, era uma coisa que ultrapassava sua compreensão. Quando a irradiação terminou e os rapazes se dispersaram, surgiu como por encanto a mais bela coleção de cães que jamais tive ocasião de ver. Rolavam-se pelo chão e latiam, manifestando assim a seus donos a alegria que sentiam por se verem novamente em liberdade.

Mas não são apenas os cães que monopolizam o afeto dos soldados americanos. Entre as mascotes dos “Liberators” na Austrália, existem papagaios, cangurus e até mesmo um lagarto e uma serpente mansa. O sargento James F. Roubal, de Illinois, orgulha-se de sua amizade com uma cobra e um filhote de canguru. Nestes ultimos dias, os aviadores estão lamentando a morte de diversos papagaios. O lagarto come pela mão de seu dono e o canguruzinho dorme no seu hidroplano. O tenente Lee Boot, de Nova York, um dos pilotos de “Liberators”, possui dois cães que são alimentados a bananas. A tripulação de outro desses bombardeadores adotou “Rebel”, um magnifico “bull-terrier”. Desde sua mais tenra idade, quando ainda mal se podia firmar nas patas, “Rebel” acompanhou seus donos em incursões sobre territorio japonês e parece que gostou muito da coisa. Segundo as declarações do sargento Raymond Katz, de Washington, “Rebel” nasceu num canil de animais selecionados, onde era principescamente tratado. Duas semanas mais tarde já se tornara uma figura indispensavel da tripulação de seu bombardeador.

Uma ocasião encontrei o tenente Bill Rhue lutando com um cão no meio da rua. A vista do espetáculo concluí que Bill não estivesse regulando bem, mas ele logo me explicou que estava preparando seu mascote para incursões aéreas. Asseverou-me que o treinamento de cães para taes fins era uma empresa muito difficil, mas que, entretanto, agora haviam encontrado o método para solucionar o problema dos mascotes.

Em certa ocasião, alguém deu uma cabritinha a uma enfermeira de um hospital da Austrália. Batizada com o nome de “Peggy”, a cabritinha foi tratada com tal carinho pelas demais enfermeiras que adotou hábitos de um gato mimado. Infelizmente “Peggy” cresceu e começou a “balar” como fazem os animais de sua especie. O irritante, porém, é que isso sempre acontecia ao anoitecer, quando devia reinar silencio no hospital, e tanto incomodou que a mandaram de volta para a sua fazenda natal.

Alguns meses mais tarde um oficial americano foi a essa fazenda à procura de um gato para uma enfermeira do mesmo hospital. Nunca ouvira falar em “Peggy”, e por isso muito se surpreendeu quando, ao subir os degraus de uma escada que ficava nos fundos da casa, viu uma cabritinha deitada no alpendre como se fôra um cão. Como não houvesse gato no lugar, os camponeses ofereceram-lhe a cabritinha, pois não sabiam o que fazer com ela. “Peggy”, voltando ao campo, não se conformou com a promiscuidade com seus irmãos caprinos, nem tão pouco se sujeitou à alimentação dos mesmos. Só passava em roda e dentro de casa da fazenda, trepava nas cadeiras e camas, e exigia os mesmos alimentos das pessoas da casa. Em resumo, havia esquecido que era uma cabra.

Vivamente emocionado, o oficial, ao saber sua história, comprou-a e levou-a de volta ao hospital. A alegria de “Peggy”, quando se encontrou novamente entre suas antigas amigas foi indescritivel e, embora já fosse uma cabra adulta, brincava e pulava no colo das enfermeiras como se fosse uma criancinha. Muitas vezes “Peggy” não passava de um estorvo, mas ninguém ousa baní-la novamente, e ela ficara no hospital até ao fim da guerra.



Voluntárias do Serviço Feminino, em Londres, recolhem meias de seda que serão transformadas em material bélico.

ELAS AJUDAM A VITÓRIA

Depois de um período relativamente curto de aprendizagem, as mulheres americanas recebem o diploma de voluntárias enfermeiras. Trabalham nos hospitais e são enviadas para a linha de frente, onde sua ação tem sido destacada por todas as autoridades militares.



É verdadeiramente surpreendente a contribuição da mulher ao esforço de guerra das Nações Unidas. Tanto nos Estados Unidos como na Grã Bretanha e União Soviética a mulher está desempenhando um papel decisivo, que poucos certamente acreditavam seria capaz. Até há bem pouco a noção que se tinha da mulher — noção que mais se acentuou com a hábil propaganda fascista — era de que ela havia sido feita exclusivamente para o lar. Isto entretanto era tremendamente falso, principalmente porque de há muito as mulheres, impelidas pela necessidade, vinham trabalhando nas fábricas, oficinas, escritórios, profissões liberais, etc. Mas aquele conceito visava negar à mulher os seus mais elementares direitos. Praticamente não se tomava conhecimento da mulher como trabalhadora. Modificadas as condições sociais do mundo, depois da primeira grande guerra, continuava-se entretanto a negar à mulher aquilo que com tanto esforço conquistara. O fascismo, através de sua encarnação mais violenta e poderosa — o nazismo alemão — até chegou a criar um lema para a mulher, contra o qual se levantaram as vozes mais autorizadas do mundo. Eram os três "K" do hitlerismo: Kirsche, Kinder, Kuechen, ou seja, igreja, criança e cozinha. Esses três "K" restringiam a vida da mulher e encerram todo o pensamento fascista a respeito.

Mas se por um lado a mulher era subjugada, e suas atividades restringidas nos países dominados pelo fascismo, nas democracias as suas conquistas eram cada dia maiores, seus direitos eram discutidos em condições de igualdade aos dos homens. Nos mais diversos setores da atividade humana ela se destacava e era acatada como igual. A guerra atual veio encontrar um grande número de mulheres trabalhando nas indústrias civis. Transformadas que foram estas, nos países em guerra com o Eixo, em indústrias bélicas, mobilizados os homens para seguirem para as linhas de frente, foram chamadas a substituí-los. E então verificou-se uma coisa espantosa. A produção, ao em vez de cair, continuou no mesmo nível e em alguns casos até aumentou. Indústrias como a de munições encontraram na mulher uma ótima operária, paciente e cuidadosa. Até mesmo aquelas em que o trabalho era mais bruto contavam com a cooperação feminina. Aviões, motores, tanques, canhões e um sem número de outros instrumentos eram feitos por mulheres. Mas, deixando de lado a parte da produção, vamos encontrá-la igualmente nos campos de batalha. Quer seja lutando de armas na mão, como guerrilheira na União Soviética, China, Iugoslávia, etc., quer como enfermeira. Corpos especiais foram constituídos, como nos Estados Unidos o chamado Corpo Auxiliar Feminino, e na Inglaterra a WAAF.

Depois desta guerra, quando a vitória for alcançada pelas armas aliadas, e o fascismo varrido da face da terra, a mulher certamente ocupará um lugar ainda de maior relevo. Não se poderá desconhecer o seu tremendo esforço. Desde já, portanto, estão sendo estudados os meios da sua integração no mundo do após-guerra.

Por LUIZ ROSEMBERG

Houve porém uma época que nos países democráticos se erigiram certos tabús para as mulheres. Tal aconteceu mesmo nos países industrializados, como os Estados Unidos. Disso temos uma visão através do romance de Rachel Field, "Nunca é Tarde" que agora acaba de aparecer. Trata-se de um romance que fixa a decadência de uma família burguesa depois do grande "crack", da bolsa de Nova York, que tão grande repercussão teve em todo mundo. As greves que então estalaram, os movimentos proletários em organização, enfim, as lutas sociais são descritas neste livro em meio a um entreccho romanesco. Emily Blair é bem o símbolo da burguezinha de boa vontade, que por ter nascido rica custa a compreender os problemas que se apresentam e a que assiste. Não se trata de um romance proletário, e acreditamos que não tenha sido este o objetivo da autora. Porém os fatores sociais influenciam-no e nele se destacam. A conhecida escritora norte-americana, em "Nunca é Tarde" apresenta os problemas sociais de então, e embora não apontando soluções para os mesmos, aprecia-os com olhos de quem conhece realmente a questão. Não é um romance "cor de rosa" tão ao sabor das mocinhas antigas, porém um romance realístico, em torno de fatos que acontecem ainda hoje a qualquer mulher. Os personagens como Emily, Jo Kelly, Dr. Merck, tia Em, são encontrados em qualquer lugar e representam uma época de transição.

Visando, ao que parece, a adaptação do romance ao cinema, a autora de "Tudo isto e o céu também" esforça-se para conseguir um efeito que bem poderia se chamar de "made in Hollywood".

Com esse fim utiliza um "método Vance" para a cura da surdez, tendo antes o cuidado de afirmar que esse método não passa de ficção. Desta forma o leitor fecha as últimas páginas do livro e não precisa ficar triste, pois inclusive o "mocinho casa com a mocinha" e tudo o demais se normaliza. Só o que fica por resolver é a luta entre os "do lado de lá" da ponte de Blairstown e os "do lado de cá"...



Odir Vargas e Mary Louise O'Shea, cujo enlace matrimonial se deu no Rio. Ele é filho do casal Araripe Vargas e ela filha do casal T. J. O'Shea, nome assás conhecido no mundo industrial farmacêutico brasileiro, como gerente geral de J. C. Eno e Scott & Bowne do Brasil.

Aniversários da Semana

26 — Meninas: Cecilia Teixeira Filho, Teresa de Lamare. Senhores: comendador Manoel Thedim Lobo, professor Dr. Alvaro Fróes da Fonseca, Dr. Alexandre Soares de Melo, Stewart Harwey, Henrique Moreira Corrêa, Luiz Severiano Ribeiro Junior, Alberico Pereira Braga.

27 — Senhoras: D. Emilia de Almeida Soares, D. Joaquina Peixoto São Paulo, D. Umbelina Pereira Guerreiro; Senhores: Raul Antonio da Rocha, Dr. Alfredo Trajan, professor Ariosto Berna, Dr. Armando de Oliveira Assis, Dr. Joaquim Inojosa.

28 — Senhoras: D. Calula Cavalcanti, D. Maria Terra; Senhoritas: Nilcéa Guimarães de Sousa, Nilza Alves de Carvalho; Senhores: José Henrique Paredes, professor Pedro do Couto, Dr. Vilobaldo Campos, Dr. Sebastião Guaraci Amarante, coronel Raul Cabral Velho, professor Aprigio do Rego Lopes, Dr. Silvio Terra, Dr. Alarico Maciel, José da Rocha Vaz, Dr. J. Caran, Aguinaldo Marinho.

29 — Senhoras: D. Odete Fonseca, D. Sarita Porto. Senhorita: Zoraima

de Almeida Rodrigues. Senhores: major Napoleão de Alencastro Guimarães, Armando Rodrigues, general Pinto Amado, Dr. Nelson Pinto, major Luiz Gonzaga Ferreira de Andrade, Orlando Argemiro Tesh Furtado.

30 — Senhoras: D. Eloisa Teixeira Duarte, D. Consuelo Muller, D. Lucia Benedetti, D. Noemia Arruzo Dantas; Senhoritas: Beatriz de Brito Leitão. Senhores: professor Castro Rabelo, Dr. Roberto Gonçalves Lima, José Moraes de Carvalho, coronel Silvestre Góes Monteiro, Eurico Aché.

31 — Senhoras: D. Balbina Travassos de Faria, D. Clelia Buarque, D. Hilda Campos. Senhorita Tereza de Almeida. Senhores general Artur Sílio Portela, coronel Alcides Etchegoyen, Desembargador Seboia Lima, Dr. Haroldo Franc Eyres, Ivo Barroso.

1 — Senhoras: Lucilia Nascimento e Maria da Costa. Senhorita Noemia Paiva. Senhores: Roberto Gonçalves Lima, Petronillo Santa Cruz Oliveira, Sebastião Mello e Lima, ministro Joaquim Eulálio do Nascimento, general Toledo Bordini.

SERGIO ROBERTS, o artista de mil facêtas

Durante três meses ocupou a atenção do público e da crítica a atuação multiforme de Sergio Roberts, o jovem artista chileno, legítimo embaixador da arte e da cultura de seu país e da divulgação americana.

Sergio Roberts, temperamento artístico extraordinário, membro de aristocrática família chileno-italiana, de ampla

maravilhoso corpo de atleta, estilizado em suas linhas e de músculos elásticos. Sergio Roberts pode apresentar a magia de sua arte em todo o esplendor junto à graça incomparável do helenismo na sua mais pura combinação.

Assim criou a *Marcha Funebre*, de Beethoven, com atitudes de fundo dramatismo; a *Dança dos Feliceiros*, de Paganini, num lirismo sóbrio e elegante; o *Bulão*, de Godar, no sentido grotesco; o *Santeiro*, de Cochabamba, motivo típico da Bolívia, com música de Roncal, traduzindo o mais fino humorismo e a mais refinada coreografia. Esta dança conseguiu o milagre de ser aplaudida de pé por todo o público do Rio de Janeiro.

Sua declamação é sóbria e elegante; sabe dar tonalidades próprias à voz e elegância às maneiras. Seus livros revelam um escritor de fina psicologia e de estilo moderno; sua atuação periodística é entusiasta e de altos ideais.

A tudo isso devemos juntar seu grande e sincero afeto ao Brasil, divulgando nossas artes em cada país que visita. Agora, leva à sua terra natal uma grande exposição de nossos pintores e escultores, realizada inteiramente à sua própria expensa.



"Canção", escultura em pedra adquirida pelo ministro Capanema para o Museu Nacional de Belas Artes.

cultura e generoso coração, vai pelos caminhos do continente semeando beleza e emoção. Sua arte desconhece limites; nasceu para captar a harmonia em todas as latitudes.

Seu triunfo no Museu Nacional de Belas Artes é inegável. Esculturas como *Canção*, adquirida pelo mesmo Museu para sua coleção americana, revelam sua personalidade na escultura, cheia de expressões originais e de grande sentido plástico. Suas fotografias são realmente notáveis: hábil na combinação de luzes e sombras, assombroso no dar relevo a cada modelo, seus nus femininos e de atletas, são um maravilhoso canto à beleza do corpo humano.

Ágil como um acrobata, passa à dança e cria seus "Poemas Plásticos", dança livre que abre novos caminhos à coreografia moderna e que mostram seu espírito creador. Dotado de um



Retrato de Dona Rosario Baeza de Repetto, destinado a Escola Chile.

A AGUIA DE HAYA

(Continuação da pág. 9)

dos teus livros e da tua vida, sua idealidade, sua sensibilidade, sua castidade, sua humanidade, um argumento mais da existência e da infinidade dessa origem de todas as graças à onipotência de quem devemos a criação do universo e a tua, companheiro e mestre, sobre cuja transfiguração na eternidade e na glória caíam as suas bênçãos, como as da pátria, que te reclinava ao seu seio.

Quando o próprio Rui morreu, há vinte anos passados, foi também a pátria que o acalentou nas alturas misteriosas da glória...

Nenhum outro brasileiro teve em sua vida tantas consagrações, despertou entusiasmos tão grandes, obteve aplausos tão sinceros. O seu nome ultrapassou as fronteiras do país, conquistando a admiração e o respeito de todos os povos da América. E indo além do continente, a projeção da sua inteligência alcançou a Europa...

Ah! os dias memoráveis da Conferência de Haya! Rui Barbosa chegara ali quase desconhecido, apagado entre as figuras vistosas de outras delegações importantes. Só se falava no famoso Barão Marsden, representante do Kaiser. E em Leon Bourgeois, chefe da delegação francesa. Outros vultos ilustres prometiam dominar a assembleia internacional.

Mas quando Rui começou a falar, em nome das pequenas potências, foi um assombro, um deslumbramento. A clareza dos seus raciocínios, o vigor da sua argumentação, a amplitude dos seus conhecimentos, provocou o espanto geral. Se algum dos embaixadores lhe dirigia um aparte, Rui lhe dava resposta em seu próprio idioma, fosse inglês ou italiano, russo ou espanhol, sueco ou rumeno. Era um poliglota. E um mestre em direito internacional. Em pouco tempo, já se espalhava o seu novo apelido — A AGUIA DE HAYA.

Um dia, a aguiá tombou... E eis o artigo em que Medeiros e Albuquerque exprimiu, com imparcialidade, o seu juízo sobre o grande morto:

Extinguiu-se com Rui Barbosa o maior nome da intelectualidade brasileira.

(Continúa na pág. 49)



DULCINA - A CLEOPATRA DE BERNARD SHAW

A "REVISTA DA SEMANA" PODE HOJE OFERECER AOS SEUS LEITORES ESTA SENSACIONAL REPORTAGEM FOTOGRÁFICA LEVADA A EFEITO NO PALCO DO TEATRO MUNICIPAL, DURANTE OS ENSAIOS DE "CESAR E CLEOPATRA". CENÁRIOS FORAM COLOCADOS E O GUARDA-ROUPA DOS PRIMEIROS INTÉRPRETES FOI TODO UTILIZADO PARA QUE OS NOSSOS REPORTERS DESSEM CONTA DA SUA TAREFA. O RESULTADO É ESTE QUE AQUI DAMOS AO PÚBLICO: AS PRIMÍCIAS DE VÁRIAS CENAS CULMINANTES DA PEÇA DE BERNARD SHAW — MOMENTOS, ATITUDES E PASSAGENS EMPOLGANTES DO GRANDE ESPETÁCULO QUE MIROEL SILVEIRA TRADUZIU PARA O NOSSO IDIOMA.

DULCINA MOVIMENTOU OS SEUS ARTISTAS E TODO O PESSOAL DO MUNICIPAL DESDOBROU-SE EM ATIVIDADES PARA QUE ESTE NOSSO ESFORÇO DE REPORTAGEM FOSSE COROADO DE ABSOLUTO ÊXITO.

DUAS PÔSES DA ARTISTA PATRICIA EM CLEOPATRA, QUE SÃO DUAS LUXUOSAS "TOILETTES", CADA QUAL AVALIADA EM QUASI VINTE MIL CRUZEIROS.

É indiscutivelmente o acontecimento artístico de sensação do ano de 1944 a temporada de arte que Dulcina e Odilon vão realizar, a partir do dia 31 do corrente, no Teatro Municipal.

Acontecimento em que se conjugam coragem, sacrifício, esforço, bom gosto — dentro da mais pura forma de idealismo construtivo e bem dirigido.

Nada ficou esquecido para que essa realização, que leva como garantia suprema de êxito a marca da direção cênica de Dulcina, assuma a responsabilidade de um autêntico movimento artístico e de uma definitiva demonstração das possibilidades dos nossos intérpretes, dos nossos cenógrafos, de nossos desenhistas, de todos aqueles que, na interpretação ou nas montagens das peças, na tradução do repertório ou nas realizações musicais e coreográficas, intervêm com a sua contribuição espiritual para a valorização do empreendimento. O repertório — eclético por excelência, com a finalidade de divulgar vários gêneros da literatura dramática, a versatilidade do elenco — está constituído de seis peças, cuja tradução foi confiada a intelectuais de indiscutível idoneidade: "BODAS DE SANGUE", de García Lorca (tradução de Cecília Meirelles); "SANTA JOANA", de Bernard Shaw (tradução de Dinah Silveira de Queiroz); "ANFITRIÃO 38", de Giradoux (tradução de Maria Jacinta); "CESAR E CLEOPATRA", de Bernard Shaw (tradução de Miroel Silveira); "RAINHA VITÓRIA", de Laurence Housman (tradução de Bandeira Duarte), e ainda a peça brasileira "COMÉDIA DO CORAÇÃO", de Paulo Gonçalves.

A característica popular da temporada coloca Dulcina e Odilon na vanguarda de um movimento de renovação de métodos de cultura das massas — uma vez que seus métodos de divulgação de bom repertório atendem bastante às necessidades atuais do povo, tão sacrificado já pelas circunstâncias mundiais do momento e que vai poder, enfim, subir as escadas do Municipal sem sacrifícios e com a certeza de encontrar, a preços mínimos, o grande teatro que a sua sensibilidade e a sua cultura exigem.

Quanto às montagens e ao guarda-roupa, é suficiente dizer que Anahory, Trompowski e Valentim fizeram os cenários de "CESAR E CLEOPATRA"; Henrique Liberal os de "RAINHA VITÓRIA"; Cajado Filho os de "SANTA JOANA"; Oswaldo Motta os de "ANFITRIÃO 38"; Eros Gonçalves (um novo premiado no recente concurso aberto para essa temporada) os de "BODAS DE SANGUE" — enquanto





— QUEM É TU, ESTRANGEIRO, QUE QUERES FALAR COM CESAR?
(Britannicus — Jorge Diniz; Bel Afris — Milton Carneiro).



— CLEOPATRA SERÁ PARA CESAR A MAIS PERIGOSA DE TODAS AS
SUAS CONQUISTAS!
(Cesar — Odilon; Rufio — Manoel Pêra).

POTINUS, "LEADER" EGIPCIO DA CÔRTE DE PTOLOMEU
(Armando Rosas)



FTATATITA, AMA DA RAINHA CLEOPATRA
(Conchita)





— POR QUE NAO FICAS TU COMO GOVERNADOR DO EGITO?
(Cesar — Odilon; Rufio — Manoel Pêra).



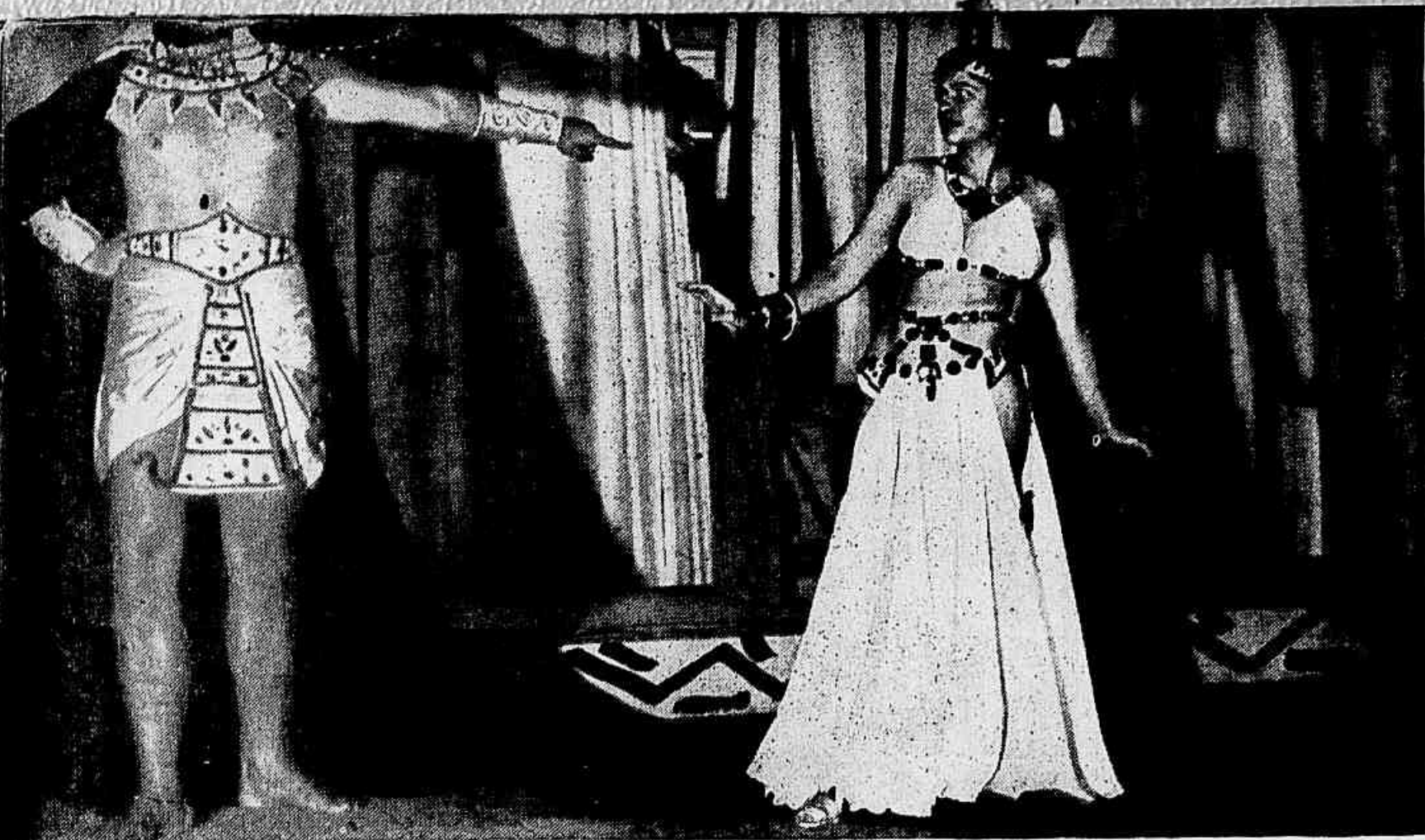
— QUE TAL SI VENDESSEMOS CLEOPATRA A PTOLOMEU?
(Persa — Danilo Ramirez; Belzanor — Grijó Sobrinho).

FTATATITA E POTINUS
(Conchita e Armando Rosas)

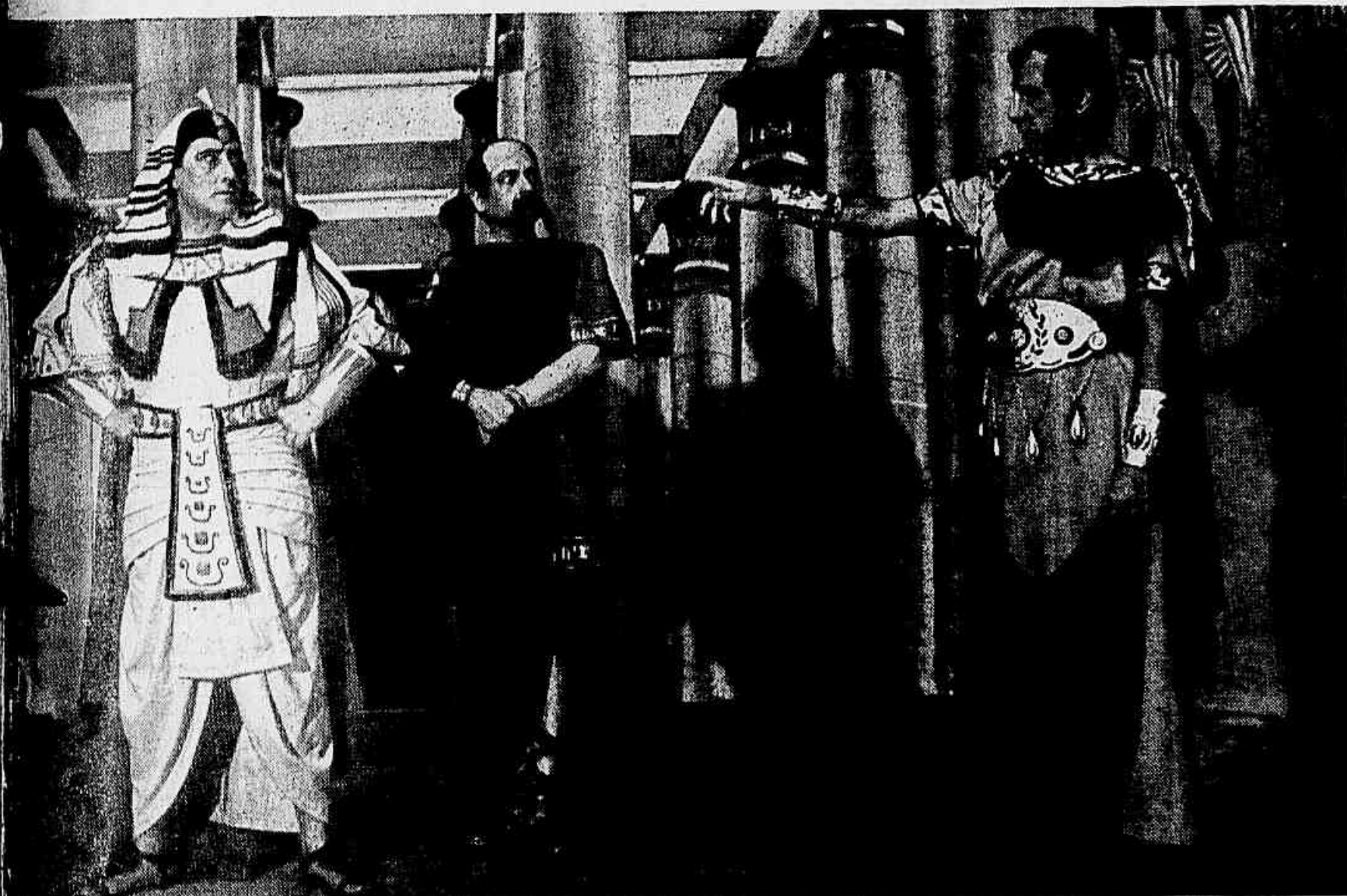


— SAIA JA DAQUI!
(Ftatatita — Conchita; Escrava — Dinorah Marzullo).





— ELA É TESTEMUNHA DA TRAIÇÃO DE CLEOPATRA !
(Achillas — Ribeiro Fortes; Escrava — Dinorah Marzullo).



— PODES IR, POTINUS. ESTAS LIVRE.
(Cesar — Odilon; Potinus e Britannicus).



— DO MESMO MODO TERIAM MATADO CESAR SI POMPEU O TIVESSE
VENCIDO EM FARSALIA !
(Cesar — Odilon; Britannicus, Potinus, Achillas e Bel Afri).

Exclusividade de REVISTA DA SEMANA

Alina é uma joven figurinista cujo nome se fez ao contacto assíduo com os grandes "magazines" de modas que se editavam na Europa até ao deflagrar da guerra. Em revistas de Varsóvia e Paris, desfilavam frequentemente os novos e sugestivos modelos da artista que a partir de hoje vai oferecer às leitoras da REVISTA DA SEMANA "croquis" absolutamente inéditos, em criações de Alina exclusivamente para esta publicação.

Os figurinos foram todos desenhados por Oswaldo Motta e confeccionados os de Dulcina por Iracema.

Há qualquer coisa de irreai na beleza do guarda-roupa de "ANFITRIÃO 38" — espalhado sob a beleza dos mágicos céus gregos, em que a peça se desenrola. Há muito de feérico no guarda-roupa de "CESAR E CLEOPATRA" — muito vistoso, avultando nas noites do deserto egípcio ou no palácio de Cleopatra. As figuras de "COMÉDIA DO CORAÇÃO" movem-se espiritualmente no simbolismo de um coração em conflito, da obra de Paulo Gonçalves, enquanto que o misticismo de "SANTA JOANA" cresce em majestade pelo rigor da indumentária e dos ambientes, e toda a Espanha rural nos vem aos olhos com as roupas que vestem os séres intensamente vivos da tragédia de Garcia Lorca, em figurinos criados pelo pintor De Murtas.

A parte musical está entregue ao maestro Leon Gom-bary, que compôs lindas páginas, entre as quais sobressai o bailado que ornamenta uma das cenas de "CESAR E CLEOPATRA" e que será interpretado pelo bailarino Decio Stuart e pelas bailarinas Lilia Naldi e Felicitas.

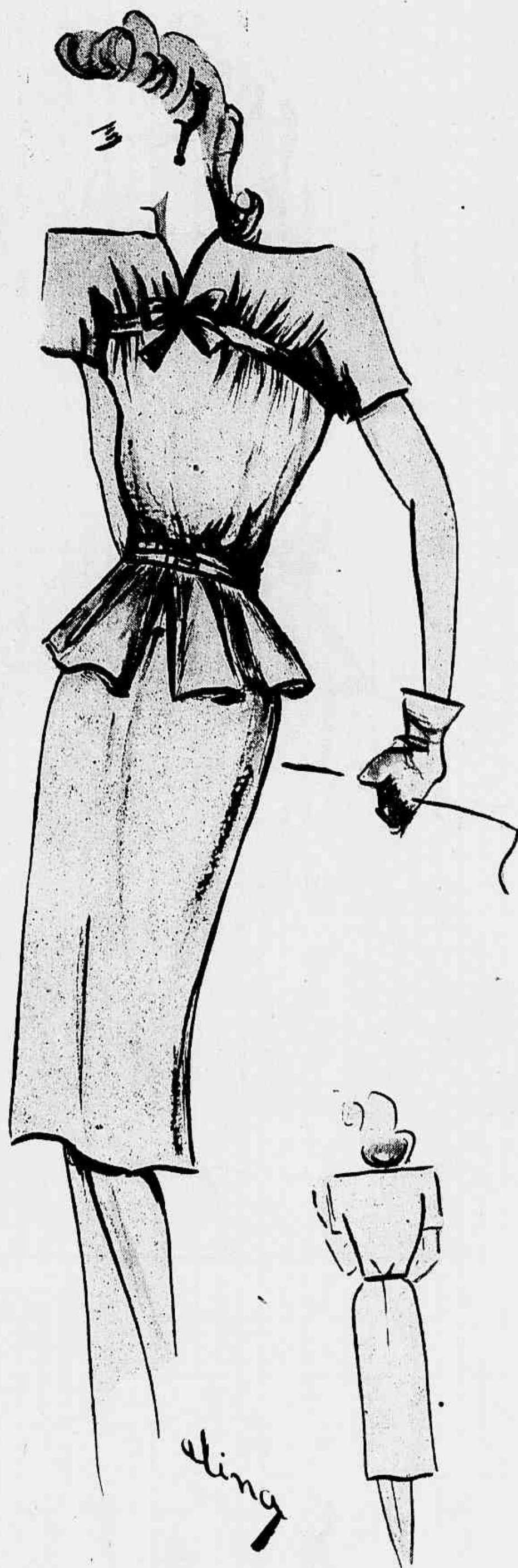
Também a peça "BODAS DE SANGUE" terá a valiosa colaboração das bailarinas Izabelita Ruiz e Nita Brandão.

Os efeitos de luz, achados por Dulcina, demonstram a presença constante do sentido de beleza que dirige todas as realizações da grande artista.

Como atriz, a atuação de Dulcina é das mais difíceis: Jeanne D'Arc, Alemanha, Cleopatra, Rainha Vitória, o Sonho, a noiva de "BODAS DE SANGUE" — todos papeis que têm pedido a interpretação das maiores atrizes da cena mundial. Como idealizadora, como diretora, como realizadora, seu papel na temporada é preponderante. Porque exige inteligência, aliada à intuição; cultura, ligada ao bom gosto; conhecimento da psicologia do público, unido ao rigor absoluto com que foi escolhido e vai ser mostrado o repertório; sentido de colaboração na difusão do bom teatro, junto ao desejo particular de engrandecimento de uma arte de que é expoente.



Vestido de seda amarela, com saia "plissée", na frente.



Vestido para a tarde com aba na frente. Saia reta, dois cintos estreitos, fechados com pequenas fivelas.

Dois modelos de Alina



4 Modelos

LOUISE ALLBRITTON está começando por onde, habitualmente, começam as novas figuras da tela: adquirindo foros de mulher elegante por excelência, fazendo que seus modelos sejam copiados pelas elegantes do mundo inteiro. Na página à direita, três figurinos são posados pela nova "estrela" da Universal, e o último, em baixo à direita, por Barbara Stanwyck (de calças). Inegavelmente, Louise Allbritton sabe vestir com remarcado bom gosto. Reparem no "cacoete" do braço direito em arco. Quanto à esposa de Robert Taylor, dispensa referências. Ela e a sua elegância são consagradas.

IRENE DUNNE, num intervalo da filmagem de "The White Cliffs", para a Metro, diverte-se folheando um album do marinheiro Popeye, com alguns pequenos "extras" do filme. Mas o principal objetivo d'este flagrante é mostrar a "estrela" em seu bonito traje de noiva. O galã, Alan Marshal, será o noivo.



GREER GARSON e RONALD COLMAN (na gravura superior) matam saudades das filmagens de "Na noite do passado". Ela fez, posteriormente, "Mme. Curie", que ainda não veio ao Rio, enquanto o veterano ator continua em grande forma, agora muito mais, com os ídolos moços mobilizados pela guerra. Parece que a Metro os reunirá em um novo romance.

BARBARA STANWYCK e CHARLES BOYER (na gravura inferior) recebem instruções do diretor, para o desempenho do novo filme em que ambos tomam parte. O encontro do galã de "Mayerling" com a heroína de "Stella Dallas" deve resultar numa nova e vitoriosa "performance". A propósito: Boyer é agora também produtor de filmes por conta própria.



FLAGRANTES DE HOLLYWOOD

MARIA MONTEZ faz questão de adotar o nome do marido, mesmo em suas atividades cinematográficas. A porta do seu camarim, na Universal, a protagonista de "As Mil e Uma Noites" mandou colocar a placa que se vê à direita, símbolo da maior harmonia conjugal.



À BEIRA MAR... ENTRE MONTANHAS...



No coração da cidade!

Consulte a
COMPANHIA MELHORAMENTOS DE NITERÓI
sobre os preços e as vantagens dos ter-
renos que o senhor deseja adquirir e

**CONSTRUA NA CIDADE
A SUA CASA DE CAMPO**

VANTAGENS CONCEDIDAS PELOS PODERES
PÚBLICOS AOS COMPRADORES DE TERRE-
NOS DOS NOVOS BAIRROS DE NITERÓI:

1. Isenção de imposto de trans-
missão para as vendas reali-
zadas pela Companhia;
2. Isenção de laudêmio para as
primeiras transferências de
terrenos de marinha e acres-
cidos;
3. Isenção de emolumentos de
obras para as primeiras cons-
truções de prédios residenci-
ais e 50 % de redução para as
demais construções;
4. Isenção de imposto predial
por 7 anos para os prédios até
3 andares. Os mais altos goza-
rão ainda da redução de 20 %,
durante os 5 anos seguintes.
5. Todos estes favores corres-
ponderão, eventualmente, a
uma redução no valor do ter-
reno, aproximadamente, de
20 %.

OBRA prima da engenharia moderna, os novos bairros de Niterói serão o orgulho da capital fluminense. Maravilhosamente situados à beira-mar, são emoldurados pelas montanhas que fazem da Baía de Guanabara a mais linda do mundo. E, além da atração das praias e da soberba visão panorâmica, oferecem os terrenos a vantagem de sua esplêndida localização, possibilitando rápido acesso ao Rio de Janeiro. Num desses pitorescos

bairros, fruindo o que a vida lhe pode oferecer de mais belo e confortável, encontrarão o senhor e sua família uma existência tranquila e cheia de encantamento. Decida-se, hoje mesmo, a construir a sua casa em Niterói. Procure o Departamento Comercial — Venda de Terrenos — da Companhia Melhoramentos de Niterói. e o senhor se convencerá da ótima oportunidade, que se lhe depara, de realizar um negócio van-
tajoso e de incalculável projeção no futuro.



Praias Maravilhosas, onde a vida exulta, constitu-
em um atrativo irresistí-
vel nas manhãs cheias
de sol e beleza.



Lanchas-Ônibus cruzarão
a Baía de Guanabara,
em 10 minutos, unindo
a cidade de Niterói à
Capital Federal.



Praças de Esporte, mo-
dernas e elegantes, ga-
rantem vida saudável,
divertida e cheia de
encanto em Niterói.

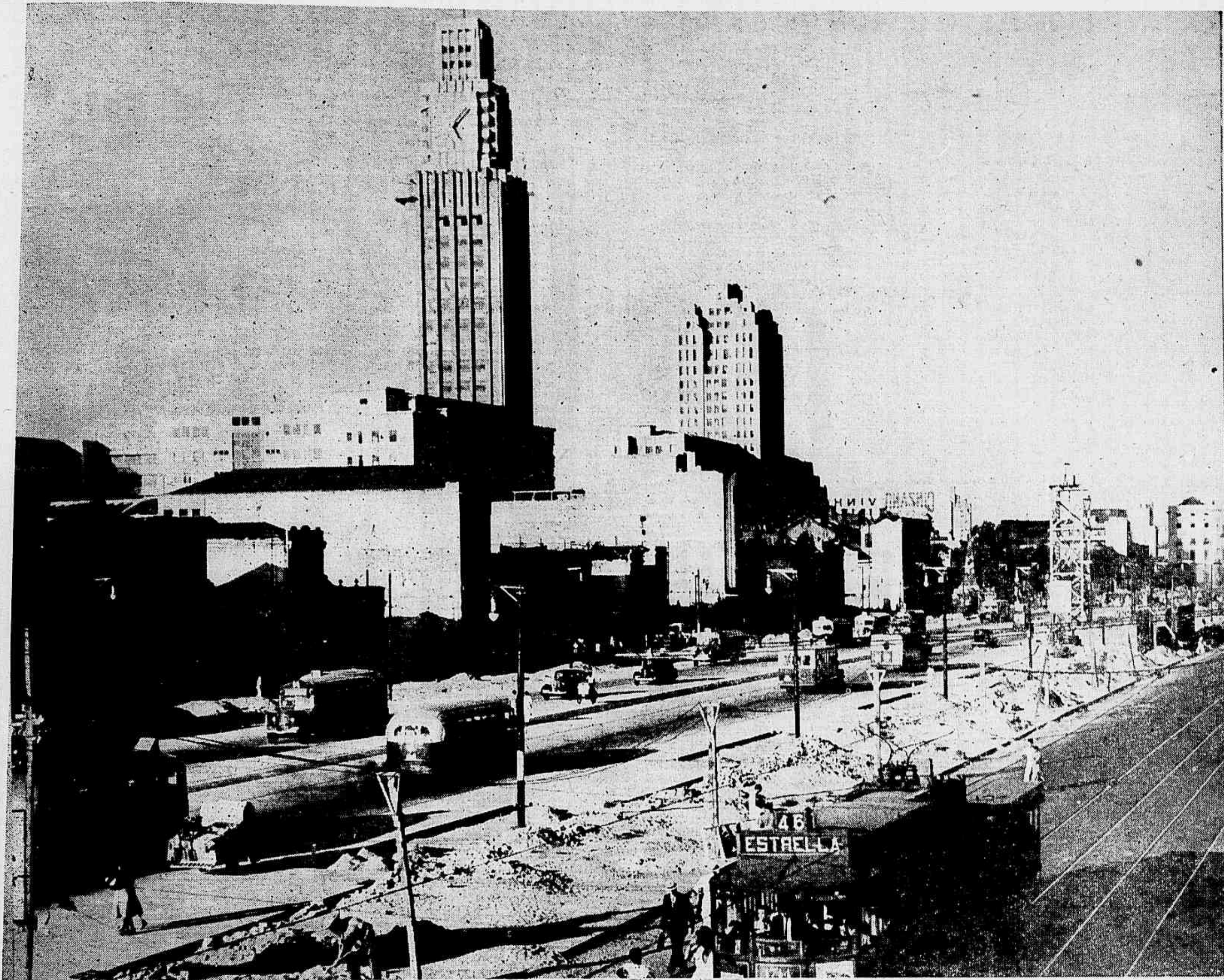


Recantos Pitorescos, pró-
prios para excursões e
piqueniques, proporcio-
nam alegres e repou-
santes fins de semana.

Cia. Melhoramentos de Niterói

DAHNE, CONCEIÇÃO & CIA.

DEPARTAMENTO COMERCIAL ★ VENDA DE TERRENOS ★ EDIFÍCIO "SÃO BORJA" ★ AV. RIO BRANCO, 277 - 11.º ANDAR - SALA 1101 - TEL. 22-1911



ACONTECEU NO RIO

O PRIMEIRO TRAFEGO NA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS

JA' existe um trêcho da Avenida Presidente Vargas transitado pelos veículos. A gravura desta página dá-nos um dos primeiros flagrantes que se bateram no começo da grande artéria carioca, agora entregue à passagem dos ônibus, automoveis e carros. Quando se iniciou a derrubada dos prédios nas desaparecidas ruas Visconde Itauna e Senador Euzebio, eram poucos os que esperavam tão depressa viesse a ser inaugurado o seu primeiro trêcho pavimentado e entregue definitivamente ao público, admitindo-se, então, que essa devia ser uma obra demoradíssima, talvez para muitos anos. Não o foi, no entanto. E recordando-se, agora, aquela manhã em que um corêto foi levantado frente ao primeiro prédio que então se iria derrubar, confortamos reconhecer que não se tratou de mais uma "obra de Santa Engracia". Os veículos que agora correm pelo asfalto da grande Avenida, por onde existiam casas até dois anos passados, atestam a rapidez com que esse empreendimento está sendo levado a efeito, num testemunho eloquente da operosidade do administrador Henrique Dodsworth. Por enquanto, é apenas o trêcho da antiga Praça Onze à Praça da Republica, mas não tardará que os carros venham a estender a sua marcha velóz até mais longe, porque o edificio da Prefeitura será demolido muito breve e os templos aque inda se erguem na extensão da Avenida estão com os dias contados. Mas o que importa, neste momento, é o registo anotado pela crônica da metrópole, com esse novo aspecto exposto na gravura. O Rio está ganhando uma nova e impressionante fisionomia. Si esse clichê for apreciado por quem esteja ausente da capital da Republica ha um lustro, sem acom-

panhar a sua remodelação no perimetro urbano, difficilmente saberá localisar esse pedaço do Rio, cada vêz mais fazendo jús ao título de Cidade Maravilhosa. Os edificios da Central e do Ministerio da Guerra davam já um aspecto deslumbrante áquele setôr da cidade, mas o novo angulo pelo qual ambos esses prédios podem agora ser observados ainda mais traduzem a evolução por que está passando a terra carioca. E' preciso remontar aos dias de Pereira Passos e Paulo de Frontin, no governo Rodrigues Alves, para encontrar, guardadas as proporções, outros aspéctos semelhantes. Quarenta anos após a abertura da Avenida Central, a entrega ao povo do primeiro perimetro pavimentado da Avenida Presidente Vargas tem alto significado. E a mesma fébre de melhoramentos que se observam na zona Norte repetem-se na zona Sul, á beira mar, ou mesmo em regiões afastadas da orla maritima. E' uma gigantesca metropole que se vai revelando aos olhos deslumbrados de seus proprios filhos, a tal ponto que deixar de frequentar uma determinada zona da cidade, por espaço de alguns meses, vale pela certeza de ir encontrar, nessa mesma zona, visitando-a depois, um indice a mais do seu desenvolvimento.

Quando no Exterior mais se difunde a propaganda, de resto merecida, de um Rio de Janeiro ultra-fotogênico e maravilhoso, tão belo principalmente no "tecnicolor" dos filmes de Hollywood, o carioca sente-se também justamente desvanecido. O Rio não é apenas bonito visto à distancia, em filmes ou cartões coloridos, porque, de perto sua beleza, seus encantos, são ainda maiores...

A Viagem de Regresso

(Continuação da pag. 17)

E os dois homens se calaram. Gedeão entrou instintivamente no carro atrás deles, movido pela atração do misterio. Compreendera o caso de que falaram, mas queria conhecer as personagens.

Os desconhecidos atravessaram o vagão restaurante, sempre acompanhados por Gedeão.

No carro de 1.ª, assentaram-se em frente à poltrona do rapaz, que não perdia um só de seus movimentos. Ao lado do banco repousava a mala de couro cru, onde deviam estar as joias e o dinheiro de que falara o Macedo. Este era um homem robusto, amulato e calvo. O outro, mais velho, já grisalho, estava agora de pé, segurando a sua bagagem, pronto para abandonar o trem que já apitava, anunciando a próxima parada. E, de repente, o comboio estacou. Era já Barbacena.

No entanto, Gedeão o honesto mal deu fé da parada. Viu apenas o amigo do Macedo despedir-se, saltar para a "gare" e perder-se atrás de uma pilha de sacos postais. Os seus olhos estavam fitos naquele mulato carca que viajava em sua frente, conduzindo uma fortuna contrabandeada, dentro de uma mala de couro cru. A história, segundo o seu raciocínio, era simples — um milionário carioca, vendo-se próximo da ruína, reverte a fortuna em joias, vende os imóveis e remete dinheiro e preciosidades ao seu irmão, em Congonhas do Campo. Vem a falência e ele simula pobreza, até que o escândalo arrefeça. Agora, passado o perigo, um servidor leal lhe devolve o tesouro, a bela fortuna que ali vai trancada naquela mala vulgar. Gedeão deixa o olhar cair de novo sobre a mala. E quasi dá um salto assustado. Seus olhos procuraram por instinto a sua bagagem, composta unicamente de uma valise de couro, que deixara sobre a rede. O moço está como que petrificado. — A sua mala de viagem, onde se escondem as camisas de murim e as meias rasgadas, é em tudo exatamente igual à mala do Macedo, onde mais de dois mil contos viajam misteriosamente para o Rio.

Gedeão limpa a testa brilhante de suor. Em seu cérebro se edifica um castelo de aventura. Na frente, de boca aberta como a entrada de uma caverna, o Macedo dorme solenemente, embalado por alguns roncões leoninos.

— Ora muito bem, Gedeão, honesto Gedeão. Que tens feito até aqui na vida? Tens sido honesto, irremediavelmente honesto. E a tua honestidade, meu pobre puritano, se tem tornado pobre, irremediavelmente pobre. Gedeão, honesto Gedeão! Se alguém te disser um dia que és o autor de arrombamento de uma joalheria, como ira's te defender? Que advogado podera's pagar para que a sociedade saiba que não bateste a carteira de um capitalista na rua do Ouvidor, se alguém te lançar a culpa disto? — Tu és honesto, és honestíssimo. Mas porventura, meu pobre moço, já foste procurado por algum reporter para uma entrevista em torno da tua honestidade? Algum jornal já te publicou o retrato com uma legenda assim: "O último homem honesto"? Os governos, as instituições sociais já te condecoraram pelo mérito da tua honradez? Os homens a quem poderias ter roubado e explorado já pensaram alguma vez em premiar-te? — Não!

Pois Gedeão, meu amigo, aí está a tua oportunidade! O Macedo dorme. Ninguém te vê. Apanha a tua mala, troca-a pela dele, desembarca em uma estação desconhecida e sê — feliz!

Duas falências te tornaram pobre, Gedeão! Uma falência te fara' novamente rico! O dono do tesouro que aí está em tua frente, ao dar pelo roubo, nem sequer podera' torná-lo publico. Aproveita a oportunidade, Gedeão!

Apanha este dinheiro que cai do céu, torna-te milionário e amanhã todos te acolherão respeitosamente como Gedeão o honesto!

Assim, dentro do vagão apertado, falou a voz da consciência de Gedeão, o honesto. O rapaz chegou a temer que alguém tivesse ouvido essa voz.

Mas todos continuavam impassíveis. O sono do mulato tornara-se contagioso. Noventa por cento dos passageiros risonavam agora, numa sinfonia irritante, que aumentava o nervosismo do pobre moço. E, dentro dele, ressoavam ainda as palavras interiores que ouvira.

Com o grito do chefe do trem dissipou-se o sono e Gedeão acordou. Quanto tempo dormira?

Mas dormira em verdade? — Na consciência embaçada figurava ainda mal esboçada a ideia de um sonho, um sonho espantoso com uma mala de couro cru, exatamente igual à sua, que um mulato calvo levava para o Rio, contrabandeando um tesouro. O rapaz, bocejando, abre os olhos. Firma a vista, toma consciência de tudo que o rodeia e vê, espantado, o Macedo que continua a roncar em sua frente. Os episódios, num retrocesso instantâneo, revivem em sua memória: A conversa dos dois homens perto de Barbacena, a revelação do Macedo, a surpresa que lhe causara a semelhança das malas, a voz interior que o convidara ao roubo.

A realidade dos fatos o espanta mais que o absurdo de um sonho. E a voz terrível da tentação volta a vibrar dentro dele. Gedeão vê que ainda é tempo. O comboio está parado na estação de Belém. A noite já desce sobre a terra, e um chuvisco ininterrupto rega a paisagem escura numa enervante monotonia.

O moço triste, barbado de três dias, magro de infinitos jejuns, cético de intermináveis soliloquios filosóficos, sonha agora acordado com um tesouro fabuloso, capaz de fazê-lo feliz, rico, famoso, honrado e festejado.

Mas, sentindo a indecisão de sua vontade, percebe que, embora roído pela fome e abatido pela miséria, nunca teria coragem de roubar um pão. Bastaria a ideia de uma prisão, a visão de um escândalo, para fazê-lo tremer. E então, como possuído de uma revelação divina, compreende a razão de sua honestidade e a causa de sua honradez — medo de escândalo, temor da cadeia.

Eis que o Macedo acordou. Olha indiferentemente o rapaz, tira um cigarro: a chama do fosforo brilha por um instante e o mulato começa a tirar longas tragadas. Gedeão imita-o, acendendo o último "mata rato" que lhe resta. E faz então um inventário de seus haveres. Além da roupa velha e da mala, sobram-lhe apenas uma nota de cinco mil reis dentro do bolso interno do paletó e um niquel de tostão no bolsinho pequeno. E isto toda a sua fortuna, fruto de longos anos de estudo e de trabalho honrado. Mas não importa — Gedeão é feliz. Em breve estará ao lado da mãe e da irmã e isto basta

para que ele seja venturoso. O seu regresso é um fracasso, é o retorno de um lutador derrotado. Apesar disto, Gedeão o honesto, leva dentro de sua pobre mala uma imagem de São Francisco para a mãe e um livro encadernado para a mana Laura, o que representa a longa humilhação de "mordidas" reiteradas em amigos poucos generosos. E o rapaz se alegra em pensar que entrara em casa podendo fazer a família saber que durante a sua ausência saudosa, não a esquecera um só minuto.

O "R-1", conduzindo no seu bojo caixeiros viajantes avidos de lucro, estudantes em férias e burocratas em gozo de licença, está correndo agora pelos campos extensos da Baixada Fluminense, sob a chuva que cai alagando a planície adormecida.

— "Nova Iguaçu!"
O rápido mineiro está novamente parado. Na "gare" jornaleiros anunciam retardariamente os vespertinos cariocas. No pequeno café, operários conversam, em frente às "medias" fumegantes que lhes servem de jantar. Gedeão vê então, cheio de alegria, aproximar-se num ruído manso, o primeiro trem elétrico.

Em sua frente, o Macedo continua a fumar em silêncio, cigarro sobre cigarro. Entram de repente no carro, cada um por uma extremidade, dois homens de capa de couro. Trazem na fisionomia e no vestuário todas essas conhecidas características, que nos fazem identificar um polícia-secreta a dois quilômetros de distância. O rapaz se surpreende. Naturalmente a polícia está interessada em saber quem viaja no "R-1", pois os dois investigadores correm os olhos por todo o vagão, fixando a vista inquisidora nele e no mulato que ainda fuma indiferente, soltando grossas colunas de fumaça pelas ventas. E, impassível olha sem pestanejar para os dois policiais, que guardam as portas de saída do carro.

Ouve-se o apito e o trem retoma a marcha, ganhando velocidade rapidamente. Os policiais se retiram para a plataforma, com grande alívio do pobre Gedeão que, por causa da semelhança das malas, quase morrera de susto com a sua presença ameaçadora.

E o Rio de Janeiro se aproxima. Gedeão o honesto levanta-se e vai ao lavabo fazer a "toilette". O contacto da água fria é um alívio para os seus nervos tensos. O medo da polícia passou como por encanto.

De novo na poltrona o jovem observa o Macedo que acende agora o vigésimo cigarro. Madureira passa como um relâmpago pela janela do vagão. A chuva fina cai ainda, embaciando a vidraça e impedindo a visão dos subúrbios, que vão ficando para trás. Um silvo agudo e longo, outro grave e breve, o grito do Chefe anunciando a estação de Pedro II, e o comboio para.

Os policiais guardam novamente as portas do carro. Um deles barra a saída de uma moça:

— Seus documentos de identidade, senhorita?
Olha alternadamente o rosto da jovem e a carteira que ela lhe apresentara:

— Viaja só, senhorita?
— Viajo.

— Muito bem, pode pasar.

E, um a um os passageiros vão passando por este interrogatório imutável.

Tocou a vez do Gedeão. As mesmas perguntas, as mesmas respostas, tremidas e humildes. Com um suspiro o rapaz passa por fim. Olha para trás. Na porta do lado oposto, o Macedo está parado, em frente ao policial. Mete a mão no bolso, puxa uma carteira. O investigador olha com atenção, dando um assvio. O companheiro aproxima-se. Vendo a carteira, interroga rispidamente o mulato:

— E' o sr. mesmo que se chama Avelino Macedo?

— outro faz que sim com a cabeça.

— Então queira acompanhar-nos. A sua mala está apreendida.

O Macedo protesta, mas os homens o empurram para fora, entre a curiosidade popular, dizendo apenas: "Explique ao delegado".

Gedeão foge a passos rápidos.

Ja' na rua, sob o chuvisco fino, mete a mão no bolso para tirar a nota, pois necessita comprar cigarros.

Mas a nota desapareceu. O rapaz ainda a procura pelos outros bolsos, sem resultado porém.

E' o cumulo. Na afobação com que tirara do bolso o papel de identidade, deixara cair a cedula. Agora teria de ir a pé até Aldeia Campista, debaixo dessa chuva odiosa

Gedeão sente um arrepio só em pensar na caminhada.

E um cafézinho agora, não seria de todo mau. Mas isto ele pode tomar, pois ainda lhe resta um niquel de cem réis. E ali mesmo, junto à estação, ele conhece um cafézinho de tostão. Entra no "boteco", encosta-se ao balcão e pede o café. Serve avidamente a bebida e começa a olhar em redor.

O café está cheio. No balcão enfileira-se mais de dez fregueses. Nas prateleiras as garrafas entram e saem com rapidez. E por cima delas, um letreiro anuncia: Café — Chicara, Cr. \$ 0,20 — Media — Cr. \$ 0,40.

Gedeão estremece.

O preço do café aumentou e ele não tem mais um tostão. Está agora esperando que os fregueses saiam para expor a situação ao caixeiro.

Mas entram novos bebedores de cachaça e novos tomadores de café.

O rapaz, temendo um "estrilo" do caixeiro, continua firme em frente à chicara vazia. O outro, detraz do balcão, afobado, notando a sua atitude de espera, leva a mão à cabeça e desculpa-se: "Perdão meu chefe. O senhor me deu uma de dez, não foi?"

E sem esperar resposta, tira da caixa nove mil e oitocentos e entrega-os ao rapaz que, tonto de assombro e de surpresa, ganha a porta da rua.

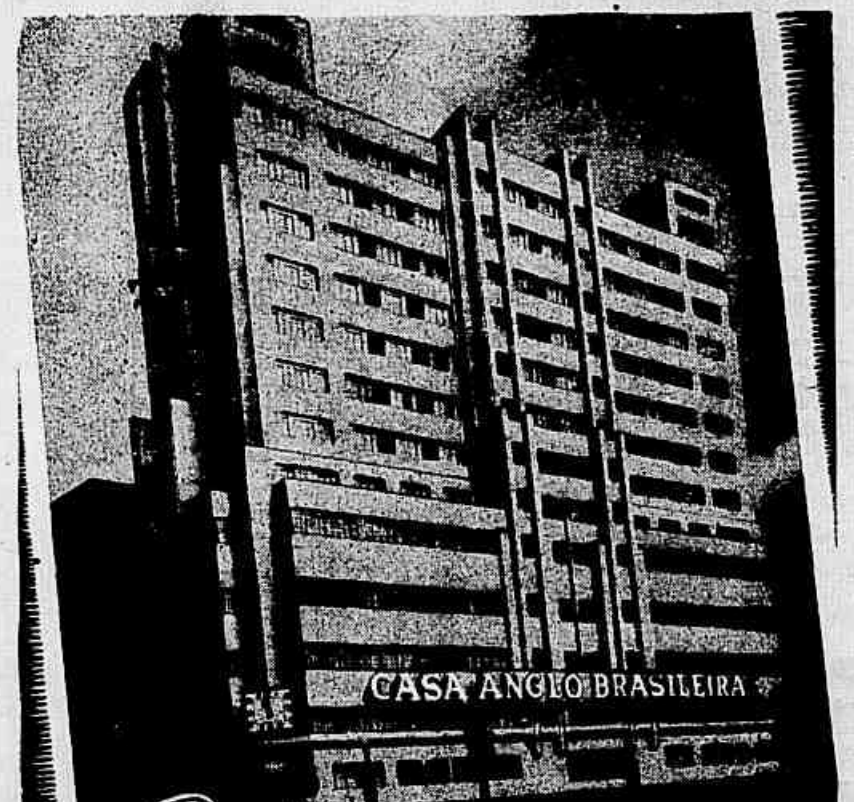
(Continua na pag 49)

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS
Popais
BANKETS

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 171 Av. São Luiz Antonio
TRATAMENTOS QUÍMICOS DA OUTIS
Poco suaviza-me prospectos:
NOME _____
ENDREÇO _____

PRISÃO de VENTRE?
Pilulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.



Em São Paulo...
e sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil
Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARAMIDINA



LILIAN GISH — COLUMBIA

Uma simplicidade caseira, é o lema da mulher hoje, mas dentro dessa simplicidade a elegancia e boa aparência pessoal.

V A L L Y.

VAMOS transcrever para as nossas leitoras alguns trechos de um anotável palestra realizada por uma mulher famosa em Cuba, pelos trabalhos que desde a guerra de 14 vem realizando nesse setor. Trata-se da ilustre jornalista e pedagoga, Ana Maria Barrero, e os trechos mais interessantes são de uma palestra que ela fez a convite de um "Lyceum". Pena que tenhamos tão pequeno espaço para tão momentoso assunto; pois embora o considere ela tema secundário, a verdade é que a maneira sabia como ele é abordado, transmuta-o em tema de reflexão para toda mulher e especialmente para nós, a quem a falta de materiais para a Moda, para a elegancia ainda não atingiu, como a todas as mulheres de outros continentes, que estão sofrendo dentro do tragico teatro de dor e renuncia.

"Entre a Moda do passado e esta, ha uma enorme diferença: Como não havê-la? Entre elas se interpõem milhares de viúvas, milhares de mortos." E continua a jornalista: B.sta folheemos as revistas do tipo de "Vogue" e "Harper's" para saber que a moda é cousa muito secundaria na vida nacional americana nestes dias. Usar seda pura, como andar de automovel, é cousa que não honra ninguém. A importância não é ter meias, e sim ter pernas. A industria da roupa feminina, das mais importantes da America, se desconjunta, em beneficio das industrias belicas. As lojas estão ensinando costura a' proletaria, para que ela faça sua roupa em casa. Em um Estado matricularam-se 34 mil mulheres num "atelier" de costura. "Não dou tanta importância a este fato insólito, como dou a' maneira simples e valorosa com que as mulheres americanas romperam com a rotina facil de sua vida secular". A escassez, como a baixa qualidade dos materiais de uso diario, foi enfrentada com uma alta qualidade espiritual. Kimbal afirma que: "Estar na moda, hoje, é agir com inteligencia, é servir para alguma cousa"; isto pelas paginas de Vogue. Lideres são as donas de casa que prepararam mais conservas e semearam mais hortaliças. Os homens estão lutando

e morrendo nas frentes de combate por uma Liberdade que ainda não soubemos usar muito bem. Nossos pontos de vista têm que mudar conforme as circunstancias. Ha 6 mezes uma jarra de Lallic ou um cesto de flores eram presentes de qualidade, hoje em dia um presente de qualidade seria uma libra de manteiga ou uma lata de leite condensado. Temos de reajustar-nos para entrosar todas as nossas qualidades moraes a's circunstancias, arranjar-nos o melhor possivel com o picir: as fazendas são ruins, as côres desbotam, os perfumes se evaporam... A humanidade inteira está procurando criar um novo sentido para tudo e, assim como a guerra de 14 deu como fruto detestavel o novo rico, esta está produzindo o novo pobre. Não se trata da pobreza monetaria, mas sim da utilização inteligente de materias desprezadas por vaidade ôca ou soberba.

Contudo é preciso vincar que a moral feminina; a moral da aparência pessoal, como das boas maneiras, continua a manter-se em seu justo valor, embora de forma diferente, pois é de absoluta simplicidade, o que mais realce dá, à sua beleza natural... A mulher deve tirar partido de todas as situações, sem descurar sua aparência pessoal; fazer isso, porém, sem escravizar-se a normas, regras ou modelos extranhos.

A moda, hoje, obedece integralmente, a's possibilidades das materias primas indispensaveis, para dar-lhe forma de acordo com as necessidades do momento. Nesta hora amarga que divide os campos humanos o homem parece compreender mais do que nunca a necessidade de uma união total. Todos os horizontes se esfumam e diluem no limite da tragedia. A dor fala a mesma lingua em toda parte e a fome não tem patria determinada!...

Juntei, aqui e ali, os periodos e conceitos esparsos nessa excelente palestra, como quem reúne retalhos para uma colcha, ou como quem arranja os mosaicos coloridos, de uma obra altamente util e que é, mais que tudo, um sinal de inteligencia e nobre esforço, da mulher que em todas as latitudes está dando o melhor de suas virtudes e de sua inteligencia a' humanidade combatida e sofredora.

Nos Bastidores Femininos

DUAS FORÇAS QUE SE COM- LAÇAM PARA O PROGRESSO



A corveta "Vidal de Negreiros", fotografada no dia de sua entrega à nossa Marinha de Guerra. Este vaso de guerra é mais uma afirmação da obra constante e patriótica da Organização Henrique Lage que constitui um dos maiores patrimônios da Nação.



O Sr. Henrique Lage, o imortal fundador da organização que tem o seu nome.

Comemorando a passagem do aniversário do nascimento do saudoso industrial Henrique Lage, grandes e significativas homenagens postumas foram prestadas ao imortal criador da indústria de construções navais no Brasil, cuja obra vem sendo sistematicamente desenvolvida pelo Presidente Getúlio Vargas através da Organização que tem como patrono o seu grande fundador.

Tiveram início as homenagens à memória do grande industrial, com a missa em sufrágio de sua alma, mandada rezar na capela do Cemitério São João Batista, às nove e meia horas do dia 14 do corrente.

Às 10,30 horas, teve lugar uma romaria ao túmulo do ilustre morto, naquela necrópole, tendo na ocasião usado da palavra o Almirante Mario Hecksher, o Coronel Duque Estrada e o Coronel-Aviador Dyott Fontenelle, comandante das Escolas Naval, Militar e da Aeronáutica.

Às 15 horas, nos estaleiros da Ilha do Viana realizou-se a entrega da corveta "Vidal de Negreiros", fabricada pela Organização Henrique Lage, à nossa Marinha de Guerra.

Dando início ao ato, a Sra. Mendonça Lima içou o pavilhão nacional.

A flamula de comando e a bandeira da Marinha de Guerra foram içadas pela esposa do comandante da nova unidade e Srta. Maria Teresa, filha do 'Chefe do Departamento Administrativo da "Organização Henrique Lage", respectivamente.

Assim se prestou à memória de Henrique Lage a mais expressiva e significativa homenagem, com a entrega à Armada de mais um navio fabricado no Brasil, o que foi sempre, em vida, uma das suas grandes aspirações.

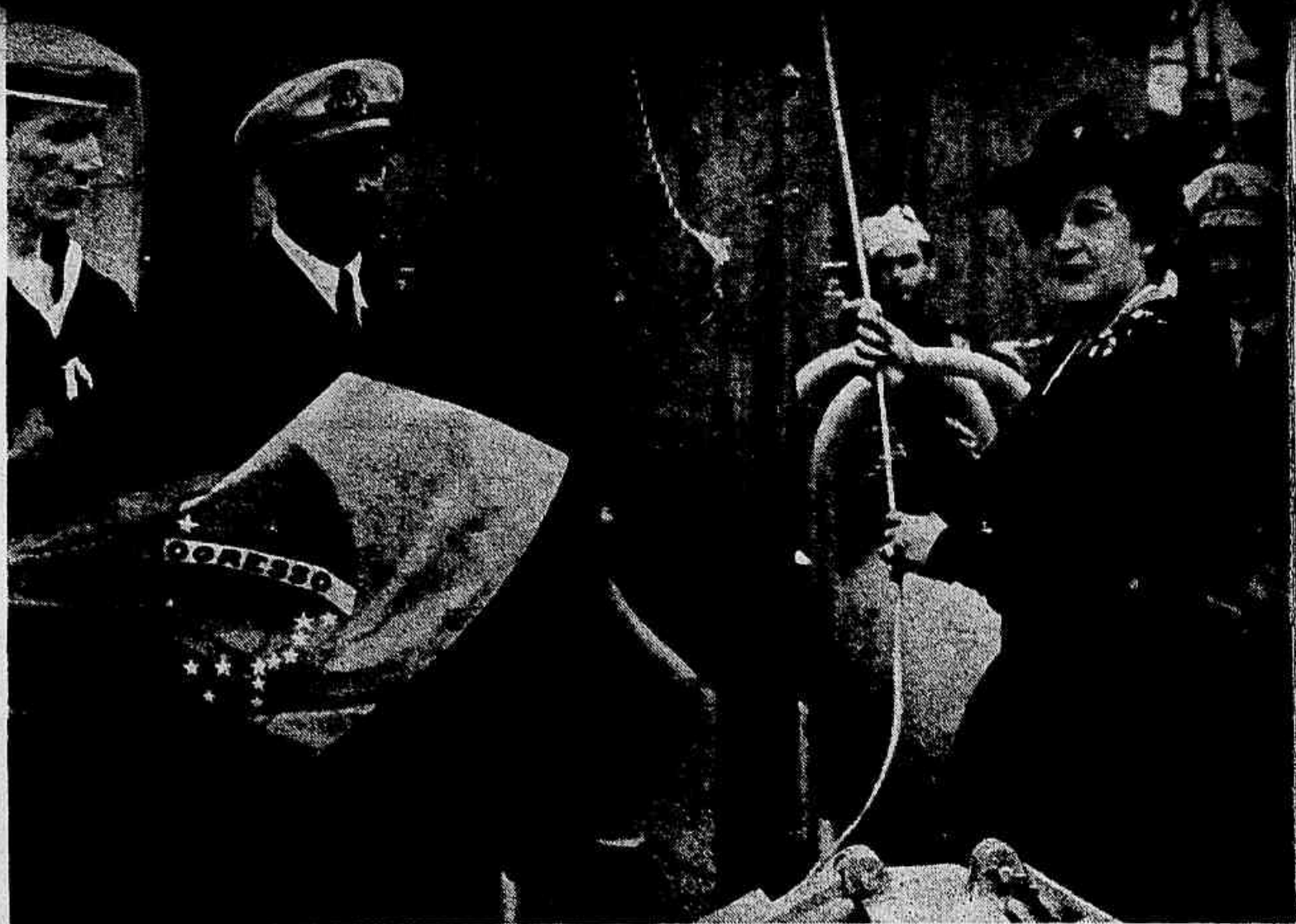
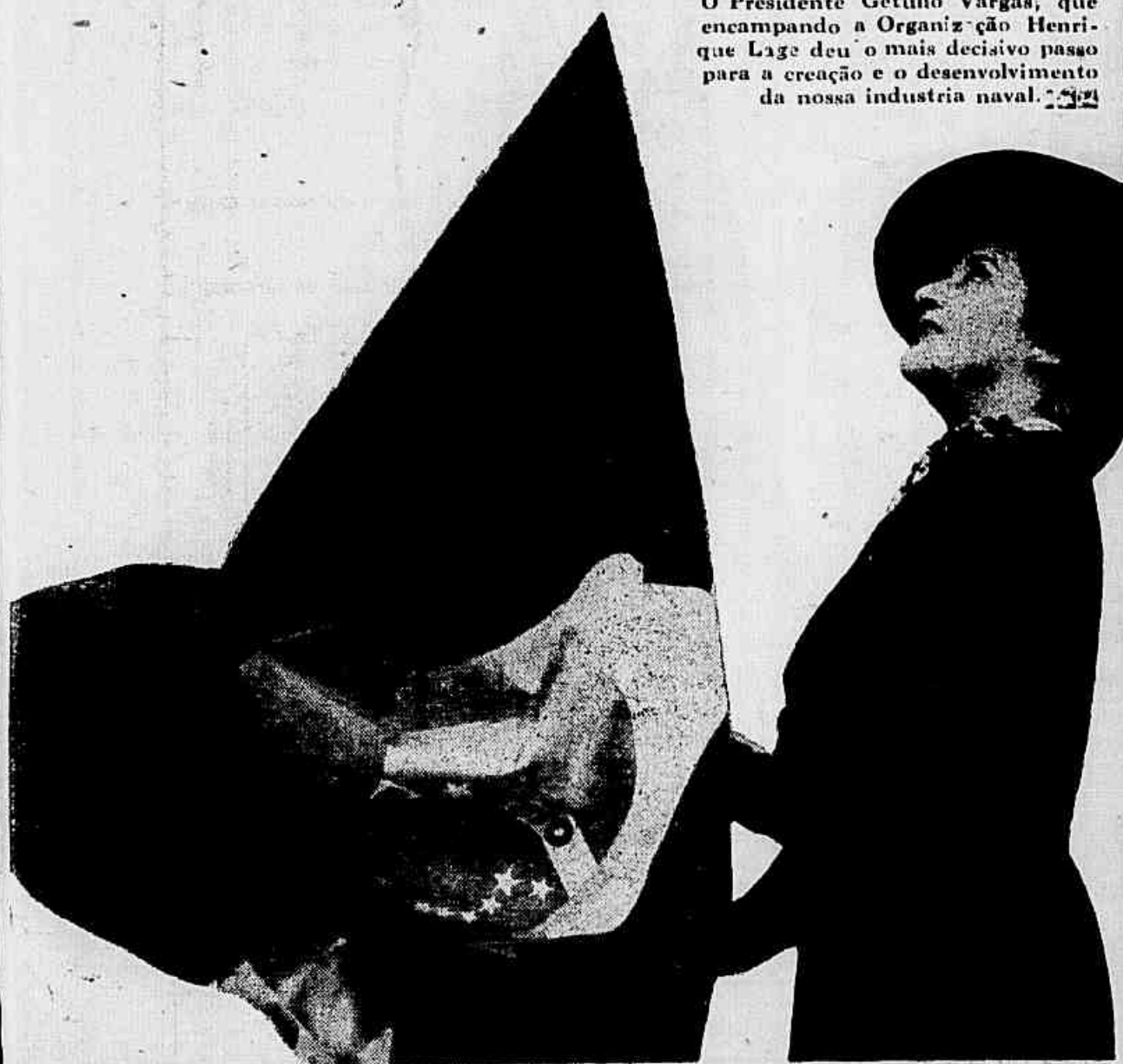


Nesta página e na seguinte focalizamos alguns aspectos das comemorações do dia do aniversário do saudoso industrial Henrique Lage. Vemos aqui flagrantes das homenagens postumas que lhe foram prestadas, à beira de seu túmulo, na capela do Cemitério São João Batista, e passagens da solenidade da entrega da corveta "Vidal de Negreiros" à Marinha de Guerra, destacando-se grupos onde aparecem o Ministro Mendonça Lima, assinando a ata da incorporação do "Vidal de Negreiros", a Sra. Mendonça Lima, madrinha da belonave, o Sr. Pedro Brando, Superintendente da "Organização Henrique Lage", quando discursava, o Almirante Mario Hecksher, o Coronel Duque Estrada e o Coronel-aviador Dyott Fontenelle, comandantes das Escolas Naval, Militar e da Aeronáutica.

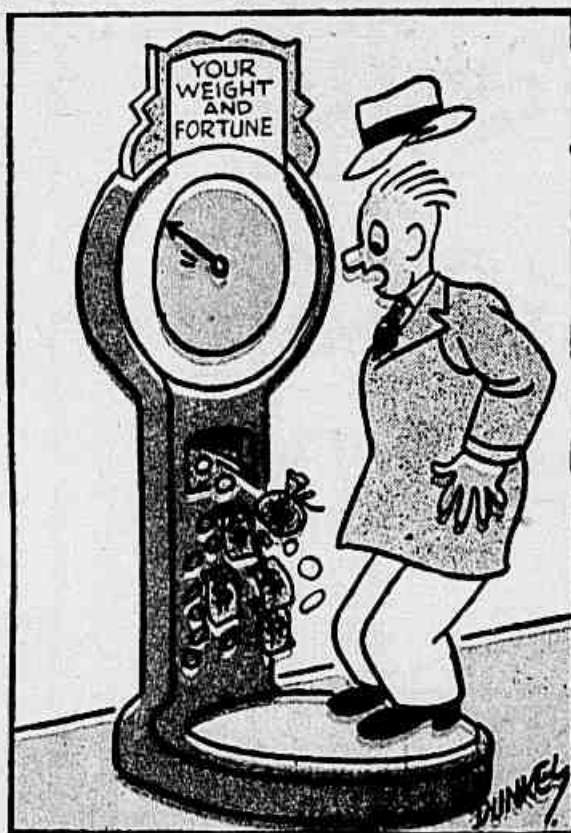
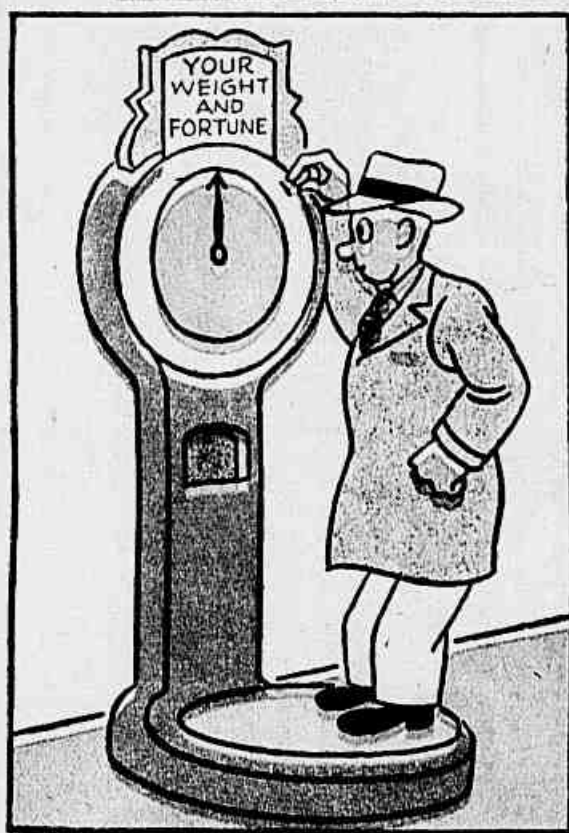
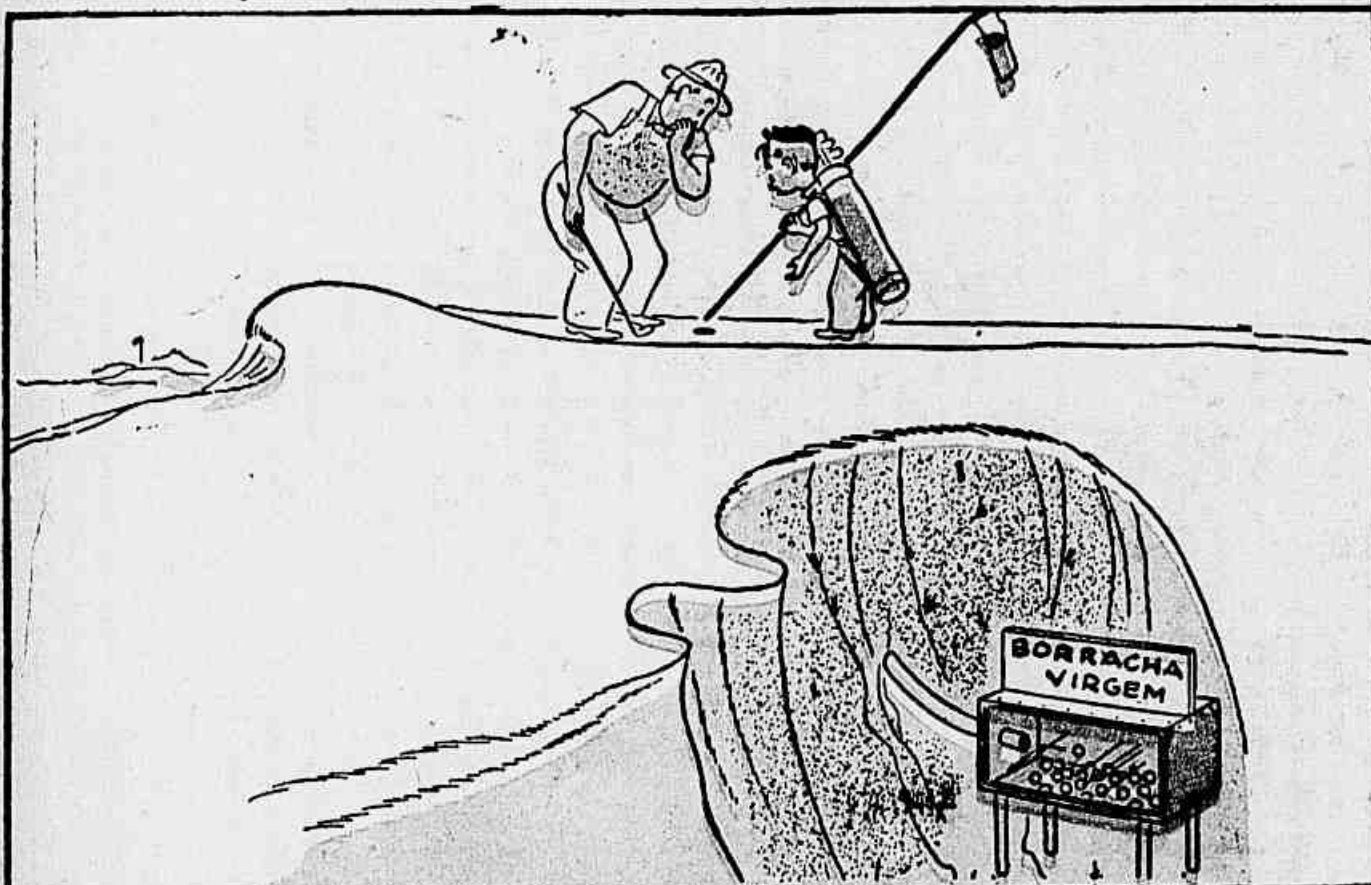
LETAM E ENTRE- DO NOSSO PAÍS



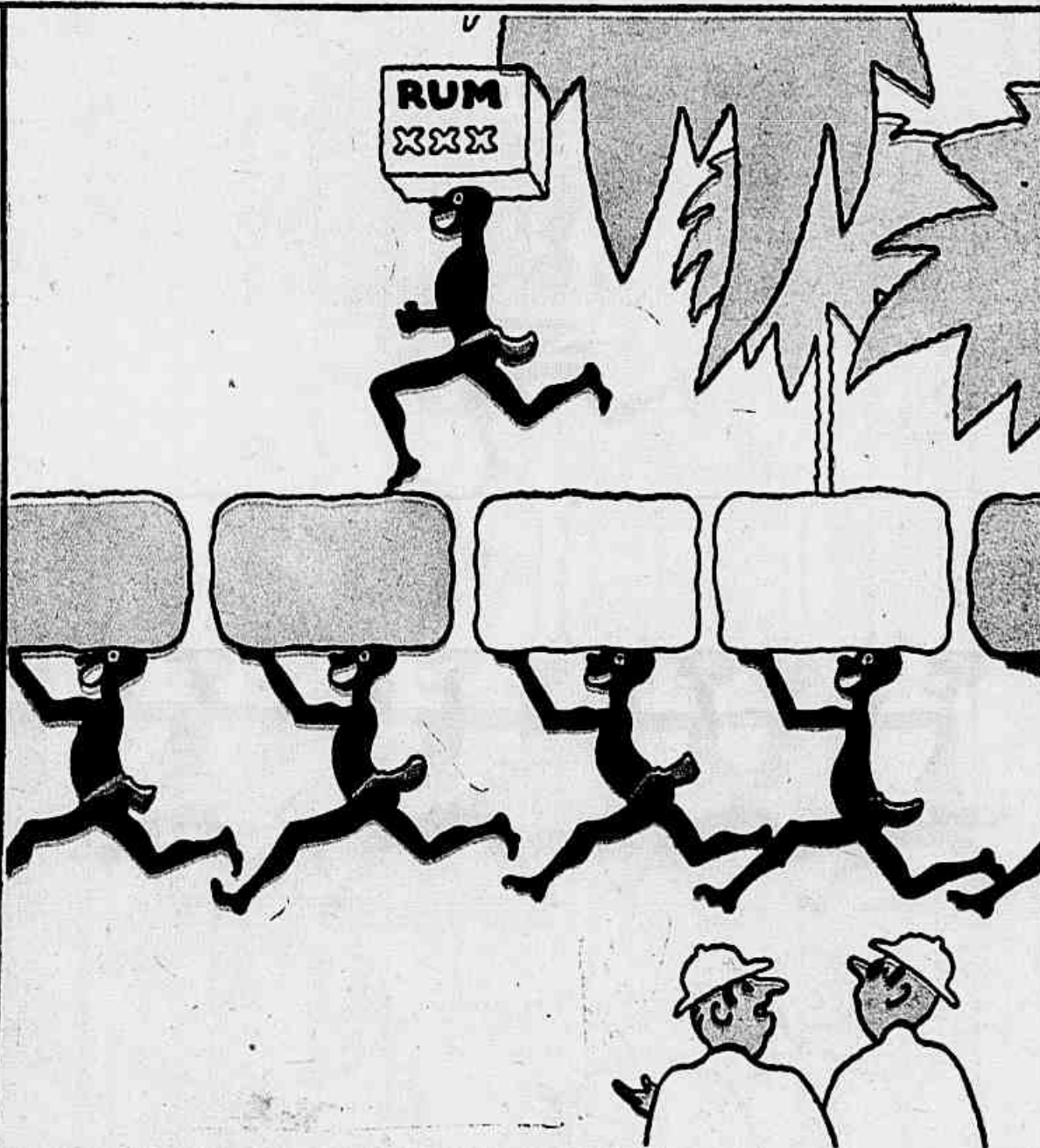
O Presidente Getúlio Vargas, que encampando a Organização Henrique Lage deu o mais decisivo passo para a criação e o desenvolvimento da nossa indústria naval. 1934



DE BOM HUMOR



Ou pé o e fortuna.



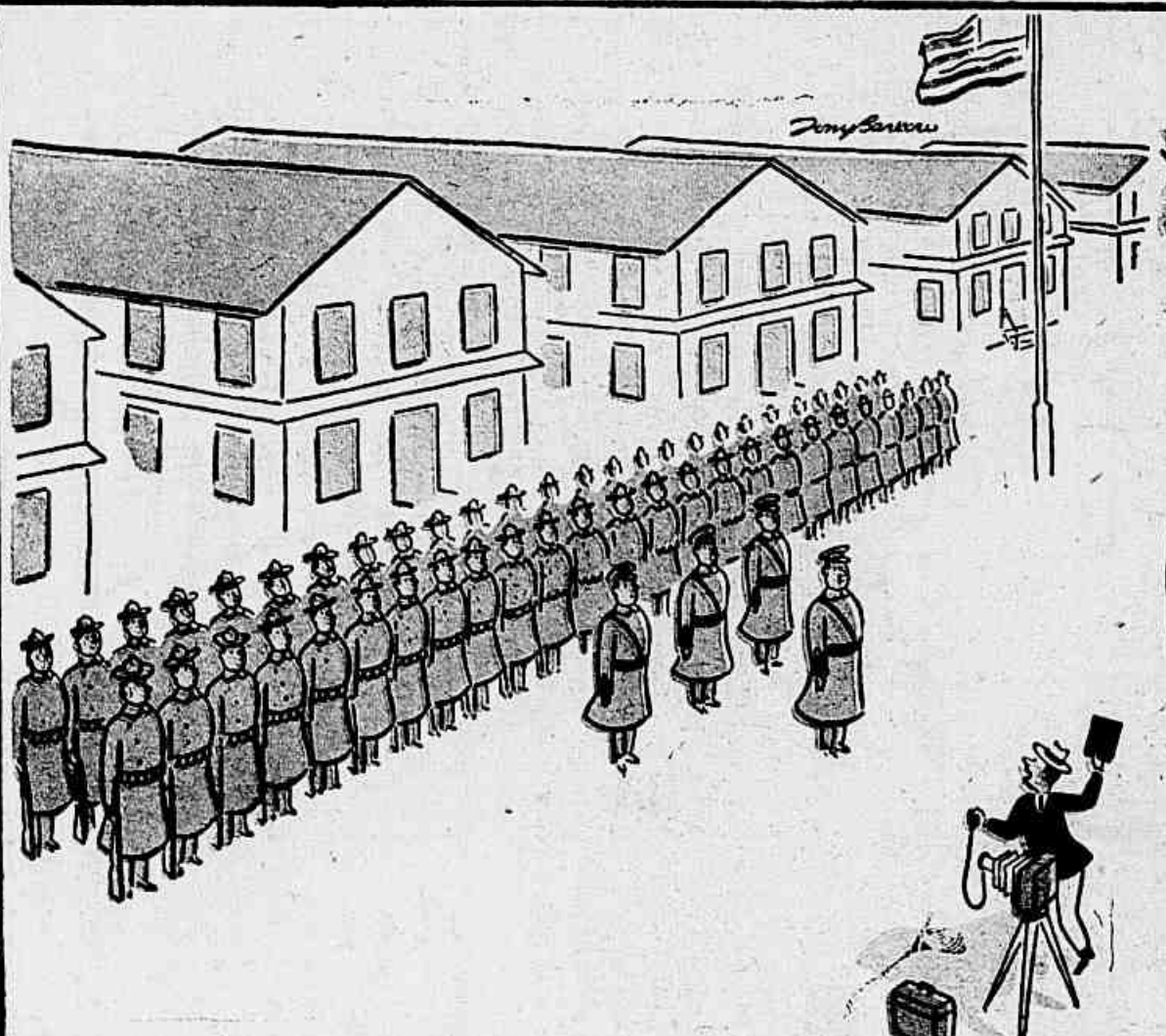
A b.b.da foi comunicada c.m. urgência.



Os r.paz:s resolv:ram modernizar a coisa, ch fe.



Conservamo-l, aqui p ra l m.b ar às creanças a n.eccid.de de recovar os d:ntes. E' muito eficiente!



— Por favô, p. soal. toda a natu al dad. possiv.!!

HOLLYWOOD - MARÇO

(POR AVIÃO)

LANA TURNER recebeu a "visita da cegonha" e não passou muito bem. Aquela trepidante breguira "estrela" da Metro, de até dois anos passados, cedeu a vêz a uma criatura bem posta, sizuda e compenetrada de suas funções maternas, que nem parecia muito inclinada a reencetar suas atividades cinematográficas. Todos dizem, em Hollywood, que si ha um exemplo de subita metamorfose feminina, provocada pelo simples fato do nascimento de um filho, Lana Turner é o exemplo mais eloquente nesse sentido. Si as modificações de temperamento fôram muito consideráveis, não o fôram menos as do físico. Lana Turner emagreceu bastante, e seu rosto, outrora redondo, cheio, oval — mostra-se agora esguio, com duas ligeiras cóvas nas faces, de olhar ainda sem ter reconquistado a vivacidade antiga. O reaparecimento dessa atriz nos estúdios de Culver City constituiu um pequeno acontecimento, porque ninguém a esperava tão depressa, mas, como disse Lana Turner, "chêga de tanta vida caseira, é preciso respirar o ar viciado dos estúdios..." Acontece que nesse dia Marlene recomeçava, por sua vêz, as filmagens de "Kismet", sua primeira produção para a Metro. Jamais Lana Turner e Marlene se haviam conhecido, vendo-se apenas através dos seus filmes. No entanto, sempre se haviam tributado uma grande simpatia, e assim, quando a convalescente mamãesinha soube da presença de Marlene, nos estúdios, procurou falar-lhe. Foi dispensado qualquer chefe de protocolo para as apresentações. Elas mesmas se dêram a conhecer, e fizeram-se duas boas amigas em poucos instantes de conversa. Marlene estava com a indumentaria do seu papel em "Kismet", e descalça ficou todo o tempo, embora Lana Turner lhe recomendasse, amiúde, que retomasse seus afazeres. Sobre que assunto teria versado a palestra das duas "estrelas"? Simplesmente sobre crianças, acreditem ou não. Marlene é a mãe extremosa de uma pequena, hoje mocinha, de nome Maria, a quem devota o melhor do seu catinho, e ela pode, assim, dar a Lana Turner, alguns conselhos muito proveitosos sobre o que deve e o que não deve ser feito para ter uma filha bem criada, robusta e sadia. Na manhã seguinte, era Marlene quem retribuía a gentileza da colega, visitando-a em sua residência e levando a filhinha.



Lana Turner e Marlene Dietrich relacionam-se durante a filmagem de "Kismet".

As estrelas visitam-se



MARLENE a que não tem complexos de inferioridade.

O QUE SE DEVE EVITAR

Dra. SILVIA ROGER

COMPLEXO DE INFERIORIDADE

Minha querida ESTELA.

Não se intimide com a cultura do seu namorado, nem se julgue incapaz de interessá-lo por muito tempo. Com a convivência diária, você talvez chegue mesmo a descobrir que ele não é o gênio que você supõe. Há pessoas brilhantes, com alguma leitura, uma véve fecunda, que dão naturalmente a impressão, aos incautos, de uma cultura que estão longe de possuir. Aqueles que verdadeiramente sabem alguma coisa com mais profundidade, geralmente não fazem alarde disso, e muito menos querem parecer enciclopédicos. Sócrates costumava dizer: "Só sei que não sei nada". Um sábio psiquiatra diz que, as falsas pretensões, são uma demonstração de mentalidade infantil. E afirma ainda mais, que, isso não passa de um complexo de inferioridade, pois o homem de personalidade forte e superior, não teme confessar sua ignorância em tanta coisa que a cultura espalha e seus defeitos, que desse modo, ditos em voz alta, o ajudarão a corrigir-se. Si você puder olhá-lo com os olhos materiais com que você olha as outras pessoas que vivem na sua intimidade, terá a medida exata do seu valor; e si ele fôr de fato, digno de nota, admirá-lo, mas não intimidar-se. Os deuses vistos de perto se assemelham bastante aos homens.

A sua carta, longa e detalhada, revela uma inteligência bem cultivada, muita intuição, e apesar do espírito timorato, uma personalidade bastante original. O melhor que tem a fazer, se gosta de literatura, é procurar lêr o melhor; leia autores russos: Kuprin, Turguenieff, Tchecoff, e outros mais divulgados como Tolstói, Gogol, etc. Leia autores ingleses; si souber bem o francês leia-os no original, é uma literatura que lhe transmitirá aticismo, equilíbrio de forma, clareza, as altas qualidades da literatura grega. Eis o que lhe posso aconselhar de mais prático. Quando se casar, verá com espanto, como é fácil transformar o seu super-homem, num marido igual a tantos outros...

CUCARACHA — Rio.

Sua carta, minha amiguinha, é também um caso banal de "complexo de inferioridade"; e acredito que, se quiser, podera' muito bem livrar-se dele, retomando o seu lugar na vida.

Evita você relações de amizade e até de parentes, porque são ricos e têm projeção social. Sente-se humilhada, acredita que eles a tratam com certa benevolência, não isenta de piedade...

Você é desconfiada, eis o ponto de partida, e é orgulhosa também. Sabe, minha amiguinha, a tradução do seu pseudônimo? É barata, esse intolerável inseto, cuja passagem por qualquer parte fica tão desagradavelmente marcada. Um filme colorido e musicado, poetizou talvez o termo, mas é barata, "quand même". E para quem vive em ambiente social, não é vantagem ser barata, portanto, Cucaracha, trate de transformar-se em irriante borboleta, multicolorida como uma flor, com a vivacidade gracil de uma bailarina. Você é jovem e cheia da graça divina, porque tem saúde, encanto, talento e virtudes moraes. Reflita um pouco nessa riqueza imensa, que você precisa impôr ao seu ambiente como ouro do mais alto quilate. Pense um momento que muitas dessas "criaturas brilhantes", que você olha humildemente, são, quantas vezes, almas nuas e solitárias, criaturas que no fim de tudo, não têm sinão a vida exterior, joias cujo brilho ofusca o olhar ambicioso, sêdas que cobrem corpos fatigados e doentes, o tédio e o vazio...

Repita a verdade dos versos de Raimundo Corrêa:

"Quanta gente que ri, talvez existe
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!"

Copa e Cozinha

MME. RISOLETA

Para muita gente uma mesa bem posta é luxo, que só se tem quando há visitas. É um erro. Devemos sempre procurar cercar-nos e aos nossos de um ambiente limpo, alegre e afranjado com gosto. Isso contribue muito para melhorar a nossa disposição de espírito, como também para educar nossos filhos, desenvolver neles o bom gosto e conforto, que é um incentivo para o trabalho. Quando eles se fizerem homens procurarão sempre os meios de obter bem estar e conforto ao qual estão habituados e tudo pôde ser obtido sem grandes despesas, uma vez que não devemos confundir luxo com conforto e bom gosto. Um, apenas o dinheiro pôde dar, outro pôde ser adquirido com habilidade e bom gosto, isto é: *inteligência*. Por exemplo, uma mesa bem posta não precisa de toalhas de renda da Irlanda, nem bordados da Ilha da Madeira. Uma toalha bordada a mão ou a máquina pela dona de casa, ou com uma barra de "crochet" muito em moda, ou simplesmente uma toalha bem limpa e engomada, com os guardanapos também iguais, pratos e talheres bem arranjados, limpos e reluzentes; e para complemento um jarro com flores frescas. Os pratos a servir, arranjados com certo cuidado e depois para completar assuntos agradáveis de palestra.

São estas pequenas coisas que tornam o lar um ambiente repousante e desejado, do qual pôde o homem afastar-se por seu espírito boêmio, mas ao qual retornará com saudade da tranquilidade e encanto, que são sempre o maior anseio da criatura humana.

Depois do bom aspecto da mesa e da apresentação dos pratos, deve a dona de casa apresentar também comida saborosa e sadia. Hoje esse problema é dos mais difíceis pela falta de tudo, sobretudo da carne que é no Brasil a base de todo "menu" familiar.

Para ajudar um pouco vamos dar algumas receitas, onde a carne de boi pôde ser dispensada ou mesmo substituída.

M E N U

MACARRÃO DE CAÇAROLA
CAMARÃO COM LEGUMES
SALADA VARIÉDADE
CREME DE BANANA.

MACARRÃO DE CAÇAROLA

(200 grm.)

Parte-se em dois os macarrões e cozinha-se em água e sal; escorre-se e passa-se água fervendo. Faz-se à parte o creme da seguinte maneira: 1 colher de manteiga, frita-se e vai-se juntando o leite, 1 ovo, 2 colheres de queijo, quando engrossar retira-se. Faz-se um refogado com 6 tomates, 1 pimentão, 1 cebola, salsa e alho, junta-se 1 chicara de água quente, quando estiver pronto, ponha-se 1 colher de massa de tomate; coza-se tudo e põe-se este molho no macarrão, mexendo bem; depois põe-se em uma fôrma, parte do macarrão; queijo por cima, parte do creme de leite, rodela de tomates; cobre-se com o resto do macarrão, resto do creme, fatias de pimentão e vai ao forno quente.

CAMARÃO COM LEGUMES

Faça um soufflé de xuxu; cozinhe em água e sal, couve-flôr ou repolho, e cenouras; escorra e passe na manteiga tostada; refogue os camarões em azeite com tomate, salsa, cebolinha verde e pimenta, quando eles estiverem quase dourados, junte os legumes cozidos e bata à parte um ovo com sal e 1 colher de vinagre e um pouco de água das verduras; junte ao refogado e vá mexendo. Retire e ponha na travessa cobrindo com o soufflé de xuxu.

SALADA VARIÉDADE

Rale uns 8 rabanetes, faça um molho de vinagre, sal, pimenta, azeite e um alho esmagado, corte em tiras bem finas (em fios de cabelo) a parte tenra do repolho, mergulhe no molho de vinagre o rabanete e o repolho, umas 2 hs. antes de servir. Quando fôr servir junte rodela de tomate e alface picada fina.

CREME DE BANANA

Esmague 6 bananas, ponha uma chicara de leite, um ovo batido, 1 chicara e meia de açúcar, 1 chicara de caldo de laranja, casca de limão ralada, e 1 colher de maisena, derreta 1 colher de manteiga e junte-lhe, ponha numa fôrma e cozinhe em banho-Maria.

CHARLES COBURN aprecia os bons pratos.



A paixão curou o inválido...

Um conto de
MICHEL DAVET

Era muito cedo. O empregado do "buffet" bocejava e andava para cima e para baixo, arrastando os chinelos. Os viajantes saíram da estação e se dispersaram, falando e rindo muito alto, no nevoeiro denso. Françoise, constrangida, esperava ainda, rodeada pelas suas malas. Um fiacre aproximou-se, então, na rua escura; surgiu, na bruma, como uma linda estampa colorida. Era um carro grande e fechado, de aspecto imponente e assustador. Um veículo tão extraordinário que fê-la esquecer a guerra durante alguns instantes.

O cocheiro, gordíssimo, perguntou à moça, do alto da boléia:

— A senhorita é que é a jovem que veio de Paris? Preveniram-me que o trem chegaria atrasado; por isso, não me apressei.

Descendo do seu posto, o velho ajudou-a a subir no carro.

Françoise, extenuada, recostou-se na almofada coberta de veludo, e semicerrou os olhos. A trepidação do fiacre fazia a sua cabeça balançar dum lado para outro.

Descendo a rua, passaram por uma série interminável de casas iguais. Ao longe, avistava-se o rio.

Desde a declaração da guerra, uma velha amiga da família convidara-a a vir se refugiar na sua casa de campo, num sossegado lugarejo. Lá, esperaria a volta do pai, mobilizado, num futuro incerto.

Um lindo retiro. Os móveis eram velhos, pesados e cheios de ornamentos. Tudo em estilo antigo.

A dona da casa tinha um filho: Felipe, "o tristonho Felipe", como o chamavam.

Felipe e Françoise antipatizaram-se à primeira vista. Ela, jovem e entusiasta, era patriota e admirava a coragem. Felipe, jovem, mas melancólico, porém não menos honrado defensor da sua pátria.

Magro, de ar selene, sempre muito mal vestido, passava as noites escrevendo tolices e os dias tratando das dores de cabeça que a insônia provocava. Sentado numa poltrona de alto espaldar, muito magro e pálido, parecia um velho medroso que um ruído insólito sobressaltava e um susto poderia matar.

Ao abrir-se uma porta ele estremecia.

— Que friol — queixava-se.

E Françoise nunca se lembrava de fechar as portas atrás de si. Isso, porém, não o importunava, porque a moça só raramente passava pelo salão, onde ele se encolhia, embrulhado num cobertor, durante o dia.

Si a presença dela não causava o menor transtorno para Felipe, o aspecto e o procedimento dêle, entretanto, a irritavam. Sim, porque, afinal de contas, ela refletia: um rapaz de trinta anos não tem o direito de viver como um velho de noventa.

Felipe não andava, arrastava-se; falava baixo e nunca abandonava os aposentos reservados para ele pela mãe solícita.

As vezes, Françoise provocava-o.

— Já foi moço algum dia, sr. Felipe? Já caçou, nadou, trabalhou nalgum passado remoto? Não creio. O senhor parece esquecer-se que homens como o senhor, com tanto direito quanto o senhor tem a êsse conforto, estão passando fome e tiritando de frio para salvar a sua pátria, estão morrendo por ela.

— Quer ter a bondade de me dar aquele livro que está ali, sôbre a mesa?

Françoise entregava o livro e virava as costas.

O patriotismo, a vontade de trabalhar e lutar eram, para Françoise, os sentimentos próprios de um jovem francês em tempo de guerra. E tinha tôda a razão. Ela mesma desdobrava-se em múltiplas tarefas que tomavam a maior parte do seu tempo. Era enfermeira, professora, costureira, tudo que pudesse ser para ajudar a Cruz Vermelha. Enquanto restavam horas livres ela aceitava novas ocupações.

A presença da moça animava aquela casa cheia de velhos. A sua prodigiosa atividade era um poderoso estimulante. Só Felipe não era contagiado pelo entusiasmo da jovem. Sua fisionomia impassível não traía aquilo que se passava dentro dêle.

— Dispensado por causa do meu coração fraco...

— Pode ainda fazer muita coisa — replicava logo Françoise, com convicção.

A mãe de Felipe acudia prontamente ao ver armar-se a discussão, que, aliás, era quasi que um monólogo de Françoise com apartes, em voz cansada, do rapaz.

— Dispensado por causa do meu coração fraco — repetia Felipe, imperturbável. — Não podendo ir combater, acho melhor ficar em casa. Para que sair por aí, a me queixar?

— O senhor já se queixa bastante dentro de casa...

— Qual é a utilidade dêsse patriotismo agressivo, senhorita? Acalme-se. Olhe, joguemos qualquer coisa.

E êle apanhava o baralho.

Essas partidas que jogavam às vezes, constituíam breves intervalos de paz armada. Françoise recobrava o seu bom humor e brincava com Felipe, fazendo-a rir. Êle, por sua vez, dizia galanteios. Françoise sorria, vaidosa.

Mas eram breves êstes momentos.

Um dia, Felipe interrompeu um jogo e falou à quésima-roupa:

— Por que me trata como si eu fôsse um covarde, um desertor?

— Isso não é verdade. Revolto-me contra a sua indolência criminosa...



Sua fisionomia impassível não traía aquilo que se passava no seu íntimo.

— Já repetiu a acusação. Que posso fazer? O médico repetiu-me, ontem, que não me acceitariam. Sou doente.

— Ora, Felipe, aquele velho é um alarmista. Si você fôr a êle com um resfriado, êle é capaz de diagnosticar pneumonia dupla e mandá-lo para a cama, como si você estivesse morrendo... Além do mais, alguém que levasse a vida que você leva, não poderia deixar de ficar enfraquecido. Você precisa movimentar-se. Fica sentado o dia inteiro num canto, pensando na morte da bezerra... A culpa é sua!

O "tristonho Felipe" foi sentar-se perto da lareira. Estendeu as mãos brancas e

(CONTINUA NA PAG. 44)



LINGERIE ELEGANTE

1 — Combinação de setim lingerie com bordado aplicado do lado fosco. 2 — Original camisola de seda "peau d'ange" com uma pala recortada em setim, hombrinhas com franzidos. 3 — Combinação com renda em cima e na saia. 4 — Muito interessante esta combinação de lingerie de seda com fitas de setim. 5 — Talhe reto e renda é a linha simples e elegante

desta combinação. 6 — Robe de Chambre em rayon com bordado prateado. 7 — Robe de chambre com talhe imitando casaco, só dos lados, como basquinha. 8 — Vestido americano em setim bordado, bolsos embutidos. 9 — Vestido americano em setim com tiras claras e enfeites em seda escocesa.

inencarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO



O JOCKEY CLUB MUNDANO



Mais um "meeting" turfístico que alcançou grande sucesso realizou-se domingo ultimo no Hipodromo da Gavea.

As elegantes frequentadoras do Prado Jockey Club, enquanto faziam o "footing" pela "pelouse", foram surpreendidas pelo nosso fotografo que ali colheu os flagrantes que ilustram esta pagina.



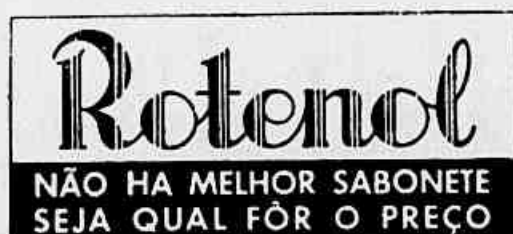


A paixão curou o invalido...

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 41)

magras para aquecê-las ao fogo. Olhou para os chinelos, depois para o "chambre" de convalescente crônico... Envergonhou-se, com certeza, porque, de repente, espigou-se e exclamou:

— Tudo isso só porque as môças são louquinhas pela fardal



Nada disso aconteceu. Ele chegou, simplesmente, um pouco atrasado para o almoço e fingiu não ver as expressões de surpresa e consternação da mãe e das criadas, espantadas com o seu procedimento.

Os passeios misteriosos se repetiram e se multiplicaram. Em conversa, Felipe nunca aludia a êles mas, evidentemente, qualquer coisa o preocupava. Andava tão distraído que até esquecia as portas abertas. A mãe, tímida; a criada, curiosa; a cozinheira, perplexa, e Françoise, intrigada — tôdas procuravam descobrir a razão daquela mudança.

Um dia, chegando tarde como sempre, Felipe atirou o chapéu sobre o sofá e deixou-se cair numa poltrona como um homem que vem cansado do trabalho. A mãe estremeceu, a criada voltou-se bruscamente, a cozinheira chegou à porta da cozinha para ver o que estava acontecendo, e Françoise abriu a boca, espantada.

Sem Felipe a casa perdia toda a vida que a animava. Nem Françoise bastava para afastar o tédio desencorajante e inelutável que abatia a todos.

Não se acendia mais o lustre grande, porque Felipe quasi nunca estava em casa. Por toda parte viam-se livros abandonados pelo rapaz depois de folhear impacientemente algumas páginas.

Françoise sentia falta das partidas que jogavam.

Um dia não se conteve:

— Felipe, onde é que você passa o dia?

— Passeio. Visito amigos, ando a cavalo. Você me fez ver como era vergonhosa a minha preguiça. Não ousei mais ficar em casa. Saio para distrair-me.

Podia ser verdade. Não havia nenhuma razão para que ela não desse crédito à explicação. Entretanto os repetidos passeios não se poderiam explicar tão facilmente. Que legião de amigos era essa que ele visitava durante o dia e à noite, após o jantar?

Batendo a porta com força atrás de si, o "tristonho Felipe" partiu na chuva. Dentro de casa houve comentários ansiosos.

— Onde vai ele tão cedo?

— Por que saiu?

— Vai apanhar um resfriado, na certa!

Françoise teve uma idéia. Não era muito bonito o que decidira fazer, mas tinha que saber onde ele ia. Seguiu-o. A noite era escura e a rua estava quasi deserta. Felipe não parava mais. Subia uma rua, descia outra, atravessava uma praça, passava por uma avenida. Onde iria ter?

Françoise pensou em mulher. Seria isso? Iria ver uma mulher? Seria loura ou morena? Amava-o?

Felipe entrou pela rua da Prefeitura e parou defronte de um portão. Por acaso, virou-se.

— Françoise! Que está fazendo aqui?

— Vou à Cruz Vermelha.

— Só?

— Claro.

— Mas minha mãe não permite que você saia só, à noite, com essas ruas desertas! Que imprudência!

— Tolice, Felipe! Você parece ter esquecido os outros riscos que corremos num tempo desses. Estamos em guerra. Que mal há em sair sozinha quando uma bomba poderia matar-me na cama? Além disso, na Cruz Vermelha, posso ajudar.

— Havia já muito tempo que eu não ouvia sermão. Quando volta da Cruz Vermelha? Levo-a lá agora e irei buscá-la mais tarde.

— Que é que você ia fazer naquela casa?

Ele não respondeu. Apressou o passo e tomou o braço dela. Françoise refletiu que o braço que a amparava nada tinha de frágil. Era firme e musculoso. Estranho Felipe! Como se transformara!

A porta da Cruz Vermelha ele se despediu. Na hora da saída esperava-a. Parecia muito contente consigo mesmo. Françoise perguntou:

— Seria indiscreto perguntar onde vai esta noite? Agora deixa-nos sozinhas em casa tôdas as noites.

— Não foi você mesma quem me censurou, não faz muito tempo, por ser tão caseiro?

— Bem...

— Será que já não me acha mais o "sem vontade"?

— Você está melhor. E, além disso, agora que somos amigos, não quero julgá-lo. Aceito-o como é.

— As mulheres são estranhas...

— Vai ou não vai dizer porque sai tanto? Zangou-se comigo?

— Absolutamente. Tenho vários... compromissos. Por que essa curiosidade?

— Saudades dos nossos jogos...

— Breve lhe contarei o meu segredo...

Chegaram em casa. Felipe tirou o sobretudo. Ela aproximou-se.

— Não está com frio?

— Não — respondeu o rapaz. — Nem senti o vento. Acho que o frio me faz bem.

— O frio é terrível aqui. Na rua, então...

Estavam de pé, um defronte ao outro. Françoise riu, sem saber por que. Encararam-se. De repente um estranho constrangimento os embaraçou. Nenhum dos dois pôde explicar, mais tarde, como tudo começou, mas ambos afirmaram que terminaram aos beijos.

— Sabe onde vou tôdas as noites? Quando me apaixonei por você, vi logo que não poderia continuar naquela apatia. Tinha que fazer qualquer coisa. Tinha que trabalhar. Alistei-me de qualquer maneira. Aceitaram-me porque estão precisando de homens dispostos a fazer qualquer serviço. Não posso servir nas trincheiras, está claro, mas serei telegrafista...

— Felipe!

— Meu amor!



Numeros atrasados desta revista no Pará

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 85 - Belém



CONTINUOUS

Os homens não esquecem...

UM ROSTINHO SIMPÁ-
TICO COM UMA CUTIS
MACIA E SAUDÁVEL! SE-
JA UMA "LEMBRANÇA
INESQUECÍVEL" NO SEU
AMBIENTE, CORRIGINDO
OS DEFEITOS DA SUA
CUTIS COM O



OLEO *de* VIOLETAS

de Mme. GRACA
DISTRIBUIDORES: **ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃO** RUA DA ALFÂNDEGA 108

MODELOS AVULSOS

Alguns detalhes muito originaes da moda atual que são uma estilisação do seculo passado.

Sumamente graciosa a capinha com o chapéu e os típicos babados sob a saia, os lacinhos e a fita da "capota" passados sob o queixo. O bolero, com o corpete, tendo como complemento o chapéu de babadinhos de organza e flores, também é típico.

Uma pagina bem interessante e
que é uma volta ao passado
romantico.



ORGANDY

DE BAZIN

Os perfumes têm, como as artes e as letras, os seus grandes mestres e as suas obras primas. ORGANDY de BAZIN é a grande obra prima da perfumaria.

**A' VENDA
EM TODO
O BRASIL**



sorio de enfeite para a rua; chale* de lã, de seda es-
cosseza, de "chiffon", de "georgette", renda, etc. em
grande variedade de cores e panos. (Assim an-
davam as nossas avós, quando eram as formosas Nha-
nhans). Para a saia e blusa, surge como complemen-
to o bolero, traje gracioso e bem apropriado a's varia-
ções repentinas do nosso clima; sendo que o bolero,
ou casaco curto, favorece as menos esbeltas nas quaes
não assentam muito as saias e blusas.

OS CHAPÉUS

Não se póde dizer que haja uma moda para os cha-
péus de hoje, diferente dos de hontem. O que se nota
é que o chapéu voltou a fazer parte integrante da toi-
lette feminina, pois só ele completa a elegancia, e era
francamente paradoxal e disparatado o uso da luva
sem o chapéu. As extravagancias dos dias ociosos e
malucos ja' passaram. Vivemos uma realidade dolo-
rosa e ela vai integrando o bom-senso no seu lugar;
tudo vai seguindo um ritmo mais sério e equilibrado.

Os chapéus para o verão são confeccionados de
crochet seda, palha, laise, chiffon e até só de rendas,
de fitas ou "bouquets" de flores; contudo ja' não se
vêem mais os feitiços extravagantes de chapéus que pa-
reciam formas de doces, caçarolas, e outros utensilios
exoticos para taes applicações.

Os chapéus pequenos são os preferidos, a côr mais
usada é o branco, e pela manhã os chapéus tipo boina,
ou como esse de Veronica Lake, são os mais adequados.
Procura-se em tudo o mais pratico para as "filas" e
para o aperto nos bondes e onibus.

O que se usa em Hollywood

JANET MACKENZIE

As noticias de New York, sobre modas, continuam a
dar-nos sómente modificações em detalhes de pouca
importancia, e todas visando economia de milhares
de metros de fazenda. Temos assim como novidades
a manga bem curta e os decótes em V ou arredonda-
dos. Casas de grande cartaz como Bergdorf, sentin-
do a necessidade de lançar alguma inovação, impu-
zeram em sua recente exposição os vestidos enfeita-
dos atraz e bem lisos na frente; babados, pregas, laços,
franzidos, tudo para traz.

Hattie Cornie, outra das grandes criadoras de
modas, esta' introduzindo a volta do chale como aces-





Ao alto, à esquerda :

Ainda Dolores Moran exibindo uma toque com fitas em três tons de ultramar, cobalto e celeste.

Ao alto, à direita :

Joyce Reynold, veste uma toilette própria para casino, ou alguma reunião elegante. Costume de moiré preto, com fecho de "zip" na frente e um babado de Valenciennes por dentro. Chapéu de moiré preto com duas plumas brancas, postas dos lados: atrás à frente.

A' esquerda :

Joan Leslie numa bonita e elegante toilette para as compras e visitas mais intimas. Blusa de seda verde-avição, saia verde escuro, bolsa, luvas, sapato e chapéu, verde-escuro. A blusa é enfeitada com babadinho plissado aberto nas pontas, e no cinto da saia um cometa em pedras de cristal.

A' direita :

Esta boina elegante pode ser usada a qualquer hora pois é discreta e muito distinta.

Dolores Moran — Warner



TRABALHO MANUAL

RENDA DE LUXENIL feita
em crochet

O crochet como o tricôt, não cãe da moda, é sempre um bonito adorno para o lar. Este pano é executado em linha brilhante C. B. em cõr de havana, para moveis da mesma cõr. Fazem-se primeiro os galões de crochet da largura desejada; depois sobre um pedaço de cartolina alinha-se o galão que se vai unindo com pontos de filô, renda irlandeza e barrêtes.

Uma combinação destes quadrados pôde servir também para guarnecer uma toalha de mesa em linho granité.

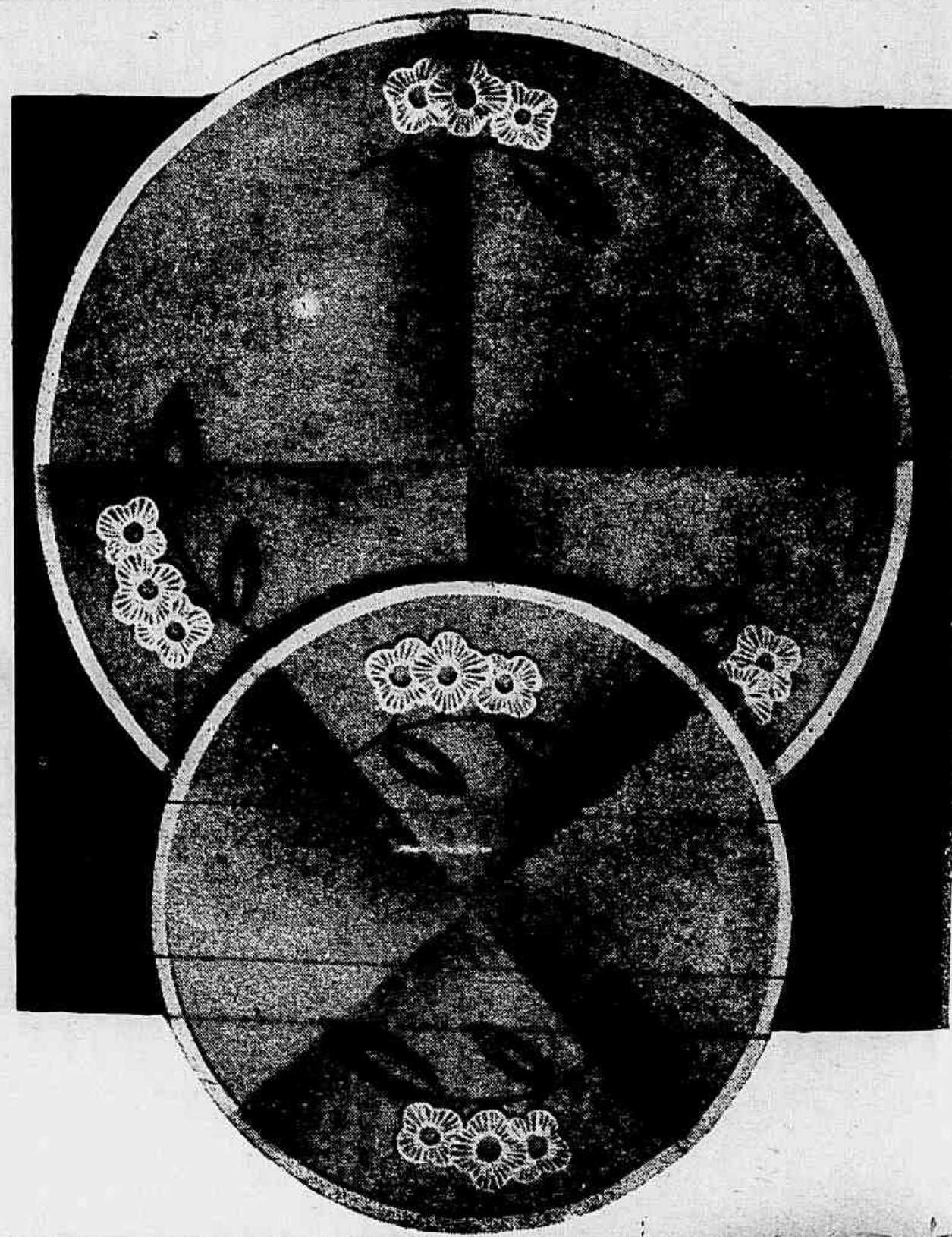
TOALHAS PARA SERVIÇO DE
REFRESCOS

Este trabalho bem facil pode ser feito em linho ou organdy, com linha mercerizada em matiz; é formado por um grupo de três flores, bordadas em festonê de cores alegres e três folhas em verde. Compõe-se o serviço de refrescos, de: 1 toalhinha para a bandeja, três para o frasco de cristal de refresco, e os pratos também de cristal, com salgadinhos e bolos, e 6 para os copos dos convidados.

Qualquer modificação a introduzir pode ser copia ou desdobramento do desenho. É um trabalho util e vistoso.

Renda de Luxenil em crochet

Toalha para a bandeja



Viagem de regresso

(Continuação da pág. 34)

Não pensa um minuto sequer em devolver o dinheiro ao garçon. Aqueles níqueis e aquelas notas representam para ele a viagem de bonde até em casa, o cigarro reconfortante e um jantar modesto. E' pouco, mas para ele representa muito. E esta migalha de conforto será o fruto de sua primeira desonestidade. Mas Gedeão não tem remorsos. Esta' cansado de ser honesto.

Após ingerir um bife duro em um restaurant de terceira, pega o bonde e rumo para casa.

Ali foi recebido como esperava. E apertado pelos braços da irmã e da mãe, teve que fazer força para não chorar.

Tudo estava como deixara. A sala era a mesma, com as mesmas tricromias santas encaxilhadas em madeira barata, suspensas das paredes. Não havia ali os bustos caros da biblioteca do antigo palacete, mas os Cristos pobres de belchior tinham o mesmo sabor de lar recuperado. A mesa grande, lavada a sabão, era também uma recordação que o pusera saudosos, quando comia em Belo Horizonte, nas mesas das pensões proletárias.

Gedeão, conseguindo por fim livrar-se um instante dos abraços de D. Mariquinhas, declara:

— Agora vou ao quarto abrir a mala. Trouxe umas lembranças para vocês. Umas besteirinhas. Mas deixa eu ir para o quarto, enquanto Mamãe enche o banheiro para mim.

Jogando por fim a maleta sobre a cama, o rapaz tira os sapatos, desaperta a gravata e puxa o fecho de metal. Mete a mão dentro da mala e retira uma camisa.

Olha cheio de assombro para aquela peça de vestuário que lhe é completamente estranha. — uma camisa de seda com monograma dourado — A. M.

Da' um salto e segura as grades da cama. Sente a canga rodar. Os moveis sobem para o tecto, a lampada cresce rapidamente ante os seus olhos até ficar grande como um sol de verão, brilhando firme. E ele, durante um instante, só vê aquela luz enorme viva e ardente como um incendio universal.

Pouco a pouco a serenidade volta ao quarto. O moço esta' ainda seguro à cama, como que petrificado. O seu raciocínio concatena os fatos, numa sequencia logica:

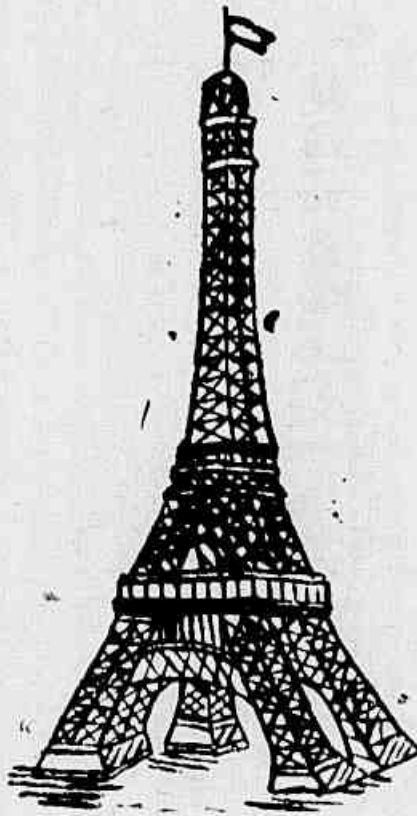
"A mala foi trocada, é evidente. — A. M., A. M. — quem foi que disse que o homem se chamava Avelino? Ah! foi a propria policia. Agora ele se recorda: A. M. — Avelino Macedo. E' isto.

Tudo esta' claro. Macedo, percebendo a policia, viu logo que estava perdido. E, notando uma maleta igual à sua, trocou-a, enquanto Gedeão estava no lavabo e os policiais na plataforma. Tudo muito simples. Ninguém poderia mais provar que o Macedo levava uma mala suspeita. Seria solto, talvez procurasse a fortuna.



A TORRE EIFFEL CONFECÇÕES LTDA.

RUA DO OUVIDOR, 97-99
RIO DE JANEIRO



VARIADO SÓR-
TIMENTO DE
ARTIGOS FINOS
PARA CAVA-
LHEIROS DE
FINO GOSTO.

— Talvez a procure, pensa Gedeão. Mas nunca a encontrará. Sim, porque Gedeão o honesto está disposto a tomar a defeza daquele tesouro que lhe foi dado pelo destino, num vagão do rapido mineiro.

Uma suspeita apertada porém o coração do rapaz. E si nada houvesse na mala? E si tudo fosse um "bluff"? Metendo as mãos na maleta tira o conteúdo para fora e espalha tudo pela cama.

A tinteira o prega de novo ao solo. Ali estão, sobre o seu leito humilde, pedras azuis, transparentes, enormes, pedras verdes, pedras amarelas. Ali estão pacotes de cédulas que fazem advinhar fortunas fabulosas.

Como um Falcão Dias maluco, Gedeão toma as pedras, atira-as para o ar, rasga os envelopes, espalha o dinheiro pelo quarto, num delirio infernal.

D. Mariquinhas, bate à porta gritando: — "Gedeão, meu filho, o banho está pronto!" — "Já vou, mamãe, balbucia o rapaz. Estou separando os presentes que trouxe para você e Laura.

E tomando duas pedras azuis grandes como caixas de fosforos, Gedeão sai para a sala. As mulheres, ao verem aquelas joias, quasi caem para traz.

— Mas rapaz, onde arranjaste isto?

— Então vocês pensam que eu fui a Minas para voltar pobre? — Meti-me no negocio de pedras e fiquei rico, fiquei milionario. Estas duas agua-marinhas são pequenas em relação às outras que eu trouxe.

E agora vamos é tratar de mudar daqui e viver folgadamente outra vez, conclue autoritario, Gedeão o honesto.

D. Mariquinhas acrescenta: "E' justo, depois de tanto trabalho e de tantas amarguras porque passamos. Mas é bom que vocês saibam meus filhos, a verdade que eu sempre lhes repeti: "Quem é honesto acaba sempre vencendo!"

Gedeão toma a toalha e dirige-se ao banheiro.

D. Mariquinhas vai a cozinha fazer um café para o menino.

Laura, no quarto, em frente ao espelho, coloca a agua-marinha sobre o colo, para ver o efeito que faz.

Na parede da sala vasia, o Cristo pobre de tricromia barata, abre os braços acolhedores, dizendo em palavras vermelhas de monótipo: "Bemaventurados os justos e os honestos, porque eles serão recompensados."

A Agua de Haya

(Continuação da pág. 24)

Alguns o chamaram em vida, e ainda agora se repete, "um gênio", e mesmo o mais alto da raça latina. E' incontestavelmente, um exagêro. Um gênio, como Vitor Hugo, disse, é alguém que caminha "com um pé no futuro", isto é, alguém que rasgou horizontes novos à verdade, em qualquer dos seus domínios. Gênio é um Goethe, é um Darwin; são outros dessa familia.

Mas nem só os gênios merecem as mais altas homenagens.

Rui Barbosa foi o mais prodigioso talento verbal do nosso meio contemporâneo. Ninguém como ele para achar imediatamente a fórmula exata de expressão para qualquer idéia.

Isso não é, como a alguns se pôde afigurar, uma tarefa secundária. Muitas verdades não se difundem, por falta de alguém que as saiba trazer à plena luz e impô-las à convicção dos homens. Rui o fazia sempre de um modo superior. O que ele exprimia — exprimia de forma tal que convencia e persuadia mesmo os mais rebeldes.

Esse poder enorme é o pôs ao serviço das mais belas e das mais nobres idéias. Foi uma força viva de nossa civilização. Sempre que nos debatíamos nas trevas, podíamos procurar confiantemente aquele alto farol.

De mais, esse homem prodigioso foi um trabalhador formidável, um trabalhador incansável. Agora mesmo, até as vésperas de sua morte, éle era o laborioso metódico, que se levantava todos os dias às 4 horas da madrugada e sem um desfalecimento trabalhava três horas, seguidas. E isso éra por assim dizer, a dose minima de trabalho quotidiano, porque, depois, pelo dia adiante, éle voltava ao serviço com uma infatigável constância.

Esse exemplo é admirável.

Os que só conheceram Rui Barbosa, na tribuna ou pelos seus escritos, podem, muitas vezes, tê-lo achado agressivo e intransigente, com o orgulho de quem não admite contestações.

Na realidade, porem, tratado de perto, Rui era o mais docil e brando dos homens. Ouvia de qualquer pessoa qualquer objeção e atendia-a sem o menor enfado. Era bom e meigo. Era de uma simplicidade encantadora.

E isso tinha tanto de meritório quanto éle vivia no meio da adoração fanática dos seus e de alguns íntimos, adoração que faria perder a cabeça a outro menos cheio de mérito do que éle.

Rui Barbosa abre um vazio formidável com a sua morte.

♦ ♦ ♦

Assim foi Rui Barbosa, o Mestre.

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE



MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfazé ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfazé permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfazé "Brilhante".

Experimente-o.

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

**Alívio Para
As Erupções
Da Eczema**

Um dos mais importantes problemas do médico é o tratamento bem sucedido das dermatoses. Numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo e moderno tratamento científico: o emprego de BELZEMA, para eczemas, eczematides e psoríase da pele.

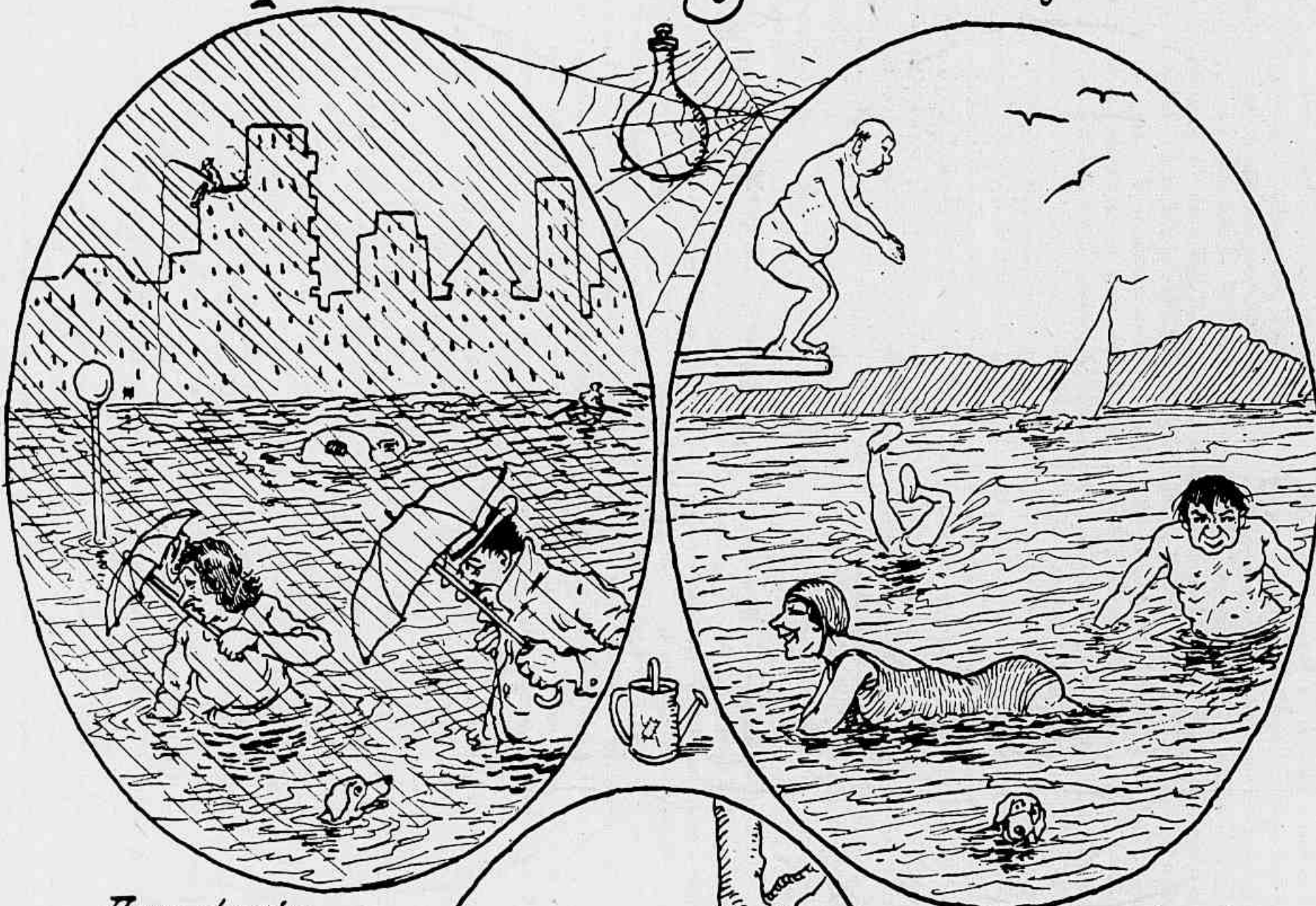
BELZEMA tem sido aplicada com o máximo sucesso em casos de erupções obstinadas já muito antigas. Com o emprego de BELZEMA as coceiras cessaram imediatamente e com a continuação do tratamento, a pele tornou-se novamente limpa e macia.

BELZEMA não é visível nem sentida, quando aplicada. Não mancha a roupa e não requer ataduras.

Use BELZEMA hoje mesmo e veja como se sentirá aliviado. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se limpa e atraente.

BELZEMA

Um pouco d'água



Água do céu.

Água do mar.



Água de barrêla.

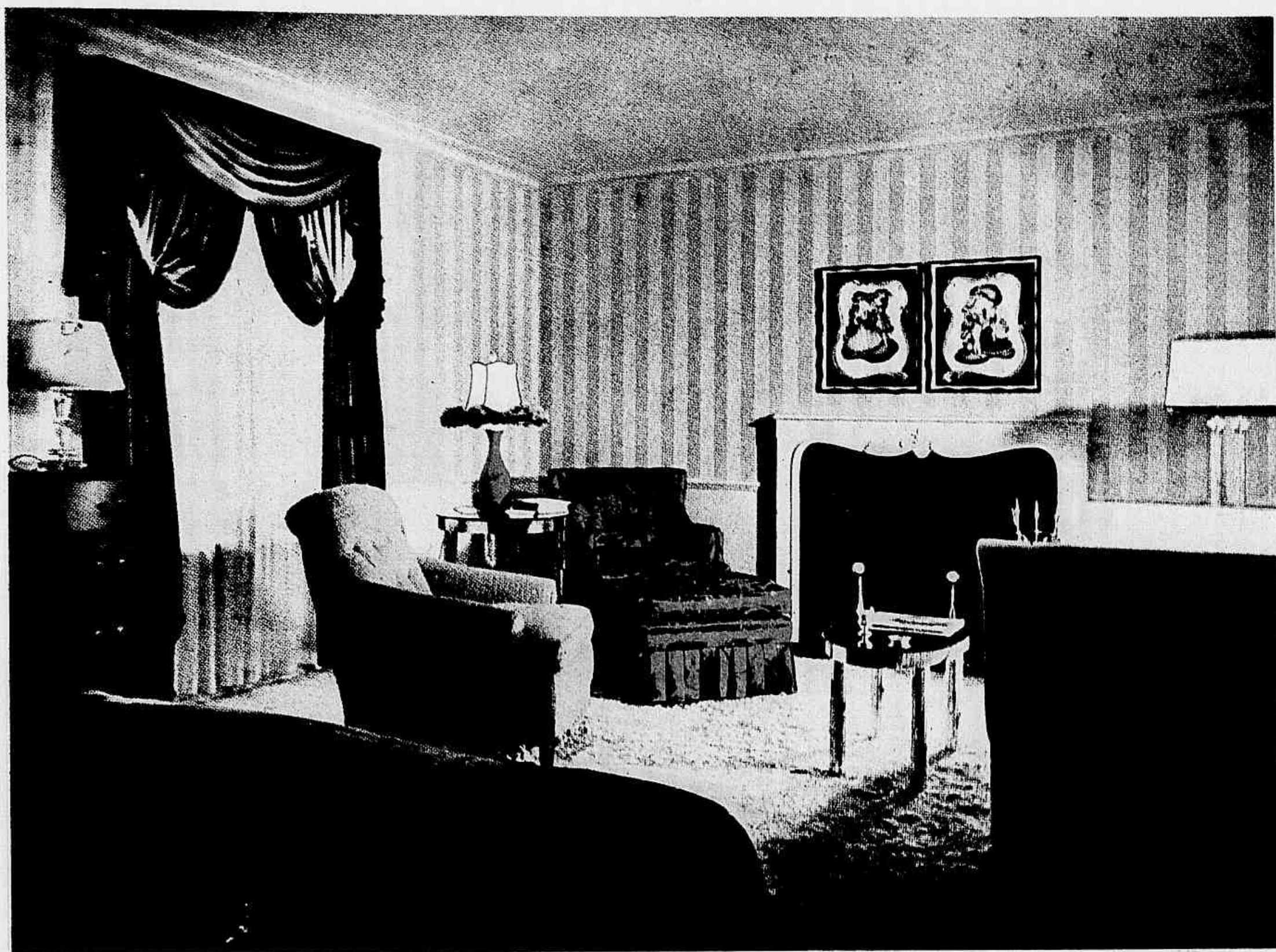
"Águinha".



Água... forte.

Água na boca.

Água do pote...



Detalhe de um dormitorio

Numa residencia moderna, os mobiliarios dos dormitorios devem subordinar o luxo e a arte aos novos preceitos de higiene, indispensaveis á boa saude de seus ocupantes.

No quarto de dormir que aqui aparece, a cor dos meveis, os seus contornos, os estofos que os guarnecem, a ausencia absoluta de madeira torneada e de almofadas escuras, tudo favorece um combate eficiente á poeira, embora com isto nada venha a perder a beleza sobria deste aposento.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNIES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 - RUA DA CARIOCA - 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA. DE CIGARROS
SOUZA CRUZ

Epoca